

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Um verão assinalado Chipre pediu à U.R.S.S. o envio de «caças»

Duarte Leite, que se fosse vivo completaria hoje cem anos, pode, sem favor ou exagero, apontar-se como um verão assinalado na sociedade portuguesa do seu tempo. O saber, o aprumo, a singeleza e eloquência de exposição, falando ou escrevendo, afinaram e valorizaram nele dotes naturais de inteligência e desassombro para compor uma personalidade rica de cambiantes intelectuais e vigor moral.

Em todos os meios onde se fez sentir a sua presença e se propagou a irradiação do seu espírito, viu-se consagrado pelo voto unânime de discípulos, colegas e admiradores, que os teve nas mais diversas camadas sociais. Mestre acatado e bairrista ardoroso, no Porto, político sagaz e homem de Estado enérgico em Lisboa, diplomata e pregador de luso-brasileirismo no Rio de Janeiro, deixou vincada a sua passagem pelas três cidades que foram cenário da sua actividade consagradora.

A política não limou as arestas marcadas da sua personalidade nem constituiu, para ele, paixão absorvente ou ocupação prolongada. Mas o culto de acrisoladas virtudes cívicas empolgou-o, desde que deu

os primeiros passos na vida pública, e tornou-se o norte da rota que para si traçou e a que se conservou fiel. Duarte Leite foi um indefectível republicano e só aqueles que compreendem o profundo significado, ético e humano, desta qualificação, sabem o que ela vale em espírito de sacrifício e devoção a uma ideia de redenção nacional, em corajoso proselitismo e em rigorosa observância das regras a que se submetem os que dela foram dignos, enquanto vivos, e depois de mortos podem invocar-se como modelo de consciente cidadania.

A cátedra e o jornal absorveram-no desde que, com pouco mais de

(Continua na 14.ª página)

A firme continuidade da administração financeira (apesar dos encargos da defesa) está patente na Conta Geral do Estado

Informou-se oficialmente, há poucos dias, que o Conselho de Ministros prestou expressa homenagem ao titular da pasta das Finanças «pela orientação que tem sabido dar à vida financeira do Estado», confirmando «a possibilidade de a Nação manter o esforço de defesa que lhe é exigido e que, por inteiro, é financiado pelas receitas ordinárias do Orçamento Geral do Estado». As razões documentadas do louvor encontram-se minuciosamente explicitas no relatório do Ministério das Finanças sobre a Conta Geral do Estado de 1963, que foi hoje dado a público com significativo relevo.

O relatório apresenta em abertura como é habitual, uma apreciação genérica da conjuntura económica no mundo durante o ano transacto, com desenvolvimento indicadores sobre a evolução registada na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América. Segue-se a análise da evolução geral da conjuntura em Portugal metropolitano. Regista-se, especialmente,

(Continua na 6.ª página)

CAIRO, 11 — (A.N.I.) — A agência egípcia M. E. N. A. afirma hoje ter sabido da fonte autorizada que o Governo cipriota pediu à União Soviética que envie para a ilha um esquadrão de «caças» a fim de ali ficarem estacionados e evitarem qualquer nova agressão turca.

A agência diz que o pedido de aviões é apenas uma parte do auxílio militar solicitado pelo presidente Makários a Moscovo. Círculos governamentais cipriotas revelaram em Nicósia que foi pedido auxílio à Rússia, à R. A. U. e à Síria, mas até agora não foi anunciada a resposta de qualquer dos três países.

AVIÕES TURCOS EFECTUARAM NOVOS VOOS SOBRE A ILHA

ANKARA, 11 — (R.) — Aviões a jacto turcos fizeram hoje novos voos de reconhecimento sobre Kokkina, no Noroeste de Chipre, mas não abriram fogo.

Um informador do Governo turco declarou que as missões de reconhecimento foram decididas depois de serem recebidas notícias segundo as quais se travava ali tiroteio.

A atitude da Turquia é de que os voos de reconhecimento devam prosseguir até que os cipriotas gregos regressem às posições das quais lançaram o seu ataque contra localidades cipriotas turcas.

O informador revelou que o primeiro-ministro da Turquia respon-

(Continua na 7.ª página)

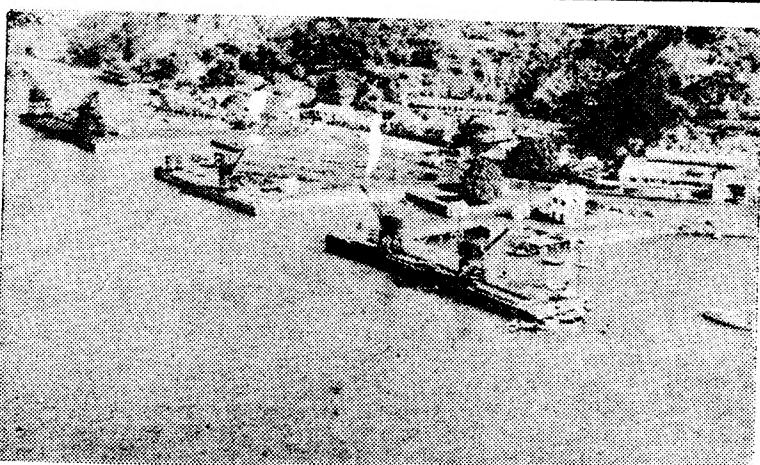
O CINQUENTENÁRIO DA I GUERRA MUNDIAL

8 AS ANOTAÇÕES DO KAISER por CARLOS FERRÃO

A resposta da Sérvia ao ultimato austríaco, entregue em Belgrado, um quarto de hora antes de expirar

o prazo de quarenta e oito horas fixado naquele documento — portanto às seis menos um quarto da tarde de 25 de Julho — era concebida em termos significativamente moderados e dava satisfação, apesar do carácter insolito de alguns deles à quase totalidade dos pedidos formulados naquele documento.

(Continua na 11.ª página)



Uma vista aérea das instalações portuárias de Hongay, antes de ser bombardeada pela aviação norte-americana. Hongay foi uma das cinco bases que na noite de 4 para 5 serviu de alvo às bombas dos Estados Unidos.

Nota do dia

DIALOGO

Embora a palavra não goze da simpatia daqueles que receiam a discussão livre e nem sempre estão dispostos a ouvir aquilo que não lhes convém, e se mostram frequentemente propensos a fazer vista grossa sobre aquilo que não querem ver, a verdade é que ela adquire uma latitude cada vez mais universal e representa uma necessidade cada vez mais premente. Desta vez é o chefe supremo da Igreja que faz dela o «leit motiv» da encíclica em que se dirige não apenas aos cristãos de obediência católica mas a todos os «irmãos separados» e aos próprios ateus, com o propósito de atrair de novo ao seu seio os que dele se afastaram e de converter à sua doutrina os que se recusam a acreditar nela. «A Igreja — acentua a carta pastoral subscrita por Paulo VI — deve estar pronta a apoiar o diálogo com todos os homens de boa vontade dentro ou fora do seu recinto». Toda a encíclica papal é informada por um nobre espírito de tolerância e um desejo de reconciliação cristã que não deve passar despercebido e se reveste do mais alto significado, na medida em que o Papa reconhece «a necessidade para a Igreja de não abs-

trair do mundo moderno». Decidida a «corrigir os defeitos dos seus próprios membros» no sentido da perfeição que se pretende alcançar, a Igreja não se recusa «a reconhecer, com respeito, os valores morais e espirituais das diferentes confissões religiosas não-cristãs» e propõe-se «promover e defender os ideais que possamos ter em comum, no campo da liberdade religiosa, da fraternidade humana, da cultura, da assistência social e da ordem civil». Esta deve ser, com efeito, a base do diálogo em que a Igreja se empenha, «desinteressado, objectivo, leal», e de cuja prática, dentro desses princípios de correcção e de objectividade, só podem resultar benefícios.

MOÇAMBIQUE DE HOJE VISTA DE RELANCE — 8

O HOMEM DO RIQUEXÓ

por MANUEL DE AZEVEDO

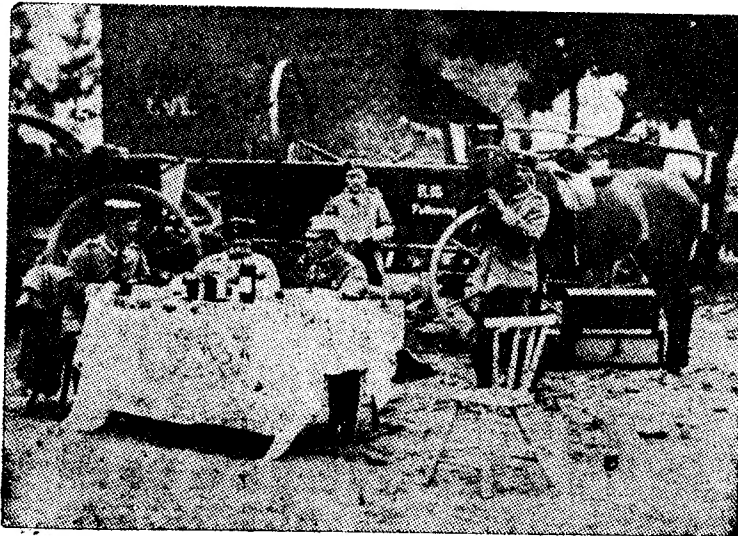
ILHA DE MOÇAMBIQUE, Agosto — A lancha que nos levou, em 40 minutos, do cais do Lumbo à ilha de Moçambique, era uma espécie de bisturi rasgando lentamente um sulco na superfície tranquila da baía. O sol da tarde fazia brilhar algumas pérolas nas franjas de espuma e dava à ilha a tonalidade das miragens.

A medida que avançávamos, a mancha amarelada ganhava formas e relevo, parecendo uma cidade fantasma a surgir do oceano, como que tentando barrar-nos a saída para o Índico.

Dizem-nos que alguns tubarões penetram, por vezes, nas águas balneares da baía, mas a quietude do ce-

(Continua na 11.ª página)

VISADO PELA CENSURA



Numa povoação invadida, os alemães tomam ao ar livre as suas primeiras refeições. A certeza da vitória dava-lhes entusiasmo e confiança para fazerem as suas saídas antes de a alcançar. Essa euforia inicial, com o tempo e os reveses, transformou-se até à liquidização das suas esperanças no reconhecimento da derrota em Novembro de 1918

Diário de Lisboa
HOJE 24
PÁGINAS
nas quais se inclui
ÊXITO
E
JUVENIL

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

A MENSAGEM DO JAPÃO

No Ministério dos Estrangeiros entregaram ontem ao secretário geral, embaixador dr. Luiz Archer, uma mensagem dirigida pelo governador da Prefeitura de Kagoshima, no Japão, ao sr. Presidente da República. Foram portadores da mensagem o senhor e a senhora Yukio Tanegashima. Nela se lembra que os portugueses abordaram a Ilha de Tanegashima há 400 anos, estabelecendo assim o primeiro contacto entre o Ocidente e o Japão. Os visitantes não esconderam a sua emoção ao recordarem os laços históricos que ligam o Japão a Portugal, exprimindo em seu nome pessoal e no do governador e povo da Kagoshima, o desejo de um estreitamento ainda maior das relações amistosas entre os dois países.

ESTUDANTES DE ANGOLA NA CÂMARA MUNICIPAL

Na linda sala «Rosa Araújo», baptizada com o nome do impulsor da Avenida da Liberdade e que lá tem um belo retrato dele devido ao pincel privilegiado de Colum-

bano, o general França Borges, presidente do Município, recebeu ontem à tarde os alunos finalistas da Escola de Regentes Agrícolas Vieira Machado, de Angola. Encontram-se esses estudantes de visita à metrópole. Houve troca de saudações e o sr. general França Borges disse da sua grande satisfação em receber sempre a boa gente do Ultramar português. Enalteceu a acção de Portugal nas províncias ultramarinas, em especial em Angola, que ele visitara recentemente e durante a qual teve ocasião de verificar o portuguêsismo de todos que nela habitam.

TRUCIDADO PELO COMBOIO

O operário sr. António Areias Veloso, conhecido pelo «Rita», de 35 anos, casado, da freguesia de Gavião, perto de Vila Nova de Famalicão, caiu à linha e foi trucidado por um comboio. O caso ocorreu às 21 e 30, no lugar de Monquim, parecendo que o infeliz foi acometido de doença mental.

INCENDIO NAS EIRAS

Bem perto de Freixo de Espada à Cinta, em Fornos, declarou-se incêndio numa eira em plena debulha. Foi difícil dominá-lo. Tão difícil que ocorreram bombeiros de todas as redondezas. Quinze palheiros com uns 400 alqueires de cereal, madeiras, batatas, foram consumidos pelo fogo. Acorreram a combater os bombeiros de Moncorvo, Lagoaça, Mogadouro e Freixo de Espada à Cinta que evitaram que o sinistro destruisse casas de habitação.

CICLISTA contra ciclista

Na estrada nacional, em Santo André, passava o ciclista sr. Albino Peralta, de Fonte Angélio. Em sentido contrário vinha outro ciclista motorizado, o sr. Manuel Augusto Pinho que se ia desviar de uma senhora e de um carro de bois. Chocou violentamente com o sr. Peralta e ambos tiveram de recolher ao hospital de Vagos, muito feridos na cabeça e com escoriações em outras partes do corpo.

Linha de SINTRA

O I Seminário de Psicologia, Pedagogia e Orientação Escolar

No Colégio Vasco da Gama, em Meleças, Algueirão, prosseguiu, hoje, a 2.ª parte do I Seminário de Psicologia, Pedagogia e Orientação Escolar, promovido pelo Centro de Psicologia Aplicada à Educação, de Lisboa, de que é director o sr. dr. João António Nabais, que também dirige o seminário.

Foram, hoje, estudados os seguintes temas: «Problema da Orientação Escolar» (sua origem, natureza, legitimidade e objectivos de orientação); e «Técnicas Psicológicas ao Serviço da Orientação Escolar».

Este seminário, que teve a sua parte de carácter geral de 25 de Julho até ao passado dia 5, ministrando conhecimentos de psicologia e pedagogia aplicadas à educação a 45 professores dos ensinos liceal, técnico, particular e oficial, encontra-se, agora, na sua fase específica de orientação escolar, fornecendo conhecimentos a 29 professores de estabelecimentos de ensino, que, deste modo, ficam aptos a dirigir gabinetes de orientação escolar nos estabelecimentos onde exercem a sua actividade.

Estes cursos, durante 5 anos, permanecem sob a responsabilidade técnica do Centro de Psicologia Aplicada à Educação, reconhecido pelo Ministério da Educação.

O presente curso compõe-se de aulas práticas e teóricas, sendo estas últimas constituídas por provas de inteligência, testes, etc., de alto valor na interpretação das reacções dos alunos e sua consequente orientação.

Está previsto que, todos os anos, durante o período de férias escolares, se efectuem estes cursos de preparação de orientadores, que têm a duração de três a quatro semanas.

Os participantes têm visitado, à tarde, depois das aulas, diversos locais de interesse cultural.

Na próxima sexta-feira, efectua-se a última sessão de trabalhos e haverá almoço de confraternização.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — As 21 e 15: «Baloço para dois» (17 anos).
QUELUZ — *Queluz-cine* — As 21 e 15: «Um rato em órbita» e «Timburktu» (12 anos).
MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — As 21 e 30: «Parisiense em férias» (17 anos).
SINTRA — *Carlos Manuel* — As 21 e 30: «Amor em Las Vegas» (12 anos).
ERICEIRA — *Cine-Teatro* — As 21: «Rocamboles» e «Sindbad, o marinheiro» (12 anos).
VENDA NOVA — *Cine-Portugal* — As 21: «O filho de Spartacus» e «Uma parisiense» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Carmelo* — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303).
— *Helénica* — Rua Elias Garcia, J. P. L., lote B (Tel. 930213).
BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).
QUELUZ — *Correia* — Largo do Mercado, 3 (Tel. 950905); *Zeller* — Rua da República, 83 (Tel. 950043).
MEM MARTINS — *Químia* — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
CACÉM — *Central* — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).
SINTRA — *Marrages* — (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
VENDA NOVA — *Nova-R. Elias Garcia*, 10 (Tel. 933920).
COLARES — *Colares* — Alegria (Tel. 299088).

Exposição de fotografia dos Industriais de Moagem

Na sede do Grupo Desportivo da Federação Nacional dos Industriais de Moagem e amanhã inaugurada, às 18 horas, uma exposição de fotografias, trofeus e colecções várias, pertencentes aos seus associados.

A exposição integra-se nas comemorações do 30.º aniversário daquela Federação Nacional.

SEJA UM HOMEM INDEPENDENTE

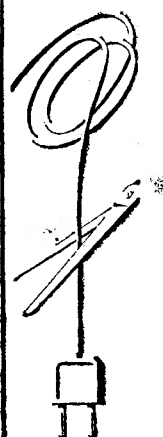
sem pincel
sem sabão
sem navalha
sem lâmina
sem cortes
sem irritação
na pele



e agora sem irritações no espírito

PORQUE JÁ NÃO DEPENDE, AO BARBEAR-SE, DA TOMADA DE CORRENTE ELÉCTRICA NEM SEQUER DO SIMPLES FIO DE LIGAÇÃO.

comemorando os 25 anos da primeira máquina Philips de barbear.



a Nova



PHILISHAVE
AUTÓNOMA

FAZ DE SI UM HOMEM BEM BARBEADO E INDEPENDENTE.

exit 2

Diário da OUTRA BANDA

Cinemas

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — As 21 e 15: «Aventuras de Tim-Tim» e «Os invasores» (12 anos).
BARREIRO — *Ginásio* — As 21 e 15: «Mogambo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALMADA — *Castro Rodrigues* — Rua Capitão Leitão, 49 (Telefone 270076).
BARREIRO — *Santa Marta* — R. do Lavradio, 76 (Tel. 2272141).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).
MONTIJO — *Montepio* — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).
SESIMBRA — *Lopes* — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETUBAL — *Normal do Sul* — Praça do Bóage (Tel. 22216).
ALHOS VEDROS — *Portugal* — Avenida da Bela Rosa, 8 (Telefone 224250).
SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2215560).
BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).



PASSEIOS TURÍSTICOS LISBOA-CASCAIS-LISBOA NO NOVO BARCO «ESTORIL-SOL»

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 60\$00

UMA HORA NO TEJO (Lisboa vista do rio)

Domingos, quartas e sextas-feiras, às 14.50 — 16.00 — 17.10
Terças, quintas-feiras e sábados, às 10.10 — 11.20 — 14.50 — 16.00 — 17.10
Partida do Pontão dos Cacilheiros no Terreiro do Paço

PREÇO — 25\$00

AS SEGUNDAS-FEIRAS NÃO HÁ PASSEIOS

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 260730

Actualidades mundiais

★ Mónica Vitti será «Modesty Blaise»

LONDRES, 11 — (A. N. I.) — A vedeta de cinema Mónica Vitti foi convidada para interpretar «Modesty Blaise», uma aventureira romântica e sofisticada que é a heroína de um conto cómico publicado no jornal londrino «Evening Standard».

O próprio jornal, ao dar a notícia, acrescentou que Joseph Janni, o produtor do filme, ia a Roma para se avistar com a actriz.

★ Cooperação do Governo turco com o produtor Dino de Laurentiis

ISTAMBUL, 11 — (A. N. I.) — O Ministério turco do Turismo e o produtor italiano Dino de Laurentiis chegaram a acordo sobre a realização dos exteriores do filme «O anjo negro», cuja urdidura se integra na conquista de Constantinopla.

A Turquia facultou ao produtor os locais necessários, os comparsas e o guarda-roupa, segundo informou o titular da referida pasta, Ali Ihsan Gogus, numa conferência de imprensa. Não indicou, todavia, a data em que a película será iniciada.

★ Vittorio de Sica estuda um novo filme de guerra

VIAREGGIO (Itália), 11 — (A. N. I.) — Vittorio de Sica deslocou-se a esta região da Alta Versilia para, na «Villa S. Anna», onde, em 1944, foram trucidadas, pelos «SS», cerca de 600 pessoas, na sua maioria velhos e crianças, examinar a possibilidade de se rodar um filme sobre aquele trágico episódio da Segunda Grande Guerra.

Deve ser Frank Sinatra o principal intérprete desta película que uma empresa de Hollywood tenciona iniciar em Setembro.

★ Um filme sobre Nevada Smith

HOLLYWOOD, 11 — (A. N. I.) — O produtor Joseph Levine contratou o actor Steve McQueen para o desempenho do protagonista do filme «Nevada Smith» que conta a história aventureiro de uma das personagens do romance de Harold Robbins, «O homem que não sabia amar». Desta obra foi já extraído o filme homónimo interpretado por Carrol Baker e George Peppard e dirigido por Edward Dmytryk.

«Nevada Smith» será dirigido por Henry Hathaway.

NO ABC

Francisco José — uma grande atracção de «É regar e pôr ao luar»

No Teatro ABC continua o êxito da revista «É regar e pôr ao luar», original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, musicada por João Nobre e Andrade Santos. É desempenhada por um elenco à frente do qual se encontram Camilo de Oliveira, Ivone Silva, António Anjos, Mariema, Rodolfo Neves, Maria da Nazaré e Armando Venâncio, com a colaboração da actriz Lígia Telles. Como atracção nacional e para uma curta série de espectáculos, contratou o empresário José Miguel o artista Francisco José, que ali tem obtido todas as noites um extraordinário êxito.

NO MONUMENTAL

Mantém-se o êxito de «Férias em Lisboa»

Há seis semanas que prossegue no Monumental o êxito de «Férias em Lisboa».

Este grandioso e moderníssimo espectáculo que nos equipara as grandes capitais do Mundo, granjeou tão unânime aplauso da parte

do público, não apenas devido ao brilho da Companhia do Baile de Alfredo Alaria, mas também, ao prestígio e popularidade dos componentes da companhia portuguesa, de que fazem parte Humberto Madeira, Irene Cruz, Francisco Nicholson, Henriqueta Maya, Manuela Maria, Braga Santos, Dora Leal, Maria Delfina, Lia Gama, Virgínia Silvestre, o fantasta Max, as atracções Tony de Matos, Beatriz da Concelção e Conjunto Sem Nome e, ainda uma torrente de belíssimas mulheres que dançam ao som da orquestra dirigida pelo maestro Fernando de Carvalho. Todas as noites, para adultos, às 21 e 23 horas «Férias em Lisboa» é apresentada na mais moderna e fresca sala de espectáculos da capital.

NO CONDES

Judy Garland em «Triunfo Amargo»

A película agora em exibição no Condes marca o regresso triunfal de uma actriz inesquecível, que ainda há duas semanas, depois de grave incidente, arrebata o público do «Palladium» de Londres, que lhe tributou a maior ovação da sua vida.

Neste filme, de categoria invulgar, Judy Garland continua a cantar da maneira como conquistou todas as audiências do Mundo, vivendo ao mesmo tempo, na tela, a torturada existência duma artista famosa a quem está vedado o direito de amar.

O coração é tocado bem fundo, com a história desta mulher que por detrás das luzes da ribalta arrasta o drama do seu amor. Dirk Bogarde tem uma actuação

certa e correcta como já de há muito nos habituou e o jovem Gregory Phillips é uma autêntica revelação que a todos encanta.

Rodada em «Panavision» e «Technicolor», com lindíssima música e belas paisagens, este filme destinado a agradar sem reservas, terá certamente longa permanência no cartaz.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «Galvo-tas em terra».

Título original — «Follow the boys».

Produção — Norte-americana.

Realização — Richard Thorpe.

Intérpretes — Connie Francis, Paula Prentiss, Dany Robin, Russ Tamblyn, Richard Long e outros.

Género — Comédia.

Distribuição — M. G. M.

Processo — Panavision e Metrocolor.

Classificação — 17 anos.

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herda.

HOJE, AS 21 HORAS

(Maiores de 12 anos)

ÚLTIMA EXIBIÇÃO

DO GRANDE FILME

A caminho da força

AMANHÃ

Estreia do grande filme

O GAVIÃO NEGRO



Electrofone monofónico com giradiscos de 4 velocidades. Amplificador com 5 transistores. Paragem automática. Alimentação por pilhas. Equipado com agulha de diamante e safira. Modelo AG 4126.

ESG-2080\$00

...quando vai para férias, julgando que lhe bastam o sol e o ar livre para se refazer das fadigas da cidade. A civilização não prescinde de si nem você dela. Ambos criaram hábitos de intimidade: são solidários e já não podem viver separados por muitas horas.

Os transistorizados Philips ligam-no ao mundo quando quiser e onde estiver.

CONFORTO



PHILIPS

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES



FREDDIE DAVIS

SENSACIONAL
«ENTERTAINER»
NORTE-AMERICANO

THE FAIRMANS

PRODIGIOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

BAILADOS PORTUGUESES

«LUSKA REVUE»

«CHARME» E ELEGANCIA EM ENCANTADORAS
SUGESTÕES DE PARIS

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

OS MESMOS ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM TODAS AS NOITES NO
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

Em MOSCAVIDE o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO, Av. de Moscavide, 23.



CURRO RÓMERO

O CLASSICO E O MODERNO, NA ARTE INSUPERÁVEL DESTA GRANDE TOUREIRO SEVILHANO

JOSÉ JÚLIO

FORTE E ARTÍSTICA PERSONALIDADE DE TOUREIRO, SEMPRE TRIUNFANTE



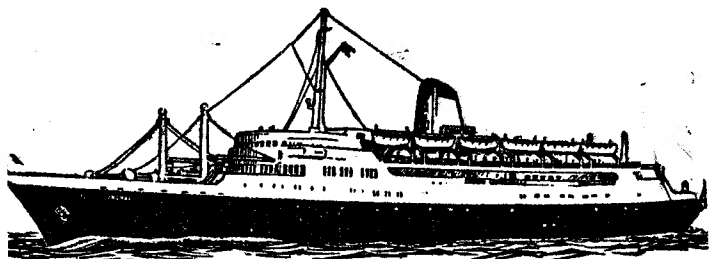
4 TOIROS DE D. M. MANUELA ANDRADE SALGUEIRO
4 TOIROS DE J. PAULINO DA CUNHA E SILVA

PREÇOS DESDE: SOMBRA, 65\$00 — SOMB/SOL, 50\$00 — SOL, 30\$00
OS MENORES DE 10 ANOS ACOMPANHADOS DE PESSOAS DE FAMÍLIA TÊM ENTRADA GRATUITA

VENDA DE BILHETES

Em Lisboa: na Agência ABEP, Praça dos Restauradores, Telef. 32 88 23, na Tabacaria da Rua 1.ª de Dezembro, 85
Em CASCAIS: na Sociedade de Propaganda de Cascais, Rua Regimento 19, n.º 18-1.ª, Telef. 28 00 66; e na Agência ABC-CAFÉ BRISA—Telef. 28 11 26
No ESTORIL — TAMARIZ e no dia da corrida também nas BILHETEIRAS DA PRAÇA

FIM-DE-SEMANA A BORDO DO N/T «FUNCHAL» INOLVIDÁVEIS DIAS DE FELICIDADE



Vá apreciar a beleza maravilhosa da Ilha da Madeira e a buliçosa alegria de Tenerife com seus típicos costumes

Inscrições para excursões em terra, no escritório do Comissário do navio

Preços de ida e volta à Madeira a partir de Esc. 1.075\$40, a Tenerife a partir de Esc. 1.508\$00

VIAGENS NO MÊS DE SETEMBRO

Partida a 10 de Setembro
Regresso a 14 de Setembro
Partida a 17 de Setembro
Regresso a 21 de Setembro

VIAGENS NO MÊS DE OUTUBRO

Partida a 8 de Outubro
Regresso a 12 de Outubro
Partida a 15 de Outubro
Regresso a 19 de Outubro

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

SECÇÃO DE PASSAGENS

Rua Augusta, 152 — Telefone 367065 (5 linhas)

SOGERE: Soc. Geral de Representações, Lda

Rua Infante D. Henrique, 36, 1.ª — Telefone 24720 — PORTO

«CONHEÇA A CURIA»

É um bilhete turístico de fim de semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de: 190\$00 — 235\$00 ou 280\$00 consoante a amplitude dos serviços prestados.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

STANLEY BAKER
PETER CUSHING
MAY ZETTERLING
ERIC PORTMAN

MILHÕES DE LEITORES E DE ESPECTADORES ELEGEM O MIS-
TÉRIO POLICIAL COMO TEMA
FAVORITO,

O HOMEM QUE MORREU DUAS VEZES

«THE MAN WHO FINALLY DIED»

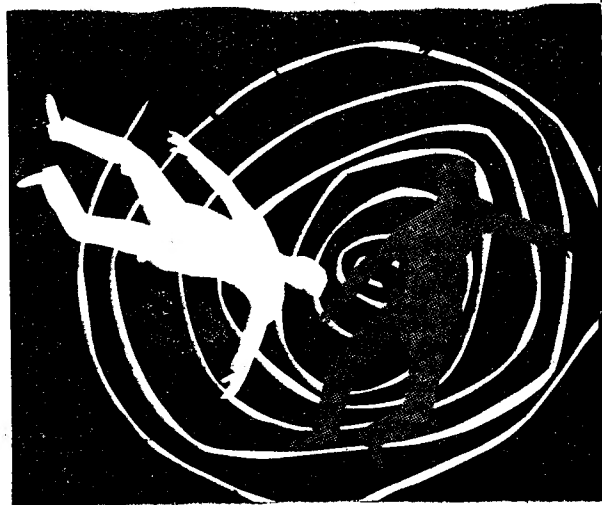
É UM FILME QUE PRENDE
DA 1.ª A ÚLTIMA IMAGEM!

ESTREIA — AMANHÃ

IMPERIO

MAIORES DE 12 ANOS

Um filme da «LUSOMUNDO»



HOJE no MONUMENTAL

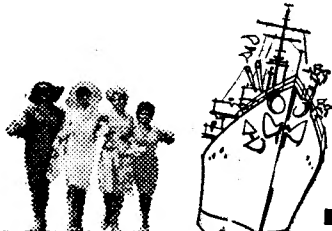
AS MAIS HILARIANTES MANO-
BRAS NAVAIS, NA ROMANTICA
COMÉDIA MUSICAL



Connie
Canta!

Gaiivotas em Terra

"FOLLOW
THE BOYS"



EM CADA PORTO
UMA NAMORA-
DA... A MESMA

PANAVISION METROCOLOR

CONNIE FRANCIS · PAULA PRENTISS · DANY ROBIN
RUSS TAMBLYN · RICHARD LONG · RON RANDELL · ROGER PERRY

JANIS PAIGE

Dirac. RICHARD THORPE · Prodac. LAWRENCE P. BACHMANN

Argum. DAVID T. CHANTLER & DAVID OSBORN

Maiores de 17 ANOS

M-G-M

AVISO — A partir da sessão da noite de hoje, o MONUMENTAL passa a exibir em todas as sessões o filme anúncio de «A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO» (12 anos)

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

Em colaboração com a EMISSORA NACIONAL

TEMPORADA POPULAR DE CONCERTOS SINFÓNICOS

Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

QUARTA-FEIRA, DIA 12 ÀS 21.30 HORAS

II CONCERTO — PROGRAMA

BODAS DE FIGARO — Abertura —, de Mozart; SINFONIA PARA PIANO E ORQUESTRA, de Vincent d'Indy; SUITE MEDIEVAL, de Frederico de Freitas; BODAS DE LUIS ALONSO, de Gimenez
Maestro Director: FREDERICO DE FREITAS — Solista: JOSÉ CARLOS PICOTO (pianista)

Comentários pelo DR. JOÃO DE FREITAS BRANCO

AINDA ALGUNS BILHETES A VENDA

PLATEIA 10\$00

(Maiores de 12 anos)

III e penúltimo CONCERTO, dia 21, às 21.30 HORAS — Bilhetes à venda, no Teatro

ABC

Telefone 36 67 45
ADULTOS



Camilo de Oliveira



Ivone Silva



Ligia Teles



Antonio Anjos

JOSÉ MIGUEL APRESENTA
As 21 e às 23 h.
A REVISTA POPULAR

É REGAR E POR AO LUAR

COM CAMILO DE OLIVEIRA

IVONE SILVA
ANTÔNIO ANJOS
A ATRACÇÃO MARIEMA
RODOLFO NEVES * MARIA DA NAZARÉ
E A ACTRIZ LIGIA TELES

E AGORA COM A ATRACÇÃO NACIONAL
Francisco José



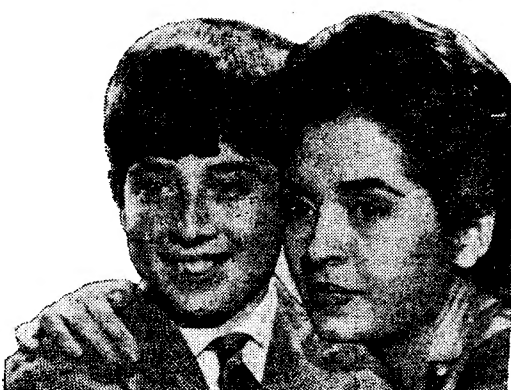
SÓ ATÉ 3.ª Feira, 17

AMANHÃ, EM ESTREIA, NO ODEON

PABLITO CALVO

COM OS NOTÁVEIS ARTISTAS PORTUGUESES
ANTÔNIO VILAR e HELGA LINÉ em

UMA JORNADA SUBLIME DO CINEMA EM LOUVOR DA
AUDÁCIA DOS HOMENS SEM TEATRALIDADES HERÓICAS



MAIORES 12 ANOS

ALERTA NO CÉU

Realização de L. C. AMADORI
EXCL. DA SONORO FILME

UM CASO VERDADEIRO QUE PROVOCOU
SENSAÇÃO INTERNACIONAL

TODA A GENTE SE LEMBRA DELE, VEIO
RELATADO EM TODOS OS GRANDES
ÓRGÃOS DA IMPRENSA MUNDIAL

A HISTÓRIA DE UMA
ODISSEIA PARA SALVAR
UMA CRIANÇA
DA MORTE



HOJE E TODOS OS DIAS NA FEIRA POPULAR de LISBOA

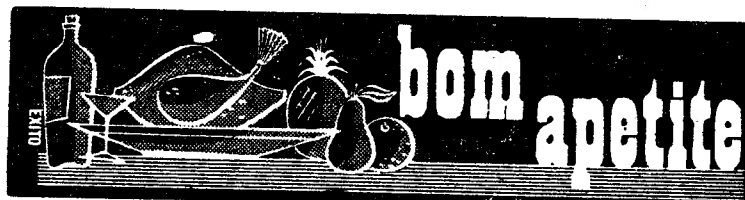
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
É UM GRANDE MOTIVO DE INTERESSE NA VIDA DA CAPITAL
PAVILHÕES DA EXPOSIÇÃO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA
PAVILHÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
E INTERNACIONAL

Percorra os seus atractivos, aprecie bem os seus múltiplos motivos de
interesse... e verá que sai decidido a lá voltar

ABERTURA ÀS 19 HORAS

HOJE — A PARTIR DAS 22 HORAS TODOS OS SENHORES VISITAN-
TES FICAM HABILITADOS AO INTERESSANTE PASSATEMPO —
O INFINITO É O LIMITE — OFERTA DO SALÃO EXCLUSIVOS
ELECTRICOS, LDA.

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda em PEDRAS RUBRAS
a partir das 19 horas na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto a partir
das 20 horas nas Tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista,
Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua
de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas.



Chicote RESTAU-
RANTE
TURISTICO
REGIONAL

(AR CONDICIONADO)

ABERTO TODA A NOITE

«SHOW» COM

FRANCISCO JOSÉ

Cozinha regional portuguesa
metropolitana, insular e ul-
tramarina

Praça do Areeiro, 3-B—Telef. 720672

RESTAURANTE
HOTEL JORGE V

R. MOUZINHO DA SILVEIRA, 3
TELEF. 538966
(JUNTO A S. N. BELAS-ARTES)

«CHEZ FRIMAN»

TRAV. DO CORPO SANTO, 27
Telef. 322672

ESPECIALIDADES ALEMÃS
ESPECIALIDADES FRANCÊSAS
ENCERRADO AOS DOMINGOS

café CANAS

RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO,
145-A — Telef. 672229 - 666532

**COZINHA
ALENTEJANA**

AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071

Serviço de restaurante no JARDIM
ENCERRADA ÀS 2.ª-FEIRAS

SUPERMERCADO

BÓLIDE

REFEIÇÕES EXPRESSO
A BAIXO PREÇO

AV. DE ROMA, 7-A

RESTAURANTE
SÃO MARTINHO

A CASA DO BOM VINHO
COZINHA PORTUGUESA
Rua dos Sapateiros, 108
Telef. 324187



Folclore

RESTAURANTE • LUXO
Espectáculos todas as noites
(Maiores 12 anos)
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. NOVA DA TRINDADE, 22-A
Telef. 324005 e 35007

RESTAURANTE

SNACK-BAR
SANTIAGO
ESPECIALIDADE
EM DOCE RE-
GIONAL
LEIRIA «BRIZA DO LIS»
Telef. 22031

RESTAURANTE
CASA DO ALENTEJO

Telef. 35311

SERVIÇO PERMANENTE
Especializado em lanches de casa-
mentos, baptizados e banquetes
NOVA GERÊNCIA
(SÓCIOS E NÃO SÓCIOS)

Self Service

SOLAR DE AVIZ

RESTAURANTE
SALÃO DE CHA
CAFÉ . PASTE-
LARIA

Av. da Liberdade, 126-134

Telef. 33091

Ar condicionado

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

ESTREIA DE HOJE

GAIVOTAS EM TERRA

MONUMENTAL

TIVOLI

Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)

James Darren e Cin-
dy Carol na encan-
tadora comédia co-
lorida

UMA INGÊNUA EM ROMA

Às 18.30 — A CHAVE (M. 17 anos)

MONUMENTAL

Às 21.30
ESTREIA
EXCEPCIONAL
(M. 17 anos)

Um filme que o deixará bem disposto
GAIVOTAS EM TERRA
Uma comédia musical com
Connie Francis

AVALADE

Às 15.45 (p. red.)
e 21.45
(M. 17 anos)

Um filme admirável, maravilhosamente
interpretado

O ESPELHO DE UMA VIDA

Jean Simmons e Robert Preston

ROYAL

Às 21 horas
(M. 12 anos)
ESPECTÁCULO
DE VARIEDADES

com os melhores artistas da Rádio —
T. V. — Cinema Teatro e Fado

CINEMA IDEAL

Às 21 horas
(M. 17 anos)
A RODA
DA SORTE

ESCÂNDALOS NA RIVIERA

CASINO ESTORIL

Às 17 (M. 12 anos)
e 21.30 (M. 17 anos)
BARREIRAS
SANGRENTAS

com John Payne — Gail Russel
Sterling Hayden e George «Gaby»
Hayes

CONDES

Às 15.15 e 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 12 anos)

Judy Garland e Dirk Bogarde
vivem o drama apaixonante de um
amor que não morreu...

TRIUNFO AMARGO

(LONELY STAGE — V. O.)
Technicolor e Panavision
AR CONDICIONADO

EDEN

Às 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

Um filme que consagra o cinema
nacional

A ÚLTIMA PEGA

com Fernando Farinha e Leônia Mendes
O carácter e a valentia da gente do
Ribatejo.

CAPITULO

Às 21.15
(M. 17 anos)
TERRAÇO

COMO SER FELIZ NO AMOR

com Danny Saval

CONTRA-ATAQUE

DO GORILA

com Roger Hanin

ODEON

Às 15.15 e 18.15
(p. red.) e 21.30
2.ª mês triunfal
7.ª SEMANA
E ÚLTIMA com a

Realização de AUGUSTO FRAGA

UMA HORA DE AMOR

ANTÔNIO CALVARIO

E MADALENA IGLESIAS

10 LINDAS CANÇÕES (M. 12 anos)

ESPLANADA PORTUGALIA

Às 21.30 horas
(M. 12 anos)
TOMBOLA
OS COSSACOS

IMPERIO

Às 15.15 e 21.30
(Adultos)

A história de um
herói vencido

SUPPLICIO

(THE RACK — V. O.)
com Paul Newman e Anne Francis

Em complemento: A excepcional curta-
metragem de May Zetterling e D.
Hughes «BRINCAR AS GUERRAS»

POLITEAMA

Às 15.15, 18.15
(p. red.) e 21.30
Uma aventura de
alto nível de
espectáculo

TARZAN NO ORIENTE
com Jack Mahoney
Uma arrojada missão do Rei da Selva
através de perseguições e emboscadas.
Scope-Col. (M. 12 anos)

AVIS

Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Senta Berger
e Joachim Hansen

**O SEGREDO
DAS MALAS PRETAS**
Extraído de uma das melhores novelas
de Edgar Wallace
AR CONDICIONADO

RESTELO

Às 21.15 horas
(M. 12 anos)

Uma excelente pro-
dução dramática

CONSELHO DE GUERRA

com Robert Mitchum e France Nuyen

CLIP

Às 21 horas
(M. 12 anos)

telefone 48560

O MILAGRE DE ANA SULLIVAN

OS 7 MAGNÍFICOS

GERRASSO

Às 21 horas
(M. 12 anos)
telefone 320917
MOCIDADE EM FÉRIAS
A PATRULHA DA ALVORADA

O RELATÓRIO DA CONTA GERAL DO ESTADO

(Continuação da 1.ª página)

de harmonia com os elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, que o produto interno bruto, a preços constantes, deve ter experimentado no último ano expansão inferior à observada em 1962. É de esperar, contudo, que o apuramento definitivo do valor do produto formado nos diferentes sectores venha a mostrar resultados mais favoráveis que os das primeiras estimativas. Por outro lado, uma vez que as importações de bens e serviços se teriam elevado sensivelmente, a expansão da oferta global não deve ter sofrido variação significativa no ano transacto.

Por seu turno, com base nos indicadores disponíveis, pode calcular-se um aumento apreciável nas exportações de bens e serviços em 1963, embora se admita que a procura interna tenha experimentado ligeira quebra no ritmo de expansão, devido, principalmente, ao comportamento das despesas de consumo, quer do sector público, quer do sector privado. Saliente-se ainda que, em consequência da favorável evolução das relações económicas externas, se observou em 1963 novo acréscimo das reservas cambiais de ouro e divisas, o qual, aliado à sensível expansão do crédito bancário, determinou aumento dos meios de pagamento internos. Por outro lado, afigura-se que teria prosseguido a elevação do nível do rendimento real da população activa.

A evolução económica nacional

A situação económica da agricultura mantém-se difícil, como pode depreender-se do relatório, visto que o produto agrícola decresceu em 1963 relativamente ao ano anterior; a produção silvícola, pelo contrário, melhorou sensivelmente; a actividade piscatória parece ter evoluído favoravelmente; o produto formado nas indústrias, a preços constantes, aumentou de cerca de 4 por cento, reflectindo expansão mais acentuada do que no ano precedente. Neste sector da actividade industrial, segundo o relatório, importa assinalar dois factos que poderão vir a ter relevante importância para o progresso económico da Metrópole: a instalação de linhas de montagem de automóveis e a construção do novo estaleiro naval de Lisboa. Estes empreendimentos, assim como outros de menor projecção, devem-se à cooperação, que se espera ver intensificada, entre as indústrias nacional e estrangeira.

Por outro lado, o Governo, através do financiamento de empreendimentos de infra-estrutura, de providências tomadas no sentido de fomentar a preparação de mão-de-obra especializada e de vantagens concedidas no domínio fiscal, continuou em 1963 a incentivar a industrialização da Metrópole, tendo em vista nomeadamente o desenvolvimento das indústrias de transformação de produtos agrícolas e outras com interesse para o desenvolvimento das exportações. De facto, importa que a reorganização da indústria nacional seja coordenada com o desenvolvimento da assistência técnica e da formação profissional. A este respeito, interessa salientar a acção a desenvolver pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial, pelo Instituto de Formação Profissional Acelerada e ainda pelo Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

No que se refere à actividade turística, importa salientar a acentuada expansão observada no último ano. De facto, a avaliar pelos elementos de que se dispõe, o número de turistas estrangeiros entrados na Metrópole em 1963 ascendeu a cerca de 520 000, o que traduz considerável acréscimo em relação a 1962. Por outro lado, o número de dor-

midas de estrangeiros em hotéis e pensões registou aumento de 44 por cento.

Depois de referir elucidativos aspectos da evolução da procura interna do investimento, da execução do 2.º Plano de Fomento, da movimentação do crédito e dos preços e salários, o relatório da Conta Geral do Estado assinala que, no ano transacto, a balança de pagamentos da zona do escudo apresentou elevado saldo positivo (+ 2 137 000 contos). Prosseguiu, deste modo, a favorável evolução das relações económicas externas já observada em 1962 e que sofrera interrupção nos dois anos anteriores. Para este comportamento concorreu de modo decisivo a realização de importantes operações de capital a longo prazo nos dois últimos anos.

Em contrapartida, é assinalado que o saldo negativo da balança comercial da Metrópole com o estrangeiro experimentou agravamento de 8,2 por cento, elevando-se a 7 milhões de contos. Todavia, a semelhança do ano anterior, as exportações tiveram comportamento favorável, registando acréscimo de 11,2 por cento. Deste modo, a expansão do «défice» comercial no ano transacto deve imputar-se fundamentalmente ao aumento das importações — cerca de 10 por cento —, que em 1962 haviam diminuído de modo sensível.

De outros aspectos, como a evolução dos meios de pagamento e o comportamento do sistema bancário, já por diferentes vias tem sido dado conhecimento público, embora seja de interesse a síntese exemplar apresentada pelo Ministério das Finanças. O relatório também insere uma expressiva summa da evolução geral da conjuntura nas províncias ultramarinas, acentuando que a actividade económica do conjunto das províncias se teria expandido a ritmo elevado em 1963, embora a produção agrícola não tenha revelado comportamento uniforme.

A administração financeira

É sobre estas bases de avaliação e análise da conjuntura económica que se desdobra com a necessária coerência o relato da actividade financeira do Estado em 1963, através das suas contas de exercício. Documentadas a previsão orçamental inicial e as alterações introduzidas na sua concretização, o relatório do Ministério das Finanças informa que o total das receitas arrecadadas durante o ano de 1963 elevou-se a 15 852 210 contos e as despesas globais pagas no mesmo período atingiram 15 700 441 contos, pelo que o saldo da gerência ascende a 151 769 contos. No entanto, a quase totalidade desse saldo foi afectada pelo Decreto-Lei n.º 45 599, de 7 de Março de 1964, a cobertura de despesas extraordinárias relativas a encargos contraídos em 1963. Assim, o resultado real da última gerência é apenas de cerca de 1769 contos.

No decurso do último período financeiro o total das receitas ordinárias cobradas foi superior à respectiva previsão orçamental inicial

em cerca de 2 243 600 contos. Por outro lado, o montante das despesas ordinárias efectuadas foi inferior em cerca de 148 372 contos à importância inscrita no Orçamento Geral do Estado para 1963. Deste modo, embora a despesa extraordinária tivesse excedido a estimativa inicial em 1 848 700 contos, apenas se tornou necessário mobilizar 3 850 209 contos de recursos extraordinários dos 4 394 300 contos inicialmente previstos no orçamento. Como nos dois anos precedentes, voltaram em 1963 a ocupar posição de particular relevo na actividade financeira do Estado as despesas extraordinárias determinadas pela necessidade de fazer face à manutenção da integridade nacional e de dinamizar o processo de desenvolvimento económico do País.

Depois de observada a evolução discriminativa das receitas ordinárias dos últimos anos em paralelo com a do ano passado, refere-se que neste último o valor global das despesas realizadas por conta do Orçamento, acusou expansão de cerca de 6 por cento, podendo admitir-se que o ritmo de crescimento da despesa nacional não se tenha afastado sensivelmente desta taxa. O acréscimo de 872 000 contos no total das autorizações expedidas para pagamento em 1963 deve-se fundamentalmente ao aumento da despesa em investimento, que representa 41,3 por cento da expansão total das despesas da Administração Central.

O valor global das despesas extraordinárias inicialmente previsto para 1963 atingia 5 115 200 contos. No decurso do ano, porém, este valor elevou-se a 7 399 400 contos, através da concessão de créditos adicionais.

Como as despesas extraordinárias efectivamente pagas no último ano somaram 6 813 900 contos, não foram utilizados créditos no valor de 585 500 contos, o que corresponde a cerca de 8 por cento da previsão rectificada.

Em relação à gerência anterior a despesa extraordinária realizada em 1963 registou um acréscimo de 4,3 por cento, sensivelmente infe-

rior ao observado em 1962 — cerca de 20 por cento. Caliente-se ainda que em 1960 e 1961 a expansão da despesa extraordinária se processou a taxas excepcionalmente elevadas — 48 e 53 por cento, respectivamente.

Na expansão do conjunto da despesa extraordinária desempenharam papel preponderante as despesas realizadas pelo Ministério das Obras Públicas, que aumentaram de 619 700 contos. No entanto, as despesas englobadas em «Encargos gerais da Nação» continuaram a absorver parcela relevante do total da despesa extraordinária — 56,4 por cento — em consequência fundamentalmente das despesas militares ligadas à defesa nacional. De facto, os encargos com defesa e segurança ascenderam a 3 871 300 contos no ano transacto, o que corresponde a 56,8 por cento do valor global da despesa extraordinária. Todavia, o acréscimo observado em 1963 foi relativamente moderado, quando comparado com a considerável expansão registada em 1961 e em 1962. Entre as variações observadas no último ano nestas despesas devem referir-se os acréscimos nos encargos com as forças militares extraordinárias no Ultramar (+ 90 400 contos) e com os navios escoltas oceanicos (+ 41 300 contos), compensados em parte pelas reduções nas despesas resultantes de compromissos assumidos internacionalmente.

Finalmente, com base nas informações estatísticas reunidas no relatório da Conta Geral do Estado, conclui-se que não houve nos últimos anos recurso imoderado à dívida pública para obter os meios necessários à realização das despesas do Estado. Com efeito, embora os encargos com o serviço da dívida pública tenham aumentado de 779,8 milhares de contos em 1959 para 1162 milhares de contos no último ano, a sua importância relativa no total das despesas diminuiu, ainda que ligeiramente, por um lado, e registou-se diminuto incremento do total daqueles encargos em relação às receitas ordinárias em igual período, por outro.

Ainda, merece especial referência, pela sua relação com os encargos com o serviço da dívida pública, o facto de o produto dos empréstimos aplicado na cobertura das despesas orçamentais, representar apenas 61 por cento das despesas do investimento autorizadas em 1963.

Conclusões

Constatada a evolução económica do País e os termos em que se desdobra a administração das finanças públicas, o relatório do Ministério das Finanças refere, no seu remate, que Portugal entendeu utilizar mais intensamente, no momento oportuno, o crédito externo, embora o tenha feito com a prudência que os números inseridos no capítulo deste relatório sobre a dívida pública amplamente documentam e segundo os quais esta última continua não só a não pesar indevidamente nas despesas, como a apresentar uma estrutura inteiramente satisfatória. E eis que os reparos logo surgem, tendentes a apontar, com apreensões, os perigos do recurso ao crédito externo.

Não se põe em dúvida o elevado propósito que dita esses reparos e que é, por certo, o de contribuir para a definição adequada da política do crédito externo.

Importa, no entanto, atentar na orientação mais objectiva formulada num documento de elevada autoridade e que é o parecer da Assembleia Nacional acerca das contas da Junta do Crédito Público referentes ao ano de 1962, onde se afirma: «A política do Governo, em relação à dívida pública, respeitou os preceitos constitucionais, continuando a revelar um critério administrativo que prestigia o crédito do Estado e se harmoniza inteiramente com a satisfação dos superiores interesses da Nação».

Decorridos três anos sobre o início dos graves acontecimentos que atingiram o País, vale a pena alinhar alguns dados de particular significado para as nossas finanças internas e externas, tomando como referência o ano de 1960, por ser o que precede imediatamente aquele em que se verificou a eclosão dos referidos acontecimentos e ainda por corresponder ao segundo ano de execução do Plano de Fomento em curso. Ossim:

O produto interno bruto expressava-se na ordem dos 62 milhões de contos em 1960. Em 1963 a sua medida, em preços constantes, subia a cerca de 72 milhões de contos, ou seja um acréscimo médio anual superior a 5 por cento. A formação bruta de capital fixo elevou-se de 12,3 milhões de contos em 1960 para 13,8 milhões de contos no último ano. Nesta expansão teve papel decisivo a formação de capital pelo sector público, que aumentou a taxa média anual de 12,5 por cento.

Em 1960, a despesa extraordinária total, a cargo do Estado, cifrava-se em 3560 milhares de contos. A mesma despesa em 1963 atingia 6814 milhares de contos. O excedente das receitas ordinárias sobre as despesas da mesma natureza, que era, em 1960, de 1813 milhares de contos, passou em 1963 a 3116 milhares de contos, e foi aplicado, como se sabe, na cobertura de encargos extraordinários, nomeadamente daqueles que resultam da defesa e segurança dos territórios ultramarinos. Os preços por grosso mantinham-se, no período considerado, praticamente ao mesmo nível; ao passo que os preços no consumidor acusavam ligeiro agravamento, e os salários acentuada tendência progressiva, mormente nos rurais.

A balança geral de pagamentos evoluiu de uma situação deficitária em 1960 — 174 milhares de contos — para uma posição excedentária em 1963 (+ 2137 milhares de contos). As reservas cambiais (ouro e divisas) do instituto emissor, que tinham em 1960 o contravalor em escudos de 20 639 milhares de contos, cifravam-se em 1963 em 23 462 milhares de contos.

Enquanto em 1960 as nossas exportações para o estrangeiro cobriam 52,1 por cento das importações, em 1963 essa percentagem elevava-se a 56,7 por cento.

Tudo isto, conclui o sr. ministro das Finanças no relatório da Conta Geral do Estado de 1963, não foi possível sem um custo que não é, bem entendido, redutível a termos puramente materiais. Mas os resultados já obtidos mostram, a qualquer luz que se pretenda considerá-los, que esse custo pode ser suportado, desde que não afecte sensivelmente as principais fontes de rendimento do Portugal europeu e se mantenha uma e firme a determinação de continuarmos a ser portugueses.

CONCURSO PARA PROFESSORES PROVISÓRIOS DO ENSINO TÉCNICO

Foi aberto concurso até ao próximo dia 19, perante a Direcção-Geral do Ensino Técnico para admissão de professores provisórios.

Cada candidato apresentará um requerimento (sem assinatura reconhecida), em papel selado, do qual devem constar o nome, a filiação, data do nascimento, naturalidade, residência, número e data do bilhete de identidade, habilitações e respectiva classificação, serviço prestado em anos anteriores (se o tiver) e indicação expressa do grupo e grau a que concorre (para cada grupo e grau um requerimento indicando junto a que

requerimento juntou a restante documentação) indicando as escolas por ordem de preferência.

Documentação a juntar: documento comprovativo das habilitações de que conste a respectiva classificação final; certificado do tempo e qualidade de serviço prestado no ensino técnico; declaração anticomunista (assinatura reconhecida). Os candidatos que figuram na lista ao concurso de 1963-64 só têm que apresentar a declaração anticomunista.

O concurso diz respeito às seguintes escolas:

De Abrantes, de Agueda, de Almada (Industrial e Comercial de Emídio Navarro e Técnica Elementar de António da Costa), de Aveiro, de Barcelos, do Barreiro (Industrial e Comercial de Alfredo da Silva e Técnica Elementar), de Braga, de Coimbra, de Espinho, de Faro, da Figueira da Foz, de Gondomar, de Guimarães, de Lisboa (Artes Decorativas de António Arroio, Industriais de Afonso Domingues, de D. Luís de Gusmão, de Fonseca Benevides, de Josefa de Óbidos, de Machado de Castro e do Marquês de Pombal e Comerciais de D. Maria I. de Ferreira Borges, de Patrício Prazeres e de Veiga Bierão e Técnicas Elementares de Eugénio dos Santos, de Francisco de Arruda, de Manuel da Maia, de Marquesa de Alorna, de Nuno Gonçalves, de Paula Vicente e de Pedro de Santarém), de Matosinhos, do Montijo, de Oliveira de Azeméis, de Ovar, de Penafiel, de Pombal, do Porto (Artes Decorativas de Soares dos Reis), Industriais de Aurélio de Sousa e do Infante D. Henrique, Comerciais de Filipa de Vilhena e de Oliveira Martins e Técnicas Elementares de Clara de Resende, de Gomes Teixeira e de Ramalho Ortigão), da Póvoa de Varzim, de Santarém, de Santo Tirso, de S. João da Madeira, de Setúbal, de Sintra, de Tomar, de Torres Novas, de Torres Vedras, de Vila Franca de Xira, de Vila Nova de Famalicão, de Vila Nova de Gaia e de Viseu.

Para as outras escolas os professores são propostos pelos directores das escolas. A inscrição faz-se mediante requerimentos em papel comum, de 25 linhas, azul.



Está já em distribuição pelo País este sugestivo cartaz alusivo às comemorações do V CENTENÁRIO DA CIDADE DE BRAGANÇA e festas em honra de Nossa Senhora das Graças, padroeira da mesma cidade, cujo apogeu decorre desde 21 a 30 de Agosto, conforme o programa já publicado. O referido cartaz (que foca a famosa Torre de Menagem — vulgarmente dita CASTELO DE BRAGANÇA —, parte das suas bem conservadas torres e muralhas, a alta igreja de Santa Maria e a «DOMUS MUNICIPALIS», do lado direito e ao alto, e, ainda, algum do antigo casarão da sua não menos secular CIDADELA) é da autoria do conhecido e apreciado pintor português sr. Jaime Isidoro

Termina no domingo

a Exposição de Quadros do Morgado de Setúbal

A Exposição de Quadros do Morgado de Setúbal e de Peças Antigas de Estanho, promovida pela Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, que tem estado patente ao público no Museu da Cidade (Mosteiro de Jesus), em Setúbal, termina no próximo domingo.

Esta manifestação artística, que pelo seu indiscutível valor, honra a instituição que a promoveu, justifica, plenamente, o interesse suscitado, facto que é traduzido pelos seiscentos visitantes, que, somente numa semana, a percorreram.

A morte sob as rodas

PORTO, 11 — No Hospital de Santo António, onde ontem dera entrada, em consequência de ter sido colhido por um automóvel, na Rua do Ouro, faleceu, esta madrugada, o pequeno Eduardo Braga de Oliveira, de 13 anos, que residia, com seus pais, na Rua Mocidade da Arrábida, 318.

Caíu da ponte D. Luís ao rio

Cerca das 11 horas de hoje, precipitou-se, do tabuleiro superior da ponte D. Luís, ao rio Douro, um homem, cuja identidade se desconhece.

O conhecido barqueiro «Duque» tem andado a bordo do seu caique a pesquisar o local, com a ajuda de feteixas. Contudo, até à hora em que telefonamos, não apareceu ainda o corpo.

Três feridos num embate de automóveis

Ao princípio da madrugada, colidiram, na Rua Carlos Malheiro Dias, um automóvel, conduzido pelo sr. Serafim Pereira de Meneses, de 60 anos, casado, comerciante, residente na Estrada da Circunvalação, 5194; e um outro, guiado pelo agente técnico de engenharia sr. Alberto Pinto Gonçalves de Magalhães, de 23 anos, solteiro, morador na Rua de Belém, 218.

Ambos os condutores ficaram feridos, bem como a sr. D. Rosa da Silva Meneses, de 42 anos, esposa do primeiro.

Todos receberam tratamento no Hospital de Santo António, regressando, em seguida, a suas casas.

Fomento habitacional

Pela Caixa Sindical de Previdência da Póssal da Indústria Têxtil, foram celebradas mais quatro escrituras de empréstimos, ao abrigo da lei n.º 2092, para a construção de habitações pelos beneficiários da mesma instituição.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45, o drama em três actos «Terra firme», de Miguel Torga (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «A última pega» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O Egípcio» (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Cairo» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30: «Mogambo» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e 21 e 15: «Forte Apache» (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «A idiota» (17 anos).
OLÍMPIA — As 15 e 30 e 21 e 15: «Um homem só» (17 anos).
SAO JOAO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O jogador profissional» (17 anos).

Vauxhall viva



viva com viva

exposição e venda na

AUTO INDUSTRIAL

AV. DUQUE LOULÉ, 93
TEL. 538956 — LISBOA

A Grécia pediu à O.N.U. que ponha termo aos ataques aéreos turcos contra Chipre

(Continuação da 1.ª página)

deu ontem a um apelo do primeiro-ministro grego para que os turcos desistissem da sua actividade aérea em Chipre.

A O. N. U. CONFIRMA O ATAQUE AÉREO TURCO DE ONTEM A POLIS

NICOSIA, 11 — (F. P.) — Dois aviões de nacionalidade turca voaram esta manhã sobre as regiões de Lefka e de Xeros, a noroeste da capital — aos que informam os serviços da O. N. U.

Acrescentam que a última metralhagem feita pelos aviões turcos, ontem pela manhã, em Polis, causou dez feridos, destruiu cinco veículos e danificou quatro casas.

APELO DA GRÉCIA

ATENAS, 11 — (A. N. I.) — A Grécia pediu hoje à O. N. U. que tome disposições para pôr fim aos ataques aéreos turcos contra Chipre.

O Governo grego acusou ao mesmo tempo o Governo turco de violar o cessar-fogo pedido pela O. N. U. ao atacar ontem a aldeia de Polis, no noroeste da ilha.

Um comunicado oficial publicado esta madrugada diz que o Governo grego «deseja proclamar a sua completa solidariedade com os gregos de Chipre» e acrescenta que só não foram tomadas disposições contra os atacantes turcos «por res-

peito para com o Conselho de Segurança, que se encontrava em sessão».

«Precisamente devido ao respeito demonstrado pelo Governo grego e partilhado por Chipre com tanta abnegação, temos agora o direito de pedir de quaisquer novos ataques contra Chipre sejam enfrentados em comum com as outras nações membros da O. N. U. — diz ainda o comunicado. — Defender a paz e fazer executar as decisões do Conselho de Segurança é um dever que pertence a todo o mundo civilizado».

PROTESTO CIPRIOTA TURCO

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — O representante permanente da Turquia entregou ontem ao secretário-geral da O. N. U. um protesto do vice-presidente turco de Chipre, Fazil Kutchuck, contra os ataques às aldeias turcas da região de Tulliria.

Esses ataques — acrescenta a mensagem — começaram no passado dia 5 e prolongaram-se durante três dias, enquanto os cipriotas gregos recusavam às forças da O. N. U. um cessar-fogo, pelo menos temporário, para evacuar os feridos, as mulheres e as crianças.

CHIPRE NÃO CEDERA AS CONDIÇÕES TURCAS

NICOSIA, 11 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros cipriota grego, Spyros Kyprianou, chegou a Atenas para uma visita de um dia, sendo portador de uma mensagem pessoal do presidente Makários. Esta tarde avistaram-se com Papandreu, chefe do Governo grego.

Kyprianou disse aos jornalistas que o seu Governo protestará no Conselho de Segurança contra os votos da Turquia sobre Chipre, dado que esses votos constituem uma violação da resolução de cessar-fogo.

Interrogado sobre se as forças cipriotas gregas serão retiradas de Mansoura, no Noroeste da ilha, para as posições que ocupavam no

CÂNDIDO ARAGÃO PEDIU ASILO POLÍTICO NA EMBAIXADA DO URUGUAI

RIO DE JANEIRO, 11. — (F. P.) — O ex-almirante Cândido Aragão, conhecido por «Almirante Vermelho», pediu asilo político à Embaixada do Uruguai — segundo seu filho declarou à Rádio.

Privado dos direitos cívicos e preso numa fortaleza depois da queda do presidente Goulart, Cândido Aragão acaba de obter o «habeas corpus» do Tribunal Militar. A sua libertação, porém, causara descontentamento no Almirantado, que o responsabilizava pelo «motim da Páscoa» dos marinheiros do Rio de Janeiro.

Quando da queda de Goulart, Aragão comandava a Infantaria da Marinha do Rio e, ao que então se afirmou, mandou exibir para os seus homens o filme soviético «O Coração de Potemkine».

passado dia 5, tal como a Turquia pede, o ministro respondeu: «Nunca retiraremos da nossa actual posição nesta região».

U THANT DECIDIU SUBTRAIR A CRISE AO EXAME DO CONSELHO DE SEGURANÇA

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — O secretário-geral das Nações Unidas decidiu subtrair a crise cipriota ao exame do Conselho de Segurança a fim de tentar o desanuviamento, através de diligências realizadas «in loco» pelo comando da Força das Nações Unidas.

Assim, decidiu renunciar a publicar as informações recolhidas e verificadas pelo general Thymayya, comandante dos capacetes azuis em Chipre, sobre as circunstâncias dos combates que ali se travaram a partir do dia 5 de Agosto. Essas informações deviam servir de base à continuação dos trabalhos do Conselho de Segurança. Parece, portanto, que este não voltará a reunir, salvo em caso de se agravar novamente a questão de Chipre.

Amargura em Nicósia

Os cipriotas gregos esperavam que a Grécia respondesse de uma maneira ou de outra às incursões aéreas turcas

NICOSIA, 11. — (F. P.) — Depois dos dias de autêntico desvario que as populações de Chipre viveram, prevalecem nesta cidade o desalento e a amargura.

A resposta brutal e rápida da aviação turca ao ataque das forças da guarda nacional a Mansoura e Kokkina fez elevado número de vítimas, o que poderia ter-se evitado — ouve-se repetir com frequência nos próprios círculos que apoiam a política do presidente Makários.

E pergunta-se: para quê esta aventura — que, afinal, redundou em malogro, uma vez que Kokkina continua a resistir — se não havia a certeza de que redundaria em vantagem para Nicósia? E isto, poucas semanas antes da próxima Assembleia Geral da O. N. U. e quando a tese greco-cipriota havia ganho terreno?

GRIVAS EM DESACORDO COM MAKÁRIOS?

Parece que o próprio general Grivas, que dirigiu a luta de guerrilhas contra a presença britânica, se mostrou pouco favorável à decisão de fazer estourar a bomba de Mansoura pelas armas. E, hoje, não seria o único dos dirigentes de Nicósia a desaprová-la a decisão de etnarca, não só neste caso, como no pedido de auxílio dirigido a Moscovo.

Ontem, em Nicósia, corria um rumor — mais um — segundo o qual dois ministros ameaçariam demitir-se, mas um desmentido — mais um — pôs termo ao assunto.

Acrescenta-se que a reacção turca era possível, e comenta-se com espanto que o presidente Makários não haja tomado em conta os vários avisos repetidos de Ankara, que sempre afirmou desde o princípio da crise, que toda e qualquer acção contra a minoria turca da ilha acarretaria a intervenção das forças armadas.

PREVE-SE MODIFICAÇÃO PROFUNDA NAS RELAÇÕES ENTRE CHIPRE E ATENAS

Existe amargura e desapontamento ainda relativamente ao vizinho grego, entre os partidários da Enosis, na comunidade cipriota grega que esperavam que a mãe-pátria

TRAGÉDIA EM ESPANHA

SAN SEBASTIAN, 11. — (ANI) — Depois de matar a mulher e uma filha, acabou com a própria vida o antigo pugilista espanhol José Manicador.

Julga-se que o antigo campeão de Espanha dos pesos estava embriagado quando se deu a tragédia.

Em poucas linhas

• E. U. A.: BRANCOS ACUSADOS DA MORTE DE UMA NEGRA — (F. P.) — Em Jacksonville, a Polícia prendeu três indivíduos brancos, implicados na morte, em Março, de uma negra. A mulher, sr.ª Johnnie May Chapell, de 35 anos, foi mortalmente atingida por uma bala de revólver quando procurava o porta-moedas, que perdera nas imediações da sua residência, na altura dos incidentes raciais nesta cidade. Disse a Polícia que um dos presos confessou ter alvejado, de dentro de um carro, a sr.ª Chapell.

• CUBA: ATAQUE ANTICASTRISTA NO PORTO DE HAVANA? — (A. N. I.) — Um grupo de exilados anticastristas intitulado Organização Secreta de Acção Continental (O. S. A. C.), anunciou em Miami que as suas forças atacaram o porto de Havana no domingo de manhã, tendo incendiado uma doca ao tentarem danificar um navio soviético que ali se encontrava.

• ITÁLIA: MELHOROU O ESTADO DE SEGNÍ — (R.) — Um boletim clínico anunciou que os médicos verificaram «acentuadas melhoras» no estado geral do presidente Segni. O chefe de Estado, que conta 73 anos, sofre de uma deficiência circulatória no cérebro, de há quatro dias, para cá, a qual afectou as suas capacidades para se mover e falar. Ontem, o presidente do Senado, Cesare Merzagora, assumiu interinamente a presidência da República.

respondesse de uma maneira ou outra às incursões dos aviões turcos.

A propósito, os observadores que acompanharam de perto os recentes acontecimentos têm a impressão de que Nicósia tentou forçar a mão de Atenas, nomeadamente, mandando anunciar oficialmente que as forças turcas haviam desembarcado na baía de Mansoura. No entanto, do continente grego — onde o presidente Makários esteve uma semana antes do desencadeamento do ataque — nada chegou, excepto o convite para interromper a acção empreendida e dar provas de moderação.

Durante algum tempo, pelo menos, as relações entre Nicósia e Atenas — ao que se pensa aqui — vão passar por modificação profunda.

Os cipriotas gregos (indignados) com os E. U. A.

CAIRO, 11. — (A. N. I.) — «Os Estados Unidos são a única potência capaz de travar a Turquia e até agora nada fizeram para impedir os ataques a Chipre» — declarou Venizelos Cotsapas, embaixador cipriota grego no Cairo.

Cotsapas afirmou que 24 dos aviões «Supersabre» utilizados pelos turcos para bombardear Chipre tinham sido entregues pelos Estados Unidos à Turquia apenas três dias antes.

O embaixador acrescentou que os cipriotas gregos «estão muito indignados» com a atitude norte-americana e em especial pelo facto de os Estados Unidos terem permitido aos turcos a utilização de aviões da N. A. T. O. e de fabrico norte-americano.

A ÍNDIA SOLIDARIZA-SE COM CHIPRE

NOVA DELHI, 11 — (F. P.) — Numa declaração, publicada a noite passada, o Governo indiano exprime ao de Nicósia a sua solidariedade em consequência dos ataques aéreos turcos a Chipre.

O Governo indiano também apoia inteiramente o apelo do Conselho de Segurança da O. N. U. às partes interessadas para que se abstenham de quaisquer acções susceptíveis de atrasarem o restabelecimento da paz na ilha.

Restaurante Turístico Regional «CHICOTE» (ar condicionado)

PRAÇA DO AREIRO, 3/13

Salão do 1.º andar — Tel. 71 16 72
(encerrado ao domingo)«Snack-bar» — Tel. 72 06 72
(Aberto toda a noite)

Hoje e todos os dias, às 22 e 24 horas, actuação do grande Show

com FRANCISCO JOSÉ e «LOS CALCHAKIS» (conjunto argentino de grande categoria internacional)

MAIORES DE 12 ANOS

A visita presidencial ao Ultramar termina hoje na ilha do Príncipe

SANTO ANTÓNIO DO PRÍNCIPE, 11 — (A. N. I.) — A última jornada da visita presidencial ao Ultramar fixou-se, hoje, nesta ilha, quando o «Príncipe Perfeito» lançou ferro, ao princípio da manhã,

As alegações da defesa no julgamento de militares que estiveram na Guiné

A's 14 horas começou, no 1.º Tribunal Militar Territorial, o julgamento dos sete militares que estiveram na província da Guiné e são acusados de tentativa de deserção para países estrangeiros, em 1962, quando se achavam aquartelados em Bafatá.

Ao tribunal preside o coronel Taveira Pereira tendo como adjunto o coronel Malafaia, sendo juiz auditor o dr. Júlio Cabral, promotor de Justiça, o coronel Barbosa Bessa, e defensor officioso o major Décio de Freitas.

Os inculpatos são os srs. capitão Amílcar Ferreira Domingues, tenente médico dr. Rui Lemos, alferes Jorge Dias da Silva, furriéis Manuel Quintino da Cruz e Eduardo Dinis dos Santos Jesus, primeiro cabo José Dias Valente e soldado Joaquim Martins Boino.

Na audiência de ontem o promotor de Justiça acusou os inculpatos dos crimes que constam do libelo e, mais ainda, do de injúrias ao oficial inquiridor.

Tomou depois a palavra o dr. Artur Cunha Leal, advogado do capitão Ferreira Domingues que, durante duas horas, produziu a defesa do seu constituinte e analisou o processo, peça por peça, para terminar pedindo a absolvição do capitão Ferreira Domingues.

A audiência foi depois suspensa e hoje, logo que foi reaberta tomou a palavra o dr. Mário Soares, defensor do alferes Jorge Dias da Silva, que falou sobre o processo. Aquele advogado prossegue nas suas alegações, devendo seguir-se no uso da palavra os dres. Filinto Elísio e Portugal da Silveira e o major Décio de Freitas, defensores dos restantes acusados.

Se o promotor de Justiça replicar, não é provável que o julgamento termine esta tarde.

trazendo a bordo o Chefe do Estado e sua comitiva.

Pouco depois, principiaram as cerimónias oficiais, com ida a bordo do governador da província, major Silva Sebastião, acompanhado pelo comandante naval e das esposas de ambos, bem como do seu ajudante de campo. Estas entidades foram transportadas até junto do «Príncipe Perfeito», pela lancha de fiscalização «Altair».

O major Silva Sebastião, que já o ano passado teve, quando governador de Malanje, em Angola, a honra de receber o Chefe do Estado, era aguardado pelo Presidente Américo Thomaz no seu salão privado, e ali lhe apresentou cumprimentos, depois do que, cerca das 8 e 45 o supremo magistrado da Nação desce para a lancha «Altair», seguido pelo ministro do Ultramar, pelo governador e por toda a comitiva.

O desembarque em Santo António

Minutos após, a lancha de fiscalização atracou à ponte-cais de Santo António do Príncipe. Eram 9 horas. Logo que desembarcou, o sr. almirante Américo Thomaz foi ali cumprimentado pelas individualidades locais, nomeadamente pelo presidente da Comissão Municipal, pelo juiz da comarca, pelo delegado do procurador da República e pelo vigário-geral.

Depois, o secretário da Comissão Municipal entregou as chaves da cidade, de que foi portador, sobre uma almofada de veludo encarnado, ao presidente da Comissão, o qual, por sua vez, as entregou ao Presidente da República, que agradeceu e que as devolveu, dizendo que não podiam estar em melhores mãos do que nas daquele que preside aos destinos do Município.

A sessão solene

A sessão solene de boas-vindas principiou às 9 e 30, constituindo-se a presidência com o ministro do Ultramar e o comandante militar de S. Tomé e Príncipe, sentados à direita do sr. almirante Américo Thomaz, e com o governador da Província e o presidente da Comissão Municipal, à esquerda, sentando-se o vigário-geral num cadeirão do lado direito da mesa. Usaram então da palavra o pre-

sidente da Comissão Municipal, um vogal do Conselho Legislativo e, ainda, um representante da população nativa, os quais saudaram o Chefe do Estado, que agradeceu, no final, após o que concedeu algumas individualidades.

Em seguida, cumprimentaram o Presidente todas as pessoas que assistiram à sessão, tendo o sr. almirante Américo Thomaz, antes de se retirar da sala, assinado a acta da sessão.

Outras cerimónias

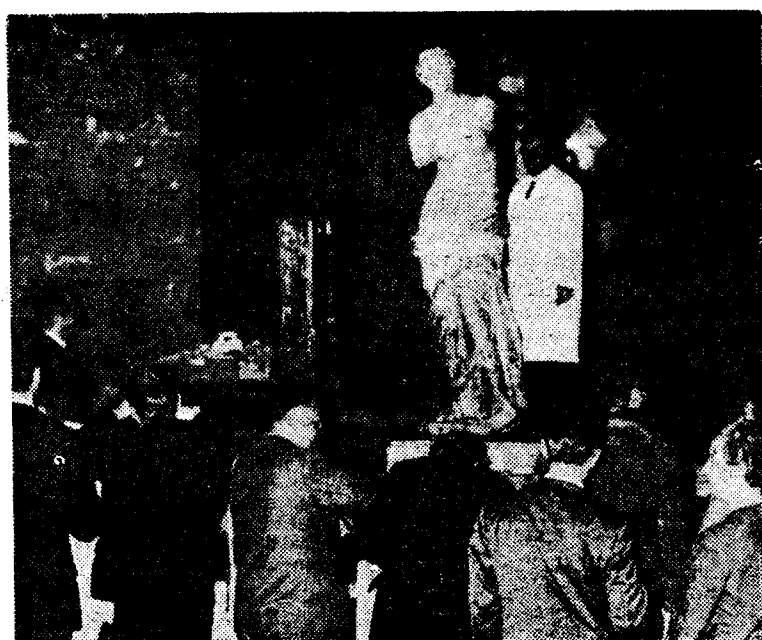
Reconstituiu-se, depois, o cortejo presidencial, que a pé atravessou então o Largo da República, onde o Chefe do Estado descerrou um padrão comemorativo da sua visita a esta ilha; a Rua do Infante D. Henrique, o Largo de Maria Correia, a Avenida Carlos Gorgulho, onde foi inaugurado pelo Presidente da República, um cinema; a Avenida Miguel Bombarda, a Rua do Banco, onde o sr. almirante Américo Thomaz presidiu à inauguração do edifício construído para sede do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio, Indústria e Agricultura; a Rua Gomes Freire, tendo então sido inaugurada, na presença do Chefe do Estado, a Exposição das Actividades Económicas da ilha; e, por último, a Rua 5 de Outubro, até à residência do administrador do Concelho, onde foi servido o almoço.

Terminada a refeição organizou-se, cerca das 14 horas, um cortejo de automóveis, para um passeio pelo interior da ilha, visitando o Presidente Américo Thomaz, sucessivamente, a roça «Paciência», a cinco quilómetros da cidade, o miradouro de Belo Monte, a roça «Sundi» e a roça «Esperança», em Porto Real.

O regresso

Em Porto Real, o Chefe do Estado muda então de meio de transporte, pois regressa a Santo António de comboio, pela linha que tem de extensão apenas seis quilómetros.

O percurso ferroviário termina na Avenida Carlos Gorgulho. Dali o Presidente da República encaminha-se a pé, para a ponte-cais, onde deve embarcar quase ao fim da tarde, em direcção ao «Príncipe Perfeito».



A VÉNUS DE MILO VOLTA A CASA — Terminada a visita que a levou até ao Japão longínquo, em missão de boa vontade, como embaixatriz da Arte, a bela Vénus voltou agora a França e recuperou o seu lugar no Museu do Louvre

Aspectos funcionais da Academia Militar foram actualizados por decreto

Foi hoje publicado um decreto-lei que insere disposições destinadas a actualizar, nalguns aspectos, as necessidades funcionais da Academia Militar.

O diploma é assim justificado: «A organização da Academia Militar estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 42152, de 12 de Fevereiro de 1959,

compreendendo os órgãos de comando e direcção dos três ramos fundamentais que integram a sua vida orgânica—serviço de instrução, corpo de alunos e serviços gerais e de administração—, se bem que, genericamente, corresponda às necessidades funcionais deste estabelecimento de ensino, tem-se manifestado desactualizada nalguns aspectos, como consequência do elevado número de alunos que frequentam e do facto de os mesmos se encontrarem divididos por dois aquartelamentos.

Com efeito, o grande aumento de população escolar, com um consequente aumento de professores e instrutores, torna inviável, sem grave prejuízo para a eficiência dos dois cargos, a acumulação de funções de 2.º comandante com as de director do serviço de instrução, tendo em vista as missões atribuídas a este último pelo artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 42152 e os deveres correspondentes às funções de 2.º comandante em qualquer estabelecimento militar.

Por outro lado, o comandante do corpo de alunos, absorvido pelas funções inerentes ao comando do conjunto de companhias de alunos da sede da Academia, não pode, efectivamente, cumprir com eficiência as missões que lhe são atribuídas pelos artigos 38.º, 39.º e 46.º do citado decreto-lei e, ainda, dirigir e fiscalizar o comandante do aquartelamento da Amadora na parte respeitante ao conjunto de companhias de alunos instalados naquele aquartelamento».

O ministro Franco Nogueira recebe amanhã os trabalhistas ingleses

Os deputados trabalhistas ingleses Robert Mellish, David Griffiths, Ronald Ledger, Edwin Wainwright, John Robertson e Albert Roberts, que a convite do Governo português vão visitar as províncias ultramarinas de Angola e de Moçambique, são recebidos amanhã, às 16 e 30, no Palácio das Necessidades, pelo sr. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Os parlamentares britânicos, que desde ontem se encontram no Norte, em visita aos principais locais de interesse histórico e turístico, devem seguir ainda amanhã para o nosso Ultramar, onde permanecerão cerca de três semanas, visitando os principais empreendimentos de Angola e de Moçambique.

Férias em Portugal

Hotel-Restaurante D. Fuas

NAZARÉ

Único c/ quartos c/ vista p/ o mar

RANCHOS FOLCLÓRICOS SABADOS E DOMINGOS

HOTEL ROSA

HA' 118 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

CALDAS DA RAINHA

Telef. 22163

CURIA PALACE HOTEL

Telef.: Anadia 97430

Quartos simples e com banho

Grandes salões, orquestra, campos de ténis, jardins, capela

Utilização gratuita da PISCINA para os hóspedes do hotel

Inf. em Lisboa: Tel. 361378

GRILL FLÓRIDA

DISTINTO E SOSSEGADO

ALMOÇOS E JANTARES (ao ar livre)

ESPECIALIDADE EM COZINHA PORTUGUESA

(POR MOTIVO DE FÉRIAS SE TEREMOS MÚSICA DE DANÇA A PARTIR DE OUTUBRO)

HOTEL FLÓRIDA

Telef. 54171

MILHÓLEO

- * Óleo puríssimo de germen de milho extraído por pressão
- * O óleo preferido pelos povos evoluídos para todos os usos culinários, porque:
- * Tem excepcionais qualidades dietéticas
- * É rico em ácidos gordos insaturados essenciais, o que lhe garante melhor qualidade
- * É melhor para a saúde por possuir a vitamina E, que o torna um poderoso revitalizante, especialmente para as pessoas que têm uma vida agitada
- * É a gordura mais digestiva

Peça na sua mercearia Milhóleo extraído pelos mais modernos processos

NECESSITA DE UMA BOA CASA

Encontrará a que procura na cidade-satélite de Cascais, adquiri-la já — e pagar em doze anos. A primeira prestação, a principiar este mês, compreende 600 FOGOS

Andares de 150 a 325 contos, que podem ser pagos em prestações mensais

Torne-se proprietário

PARA INFORMAÇÕES E VENDAS:

NORTENHA

P. da Alegria, 58-2.º — Telef. 362228 - 366731 - 33308

Dezoito associações económicas de todos os territórios nacionais decidiram conjugar o seu labor

Promoveram-se recentemente em Luanda, por ocasião das comemorações do 1.º Centenário da Associação Comercial daquela cidade, diversas reuniões de trabalho entre representantes das Associações Industrial Portuguesa, Comercial de Lisboa, Comercial do Porto, Industrial Portuense, Central de Agricultura Portuguesa, Industrial de Moçambique, Comercial de Lourenço Marques, Comercial da Beira, Comercial de Luanda, Industrial de Angola, dos Lojistas de Luanda, dos Agricultores de Angola, Comercial de Benguela, Comercial e Agrícola do Lobito-Catumbela, Comercial do Moxico, Comercial e Industrial do Cuanza-Norte e Comercial e Agrícola do Amboim, bem como da Câmara de Comércio de Lourenço Marques, as quais versaram problemas do estreitamento das relações entre as associações económicas de todos os territórios nacionais e alguns aspectos da execução do plano de integração económica do espaço português.

Intensificação de relações

Os referidos trabalhos revestiram-se do maior interesse e oportunidade, de resultando as seguintes decisões unânimes:

«Intensificar as relações entre as associações económicas de todos os territórios nacionais, estabelecendo desde já, as seguintes modalidades de cooperação: troca de informações sobre estudos realizados, pareceres emitidos e iniciativas tomadas por cada associação, a respeito de problemas que interessem a outras; coordenação de actividades ou actuação conjunta no domínio de problemas concretos que, por mútuo acordo, se reconheça serem de interesse para duas ou mais associações; assistência de umas associações a outras, através de gabinetes de estudo e outros órgãos, na análise de determinados problemas ou na recolha de informações».

Actuação em conjunto

Foi ainda decidido «proceder, como primeiro esforço de uma actuação em conjunto no domínio de

A sessão de encerramento do Concurso Internacional de Formação Profissional

O XIII Concurso Internacional de Formação Profissional termina na sexta-feira, às 18 horas, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, com uma sessão solene à qual presidirá o ministro de Estado Adjunto do Presidente do Conselho, em representação do sr. Presidente da República.

Seguir-se-á, às 20 horas, no Pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, um jantar de encerramento.

problemas de interesse comum, a uma inventariação das dificuldades e problemas encontrados, em casos concretos, na execução do plano de integração económica do espaço português. Essa inventariação terá por objectivos: permitir que, numa próxima reunião, se decida sobre a apresentação ao Governo, por várias associações económicas, de uma exposição conjunta referente a problemas encontrados em determinados casos concretos, no domínio das relações económicas entre os territórios nacionais; contribuir para que as associações económicas melhor se possam pronunciar quando, como é necessário, se sempre acontece, forem consultadas a respeito de disposições legislativas que se projecte promulgar para execução dos princípios da integração económica nacional».

Nova reunião

Os representantes das dezoito citadas instituições resolveram também:

«Estudar os problemas e possibilidades de exportação de produtos industriais do Ultramar para a Metrópole e efectuar, em Lourenço Marques, entre 5 e 15 de Dezembro próximo, uma nova reunião entre representantes das associações económicas nacionais, para tratar, entre outros, dos seguintes pontos: exame de alguns aspectos do pro-

cesso da integração económica nacional; estudo das possibilidades de institucionalizar de forma permanente as relações de cooperação entre as associações, através da criação de uma organização adequada; análise das conclusões da inventariação das dificuldades e problemas encontrados na integração económica do espaço português, a que se faz referência».

A participação metropolitana

Atendendo ao extraordinário significado do acontecimento que se festejava e, ainda, à relevância dos assuntos a debater durante as reuniões de Luanda, deslocaram-se expressamente àquela capital os srs. eng. Paulo de Barros e António Portela, vice-presidente e director da Associação Industrial Portuguesa, acompanhados do sr. dr. Silva Lopes, secretário executivo da comissão de estudos de Economia Exterior, na daquele organismo; e António Alves Martins Junior, presidente da Associação Comercial de Lisboa e delegado das Associações Industrial Portuense e Comercial do Porto, que representavam os principais sectores económicos da Metrópole.

As referidas individualidades, que mantiveram durante a sua permanência em Angola uma intensa actividade, já regressaram a Lisboa.

EM 3 LINHAS

Foi determinado que o Governo-Geral de Moçambique abra um crédito especial de 20 000 contos, destinado à satisfação de encargos provenientes da continuação da construção das instalações e apetrechamento dos Estudos-Gerais Universitários, incluídos no programa da execução do 2.º Plano de Fomento.

Mário Dias Martins foram promovidos ao posto de capitão-de-fragata.

Foram providos definitivamente nos lugares de professores da Escola Superior de Belas-Artes do Porto o arquitecto Octávio Lixa Filgueiras, o pintor Augusto Gomes de Oliveira e o escultor Gustavo Teles de Faria Correia Bastos.

O dr. António Lopes Craveiro foi provido no lugar de médico interno dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Na Casa da Moeda está aberto concurso público para o fornecimento de seis toneladas de goma para selos.

Vai ser pavimentado o lanço da estrada nacional n.º 264 entre São Bartolomeu de Messines e S. Marcos da Serra, estando a obra orçada em 3400 contos.

Foram admitidos à cotação na Bolsa do Porto 30 000 acções da Companhia Eléctrica das Beiras, representando o capital de 30 000 contos.



Linda Christian, que esteve à beira da cegueira e cuja carreira foi ameaçada por uma terrível doença.

Linda Christian não ficará cega

MADRID, 11. — (ANI) — Não ficará cega a actriz de cinema Linda Christian, contrariamente ao que anunciou há dias um semanário parisiense de grande circulação. A actriz desmentiu as declarações que o semanário lhe atribuiu sobre uma rápida doença de cegueira e negou que tivesse vindo a Espanha para consultar o conhecido oftalmologista dr. Arruga.

O vespertino «Pueblo», que publica esta informação, esclarece que Linda Christian chegou a Madrid há semanas, acompanhada de seu marido, o actor cinematográfico Edmund Purdom, que toma parte na rodagem de uma película.

Acrescenta o jornal que Linda Christian recebeu uma oferta para participar num filme que Franco Rossi está a rodar em Espanha sobre um tema de toiros, mas ainda não tomou qualquer decisão sobre o assunto.

PASSE AS SUAS FÉRIAS NA COMPANHIA DE «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS»

Ultimos volumes publicados:

- 60 — Hiroxima, Meu Amor — Marguerite Duras
- 61 — O Pagador de Promessas — A. Dias Gomes
- 62 — O Vale da Ira — Alan Paton
- 63/64 — Escândalo 63 — C. Irving. R. Hall e J. Wallington
- 65 — Taras Bulba — Nicolau Gogol
- 66 — Antes e Depois — Alba de Céspedes
- 67 — A Tarde do Sr. Andesmas — Marguerite Duras
- 68 — Jorge Amado (documentos)
- 69 — Tempo de Roubar — Santos Fernando
- 70/71 — O Bisturi — Horace McCoy
- 72 — Infância — Graciliano Ramos

Cada volume 15\$ vol. duplo 25\$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
LISBOA

Utilize a nossa modalidade de pagamentos suaves

DIGESTINAS

o prazer de uma boa digestão

- NORMALIZAM A DIGESTÃO
- EVITAM A FLATULÊNCIA
- SUPRIMEM O ARDOR DO ESTÔMAGO
- ASSEGURAM UMA DIGESTÃO PERFEITA

CAIXA PEQUENA
6\$00 25 PASTILHAS
CAIXA GRANDE
16\$50 100 PASTILHAS

Os colóquios animam os cursos de Verão

da Faculdade de Direito Comparado de Estrasburgo a funcionar em Lisboa

Prosseguem em Lisboa, sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, os cursos de Verão da Faculdade Internacional de Direito Comparado, que trouxe à nossa capital alguns dos mais afamados juristas do Mundo, que fazem parte do corpo docente daquele original estabelecimento de ensino, com sede em Estrasburgo.

Alguns dos mestres que tomaram parte nos primeiros cursos e por motivo dos seus intensos afazeres profissionais, só aqui permaneceram o tempo indispensável para as preleções que o programa lhes marcava, regressaram já aos seus países. Entretanto, outros vieram para assegurar o prosseguimento dos trabalhos, que foram organizados sob a orientação do sr. prof. dr. Marcello Caetano, um dos mestres da referida Faculdade de Estrasburgo.

Com a assistência de numerosos licenciados, de várias nacionalidades, houve hoje mais aulas sobre temas do maior interesse quer jurídico, quer económico, que permitiram estabelecer comparações entre a doutrina, a legislação e a jurisprudência de diversos países. Divididos em dois ciclos, há cursos em francês, inglês e alemão. No primeiro ciclo, e temas de Direito privado e de Direito publico no segundo.

Um dos aspectos mais interessantes destes cursos são os colóquios, que decorrem animadamente com a participação de mestres e alunos.

No programa de hoje, estavam inscritos, além de várias preleções, alguns desses colóquios, em que foram abordados assuntos de particular interesse como: sucessões em Direito comparado; sistema de «common law», introdução aos direitos socialistas e direitos românicos.

Os cursos prosseguem normalmente até 3 de Setembro.

Uma conferência

sobre «Cancro da língua e da tiroideia»

A fim de efectuar, no próximo dia 13, uma Conferência sob o tema «Cancro da língua e da tiroideia», no Instituto Português de Oncologia, chega amanhã ao Aeroporto de Lisboa o prof. Alberto Rahausen, director do Hospital do Cancro de Santiago do Chile. A conferência, sob um tema actualíssimo, está a despertar inusitado interesse nos meios médicos da capital, dado que o conferencista é uma autoridade no assunto. O prof. Rahausen, depois da apresentação do seu trabalho, visitará as instalações do Instituto de Oncologia.

PERDEU-SE

Mala preta de senhora deixada num táxi dia 10 pelas 13 1/2 Avenida Álvares Cabral n.º 5-4.º Dão-se Alviissaras. Telefone 68.24.74.

JÓIAS ANTIGAS

GRANDE VARIEDADE
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

TA... A CASA?

ade-satélite de Carnaxide. Pode anos. A primeira fase de construção de 600 FOGOS.

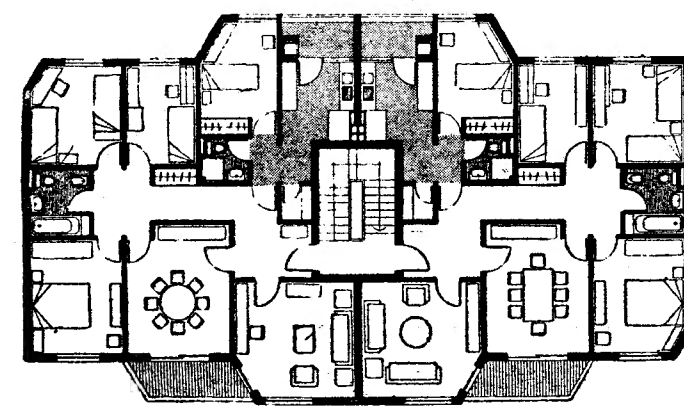
ue podem ser pagos com a renda normal

Torne-se proprietário da casa que habita. Pague a renda a si próprio!...

UM EMPREENDIMENTO E PROPRIEDADE DA:

SOLÁTIA

R. Damião de Góis, 28 — Telef. 213639 - 213675 — Algés



Tipo de moradia com seis dependências assoalhadas

366731 - 33308

Mais de três mil pessoas assistiram na Póvoa de Varzim à exibição da Escola de Trânsito da Shell integrada na Campanha de Segurança Rodoviária

Pelos hospitais

ATROPELADA POR UM AUTO-MÓVEL — A menor Maria de Fátima Mendes dos Santos, de 9 anos, moradora na Quinta do Chegadi-nho, 8, na Cova da Piedade, foi co-lhida por um automóvel no Pragal. Ficou ferida na cabeça e deu en-trada na sala de observações do Hospital de S. José.

CAIU DA JANELA DA RESI-DÊNCIA — Recolheu em estado grave ao Hospital de S. José, a sr.^a D. Maria das Neves Ferraz, de 40 anos, moradora na Travessa de Santa Quitéria, 15, 2.º esquerdo, em Lisboa, que caiu da janela da sua residência para a rua.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Go-verno Civil): um chapéu de palha; um guarda-chuva; um livro com tí-tulo «Anatomia artística»; um apa-relho de telefonia portátil; um chi-nelo; um relógio de ponto; um tam-pão de roda de automóvel; um tam-pão de depósito de gasolina; um martelo de calceteiro; uns óculos graduados; um título de isenção de Fernando Moura Bernardino; uma carteira com documentos militares pertencentes ao 1.º cabo 202/RD Francisco Mendes Algarvio; os bi-lhetes de identidade de Sara Ribe-ro de Jesus, e José Jorge de Almei-da André; a carta de condução de António Assunção Santos.

A lista do 2.º turno de concorrentes

à 2.ª prova do Concurso do Condutor Exemplar Infantil

Lembramos aos meninos e meni-nas, cujos nomes damos a seguir, que devem apresentar-se amanhã, às 10 horas, no Centro Mobil do Jar-dim Zoológico, para prestarem as 2.ª provas do Concurso do Condutor Exemplar Infantil, conforme lhes foi já comunicado pelo correio: José An-tónio Faisca Fortuna, José João Fa-ria Martins Belo, José Luís Martins Vieira dos Anjos, José Miguel Antu-nes Fernandes, José Manuel Morais de Oliveira, Joaquim Pedro Lamas Jacobetty, José Pedro Katzenstein, Luís Américo Moura, Luís Filipe da

Silva Claro, Manuel António Raposo Serra, Maria Alice Ferreira, Maria Beatriz de Sousa Santos, Maria de Fátima Sobral Gomes, Maria da Graça Silveira Filipe, Maria João Reis Neves, Maria Judite da Costa Ferreira, Maria Laura Boavida Fre-derico.

Principiou hoje a 2.ª prova do concurso do Condutor Exemplar Infantil

Conforme ontem noticiámos, prin-cipiam, esta manhã, as provas do primeiro turno dos concorrentes se-leccionados na 2.ª prova do concur-so do Condutor Exemplar no Cen-tro Mobil de Trânsito, no Jardim Zoológico, integrado na Campanha de Segurança Rodoviária, da inicia-tiva do «Diário de Lisboa».

Estes exercícios continuam du-rante a semana, às 10 horas, para os inscritos que foram aprovados no concurso. Hoje, os condutores inscritos tiveram duas provas, uma escrita e outra prática. Esta aula despertou grande entusiasmo entre os concorrentes, tendo todos capri-chado em manter as suas anteriores posições.

MELHORAMENTOS

no concelho de Sintra

O chefe do distrito, sr. dr. Osório Vaz, visita no próximo domingo o concelho de Sintra, a fim de proceder á inauguração de um importante conjunto de melhoramentos.

Depois de amanhã, a convite do sr. visconde de Asseca, presidente do Mu-nicípio de Sintra, haverá uma visita dos representantes da Imprensa, que no final, serão obsequiados com um almoço. Diário E7scolar

AGORA...

...AS
**MESMAS
ÁGUAS
EM
novas
garrafas !**



VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS, Sarl

TEM O PRAZER DE ARESENTAR AOS EXMOS. CONSUMIDORES, DEPOSITÁRIOS, AGENTES E PÚBLICO EM GERAL, AS SUAS FAMOSAS ÁGUAS, DE RENOME INTERNACIONAL, EM

GARRAFAS DE NOVO MODELO

VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS
UM NOME VELHO NA MODERNA TERAPÊUTICA HIDROLÓGICA

VIDAGO

UMA REALIDADE NO TURISMO PORTUGUÊS

Golfe — Campismo — Tênis — Hipismo — Piscina — Montanhismo
FONTE DE SAÚDE E ALEGRIA

repleta de assistentes que, sem du-vida, ultrapassavam a casa dos três mil.

Na assistência predominavam, co-mo não podia deixar de ser, os ho-mens de palmo e meio, convocados pelos suplementos do «Diário de Lisboa» distribuídos largamente na vila pela caravana da Shell Portu-guesa, que se mostravam enfeitica-dos pela vila miniatural que ali se lhes apresentava, com os seus ar-ruamentos, largos e passeios, edifi-cios, casa da escola, posto de abas-tecimento de carburantes, semáforos eléctricos e toda a gama de placas e tabuletas com os sinais de tran-sito; enfim um mundo de coisas aliciantes para o espírito sempre inquieto e observador da gente miu-da.

Concorrentes em prova

Com a presença, no juri, do dele-gado local do «Diário de Lisboa», representante da Comissão Municip-al de Turismo, sr. Artur Montel-ro, e do inspector da Shell Portu-guesa, sr. Bandeira Ferreira, ini-ciou-se a aula da Escola de Tran-sito, com a parte teórica que consi-stiu na explicação dada aos pe-quenos alunos (dos 10 aos 13 anos) dos principais sinais de transito que se vêem espalhados nas estra-das e nas ruas, bem como dos si-nais que os condutores e os agen-tes reguladores do tráfego devem observar para evitar desastres e perdas de vidas. Seguidamente co-meçou a aula prática e os 50 con-correntes, que prestaram as suas provas em dois turnos, entusiasma-ram a assistência que, curiosa e in-teressada, também, seguiu até final a evolução dos pequenos automo-bilistas, ciclistas, peões e sinaleiros, ovacionando os mais capazes e cha-mando, por vezes, a atenção dos menos aptos ou desatentos á sinali-zação do transito.

As operações foram dirigidas ao microfone pelo chefe da P. S. P. local, que anotava as faltas que se iam verificando e apontava aos pe-quenos condutores os inconvenien-tes e os acidentes que o defeito das manobras poderia acarretar-lhes.

Proclamação dos vencedores

No final das provas que, com muito aproveitamento, se prolonga-ram por duas horas, foram apura-dos como melhores alunos, sem fal-tas os concorrentes a quem foram distribuídos os prémios constituídos por medalhas de aprovação e diver-sos jogos. Foram eles os seguintes: automobilistas — Rui Horácio de Carvalho Pinheiro e Luís Miguel Costa de Sousa Baptista, ambos com 11 anos; ciclistas — Hernani Jorge Carvalho Pinheiro, de 12 anos, An-tero Ponte de Araujo Magalhães, de 12 anos, também; sinaleiros — Manuel Ramos Teixeira Gomes, de 13 anos, e Francisco Manuel Gui-marães Coelho Lima, de 11.

A fiscalização e contagem das faltas esteve a cargo dos srs. Rui Correia e Bento Ferreira, dos Ser-viços Culturais da Shell Portuque-sa, que se mostraram incansáveis na solicitude com que trataram e acompanharam todos os pequeninos concorrentes por quem, no final e como prémio de consolação, distri-buíram jogos de foguetões

**AUGUSTO LOPES
AMBROZIO**

FALECEU

Matilde Garcia Lopes, Gracinda Fer-nanda dos Santos Lopes, António José dos Santos Lopes, José Augusto Garcia Lopes, Adriana Marechão de Oliveira Lopes, António José Henriques Lopes, Oscar Augusto de Oliveira Lopes, Ana-bela dos Santos Henriques Lopes e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e pa-rente e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas da Rua Dr. Gama Barros, N.º 30-2.º-Dt.º — para o cemitério do Alto São João.

AGÊNCIA SALGADO — RUA DA BENEFICÊNCIA — Tel.: 771349

O CINQUENTENÁRIO DA I GUERRA MUNDIAL

(Continuação da 1.ª página)

Apenas em relação a um, o qual era atentatório dos mais elementares direitos daquele país como nação independente, embora sem o rejeitar formalmente, a resposta do Governo sérvio punha justificadas restrições. Era aquele em que se exigia que autoridades austríacas conduzissem, em território sérvio, sem para tanto darem satisfação ao Governo de Belgrado, um inquérito, complemento do que fora feito no local do atentado e na província da Bósnia sobre as condições e antecedentes da morte do arquiduque herdeiro. Esse pedido equivalia a exigir a substituição da Polícia e dos tribunais da Sérvia, no território desta, por Polícia e tribunais austríacos.

O conhecimento da resposta ao ultimato produziu na Europa uma sensação justificada de alívio. Era impossível, perante a atitude que ele exprimia, continuar a alimentar receios ou inquietudes. Na nota em que figurava a cópia da resposta do Governo sérvio, a qual lhe foi transmitida algumas horas depois, Guilherme II, que entretanto regressara a Potsdam, escreveu: «É muito mais do que eu esperava. Este intervalo de quarenta e oito horas (prazo dado à Sérvia para responder) permitiu ao Governo de Viena alcançar um êxito brilhante. Agora desapareceram as razões para fazer a guerra. Giesl (embaixador austríaco em Belgrado) deve ficar quieto em Belgrado. No lugar do Governo de Viena não teria ordenado a mobilização».

Apesar disso o Governo de Viena ordenou a mobilização e fêz-lo o seu representante em Belgrado. Em vez de confirmar o alívio com que todos contavam, o Governo de Viena ao adoptar essas providências extremas não deixava margem para dúvidas sobre as suas intenções. O que ele queria não era a satisfação pedida por motivos imaginários mas a guerra de que precisava, ou julgava precisar, para adiar a liquidação da monarquia dualista. Guilherme II constatava um facto perante o qual ele próprio se curvava: a vontade de paz manifestada de todos os lados e que nessa altura, parecia fazer pender irresistivelmente a balança a favor de uma solução diplomática do diferendo austro-sérvio. Em outras notas marginais, que figuram nos documentos da época, constata-se o seu receio de que os actos brutais do Governo de Viena fizessem recair sobre este a responsabilidade das decisões que iam seguir-se. O chanceler alemão escrevia: «A nossa posição é muito difícil. Receio bem que, aos olhos dos outros povos da Europa, devido ao comportamento do nosso aliado (austríaco) nos responsabilizem pelo conflito que pode ser o epílogo de tudo isto».

A semana crucial de 27 de Julho a 2 de Agosto de 1914

Entre 27 de Julho e 2 de Agosto, entre a resposta conciliatória da Sérvia e o início das hostilidades pelas grandes potências, os dias decorreram febris. Por um lado, os Governos da França, da Grã-Bretanha e, em certa medida, o da Rússia, multiplicaram as diligências destinadas a afastar o risco de guerra iminente. Por outro, os conspiradores de Viena e Berlim, perdido o seu principal trunfo, procuraram dissimular os propósitos que os animavam por detrás de uma espessa cortina de dilações diplomáticas e intensos preparativos militares. O bombardeamento de Belgrado previsto para 28 (de Julho), tornara-se inevitável, uma vez que o Exército austríaco se encontrava mobilizado. Guilherme II mudara de opinião, como costumava, dada a versatilidade do seu feitio, e escrevia: «É preciso dar a um Exército, mobilizado pela terceira vez (referência a episódios anteriores com o Exército austríaco), uma satisfação correspondente à sua honra. Aos olhos dos estrangeiros é indispensável que os austríacos entrem em território sérvio».

Melhor do que ninguém sabia o Kaiser que uma tal decisão acarretaria os mais graves perigos pelo que escrevia a seguir, como quem se penitencia de futuras acusações: «Na verdade a resposta sérvia não passa de uma promessa e para que esta seja cumprida é preciso que a Austria tenha na mão

Excursões individuais

Conheça toda a Europa utilizando as viagens ao estrangeiro organizadas pela C. P. com todas as despesas incluídas. Peça a respectiva brochura nas secções de informações das estações de Lisboa e Porto.

uma garantia segura de execução. Não devemos esquecer que os sérvios, como todos os eslavos, são falsos, mentirosos, mestres na arte de enganar. A guerra que devemos fazer-lhes é preciso que apareça aos olhos dos outros como uma doce violência».

A Sérvia, por sua vez, mobilizara também o que aumentava o perigo de conflito. O ministro dos Estrangeiros russo, Sazonov, que nesses dias dramáticos se mostrou um convicto defensor da paz, escrevia: «Sejam quais forem as circunstâncias, a guerra é sempre a guerra». Em S. Petersburgo argumentavam que a superioridade militar da Austria levá-la-ia rapidamente ao esmagamento da Sérvia, o que permitiria ao Governo de Viena ditar-lhe as suas condições que equivaleriam à destruição deste país. A Rússia não consentiria em tal, e da sua decisão avisou, sem que estes pudessem alimentar ilusões, os austríacos. O comandante-chefe do Exército sérvio, general Putnik, que se encontrava numa estação de águas húngaras, conseguira fugir e regressar ao seu país, enquanto o Governo sérvio deixava Belgrado e se refugiava em Nisch.

A correspondência dos imperadores da Alemanha e da Rússia

O czar da Rússia, em 28, inquieto com a feição dos acontecimentos, enviou uma mensagem pessoal ao Kaiser na qual dizia: «A um Estado fraco foi declarada uma guerra infame. O povo russo está a viver horas de profunda indignação que eu sinceramente partilho. Aproxima-se o momento em que não poderei conter a indignação popular no meu país. Para evitar a tragédia de uma guerra europeia, peço-te, invocando a nossa velha amizade, para impedires que o teu aliado (Austria) vá mais longe». Em complemento da mensagem pessoal ao Kaiser, Nicolau II propôs que o litígio austro-sérvio fosse submetido ao julgamento do tribunal de Haia. «Nunca», respondeu Guilherme II ao ter conhecimento da proposta. Só havia uma solução, ao que então dizia: a Austria devia esmagar e ocupar a Sérvia.

O dia 29 de Julho foi animado por peripécias desconcertantes. Guilherme II respondeu ao Czar responsabilizando-o pelo agravamento da situação. «A Rússia», escrevia ele, deve manter-se numa atitude de expectativa se quiser evitar a mais terrível das guerras. É agora contigo (com o Czar) decidir, tendo a certeza de que sobre os teus ombros pesam as maiores responsabilidades». A diplomacia franco-britânica não parava nas suas tentativas para restabelecer o «status quo», mas os dirigentes de Londres e Paris esbarraram na obstinada negatividade de Viena. Os austríacos queriam, sem ter em conta as consequências do seu comportamento, levar por diante o ataque à Sérvia e apenas a recusa alemã a acompanhá-los os demoveria desse propósito. Ora em Berlim, com a versatilidade de Guilherme II coincidia o completo desprezo que pelas flutuações do seu espírito e as indecisões do seu ânimo tinham os chefes militares, os quais não queriam deixar perder a oportunidade que se lhes oferecia.

No mesmo dia 29, a Grã-Bretanha, desta vez com a França e a Itália, propôs uma conferência internacional com a presença de todas as grandes potências — portanto incluindo a Austria e a Rússia — a fim de pôr termo ao litígio austro-sérvio. No telegrama em que o embaixador alemão em Londres, príncipe Lichnowski transmitiu essa sugestão, o Kaiser escreveu à margem: «Bastava que Londres desse ordem aos russos e franceses para estarem quietos e eles imediatamente obedeceriam. Mas a Inglaterra nada faz. Só ela tem a responsabilidade da guerra e precisamos de o proclamar publicamente». As notas marginais do Kaiser são o melhor documentário das suas responsabilidades e das do seu país na eclosão da guerra de 1914-18.

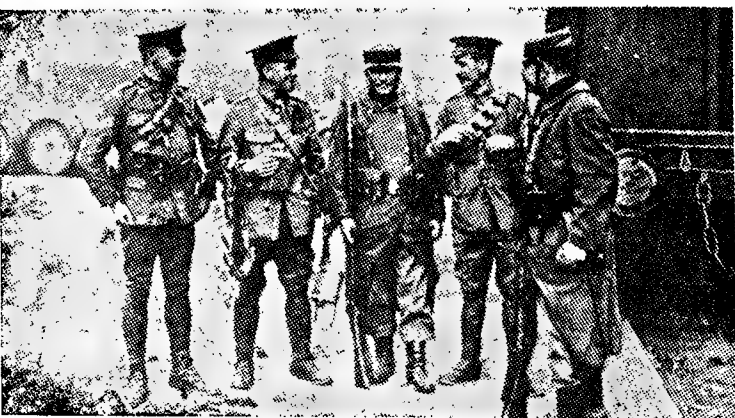
Aquela que transcrevemos é, só por si, a condenação de um chefe de Estado responsável. Que dizia ele, da atitude da Grã-Bretanha e como via a evolução ameaçadora dos acontecimentos? Bastaria que os ingleses mandassem, e a Rússia e a França remeter-se-iam a um silêncio completo, quando, a primeira dessas potências estava directamente envolvida na contenda. Mas segundo o Kaiser era a Grã-Bretanha que devia levá-la a consentir no esmagamento da Sérvia e não ele e a Alemanha que deviam agir no sentido da paz em Viena, em vez de prodigalizarem aos belicistas austríacos incitamentos que equivaliam a ordens para levarem até final a sua ambição dementada. — C. F.



General von Kluck

Era o chefe militar alemão encarregado de executar a parte mais importante do plano Schlieffen o qual daria, no pensamento do seu autor, ao Exército imperial uma vitória fulminante sobre a França, permitindo-lhe, ao fim de cinco semanas, lançar todas as suas forças contra a Rússia. Enquanto vivo, Bismarck teve o pesadelo da guerra em duas frentes que evitou por uma política hábil e uma série de manobras diplomáticas desconcertantes. Receava ele, sobretudo, a aliança militar entre a França e a Rússia a qual se tornou uma realidade após o seu afastamento pelo imperador Guilherme II que não tolerava a tutela do chanceler de ferro. Os acontecimentos encarregaram-se de o vingar e a derrota do seu país, que criara a sua forma moderna, deveu-se sobretudo a ser obrigado a fazer a guerra em duas frentes. Schlieffen preparara-a partindo do princípio de que era possível, e relativamente fácil, derrotar em pouco tempo o Exército francês o que permitiria ao estado-maior alemão concentrar na frente oriental os seus imensos recursos e numerosos efectivos.

Von Kluck foi o general encarregado de realizar esse sonho para o que assumiu o comando do grupo de exércitos alemães que, no total de um milhão de homens, tinha o encargo de envolver e liquidar a ala esquerda do Exército francês. No desempenho dessa missão, que devia dar-lhe na História um lugar relevante, falhou completamente. Dizia-se em 1914 que antes de morrer Schlieffen, delirando, gritara que reforçassem a ala direita. Em vez disso foi preciso tirar-lhe dois corpos de exército para enviar apressadamente para a frente oriental a fim de impedir a invasão da Prússia Oriental, berço do império alemão. Essa falta teve decisiva influência no resultado da batalha. Kluck foi o grande vencido do Verão de 1914 e a sua derrota acarretou a do Exército alemão, e finalmente a da Alemanha imperial.



O primeiro contacto entre militares ingleses e franceses em seguida ao desembarque dos primeiros no continente. O contraste entre os uniformes sóbrios dos britânicos e os gritantes uniformes dos seus aliados era uma nota pitoresca nessas horas dramáticas em que se preparavam as grandes batalhas da guerra de 1914-18.

Moçambique de hoje vista de relance

(Continuação da 1.ª página)

tinha vindo a acariciar a água, durante a travessia.

Iamos, finalmente, desembarcar na ilha histórica, cidade medieva portuguesa que muitos acreditam poder vir a herdar a corrente turística que em busca de exotismo procurava, até há pouco, a ilha de Zanzibar, um pouco mais ao norte.

Atravessámos a ponte-cais já coberta com uma passadeira e decorada com bandeiras portuguesas, para a visita do Chefe do Estado, que chegaria na tarde seguinte. Fomos logo assaltados pelos condutores dos riquexós, os únicos carros de aluguer da ilha.

Pouca gente resistiu à tentação de saborear a novidade exótica, ainda hoje mantida como atracção turística em certas cidades do Oriente. Aqui é um meio normal de locomoção, cómoda e barata.

Fomos a pé, com outro colega, utilizando como guia um condutor de riquexó. Quando lhe propusemos a modalidade, teve dificuldade em compreender. Nós queríamos ver a Fortaleza, os monumentos, as casas de comércio.

— Eu levo patrão. Dez escudos a hora, os dois.

Ora o nosso homem do riquexó, indo nós a pé, não admitia que lhe fossemos pagar o mesmo. Por fim percebeu e decidiu-se a deixar o carro. Lá foi connosco, dando-nos as indicações que sabia, inicialmente com acanhamento. Em breve, porém, perdeu a timidez e foi respondendo às nossas perguntas.

Um dos motivos que alegara, ao princípio, para não abandonar o veículo junto a um passeio, foi o de que tinha de pagar ao patrão.

— Qual patrão? — Said — assim se chamava o rapaz — explicou-nos que o riquexó não era dele, mas de um branco com casa de comércio, proprietário de mais cinco carros.

O nosso guia era um rapaz espadado, usava um bigodinho e parecia ter pouco mais de vinte anos. Não sabia a sua própria idade e professava a religião maometana. Não chegámos a saber se ficou contente ou aborrecido por não termos querido utilizar o seu riquexó.

Verificámos, somente, que pelo caminho teve de dar muitas explicações em língua macua, aos que se admiravam de o ver sem o carro. Era simples e ingénuo, fiel e cuidadoso, o nosso homem do riquexó.

Uma ilha histórica

Cerca de quinze mil pessoas vivem actualmente na ilha de Moçambique, ponto de escala da viagem de Vasco da Gama à Índia e mais tarde visitada por Alvares Cabral e outros navegadores portugueses. Entreposto comercial, capital da província desde 1818 a 1898, capital do distrito até 1935, a ilha-cidade mantém hoje todos os vestígios da sua passada grandeza.

Tirando um ou outro edifício moderno, como a «Pousada de Moçambique», assemelha-se muito a uma vila medieva portuguesa, com as suas ruas estreitas ladeadas de casas amarelas, a fortaleza de S. Sebastião, o convento de S. Domingos ou a Igreja da Misericórdia. Só as casas de canico e colmo, do lado do cemitério, fazem lembrar um pouco a presença de Africa.

Uma verdadeira Babel

Nas ruas, aliás limpas e bem cuidadas, a impressão que se colhe é a de uma verdadeira Babel. Brancos, negros e indianos cruzam-se em todos os sentidos. E se as mulheres africanas — como se sabe, as

mais bonitas de Moçambique — usam os panos vistosos e mantêm, no essencial, os usos característicos da sua raça, os homens denunciam nítida influência árabe, não propriamente no vestuário, mas principalmente pela religião.

Segundo nos disseram na mesquita, que visitámos depois de termos deixado cá fora os sapatos, setenta e cinco por cento da população da ilha segue a religião maometana. Esta percentagem refere-se, claro, aos indianos e negros, pois não há brancos maometanos.

— Não há problemas religiosos entre nós. Vivemos, trabalhamos e convivemos todos juntos. Depois, cada qual vai para a sua igreja. Somos todos portugueses.

Esta afirmação, feita por um descendente de indianos, era confirmada por um negro de barba branca, um negro evoluído que falava correctamente português e citava factos históricos.

Entretanto, muitos homens prostavam-se de joelhos e curvavam-se na direcção de Meca, fazendo as suas orações.

Agradecemos as atenções recebidas e falámos dos maometanos que víramos em Quelimane.

— Sim, em Quelimane há alguns, mas são poucos: três a quatro por cento da população.

— Sim? — dissemos nós. Mas são animosos, pois durante a noite cantaram de modo a ouvir-se quase em toda a cidade.

Tínhamos ido vê-los, junto a mesquita, entoando cânticos sucessivos, à luz de fogueiras.

— Era em honra do nosso Presidente — esclareceu-nos outro indiano. Nós também o faremos amanhã, até à hora que o sr. governador entender por conveniente.

A futura ponte

Perdida toda a importância de terminal do caminho de ferro, dada a dificuldade de ali poderem entrar grandes navios, a baía de Moçambique foi substituída pelo porto de Nacala, agora com o novo cais inaugurado pelo Chefe do Estado.

A ilha de Moçambique está, portanto, ameaçada de estagnação. É mesmo de espantar que possua um tão grande numero de casas comerciais, quase todas na mão de descendentes de indianos, os denominados «monhés». O certo é que a tradição comercial da ilha é muito forte e o facto de os seus estabelecimentos de artigos exóticos e orientais, e mesmo de produtos da metrópole, estarem tão bem fornecidos, mostra que continuam a fazer transacções e a ter clientela, o que não exclui, de certo, uma certa tendência de declínio, que tem vindo a acentuar-se.

Um dos motivos poderá ser o isolamento, pelo que está prevista a construção de uma ponte que vença, no ponto mais estreito, ao sul do Lumbo, o canal que separa a que do continente.

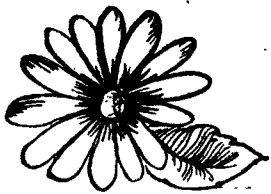
De qualquer modo, a ilha de Moçambique continuará a ser uma página viva da nossa história marítima, mas é bem possível que do turismo ou de iniciativas industriais possa vir a receber o indispensável impulso que contrabalance a tendência de declínio que se manifesta ali a partir do final do século passado, quando Mouzinho, em 1898, transferiu a capital da província para Lourenço Marques.

M. de A.

ARNALDO GARCEZ RODRIGUES

MISSA DO 7.º DIA

Marcelle Marneffe Garcez Rodrigues, Joaquim Garcez Rodrigues, Ruy Garcez Rodrigues, Charles Marneffe Garcez Rodrigues, Aurora Garcez Rodrigues e mais família, participam que amanhã, 12 de Agosto, às 12 horas, será rezada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja dos Mártires.



MUSGO DE CELOFANE para transporte de plantas

Certamente que os horticultores não ficarão indiferentes com esta notícia: o celofane está a ser utilizado, em substituição do musgo, para o transporte de plantas. Com efeito uma firma inglesa de horticultores descobriu que as aparas de celofane humedecidas apresentam muitas vantagens. Na realidade, não só permitem que a planta viva mais tempo fora da terra (até um máximo de seis semanas) como ainda as protege melhor contra a geada.

Além disso, as aparas de celofane são de manipulação mais limpa e mais fácil do que o musgo, pois que, sendo simultaneamente mais leves, não requerem cuidados especiais de acondicionamento.

O cinema francês no Japão

As produções cinematográficas francesas ocupam o segundo lugar no Japão, assim ficou demonstrado pelo número de filmes projectados nas salas de espectáculos nipónicas, durante o ano passado. Na realidade, trinta e cinco filmes franceses foram exibidos, o que dá à França um lugar à parte no conjunto de países ocidentais que exibem películas no Japão. A este número podem-se, ainda, acrescentar três produções italo-francesas e uma franco-italo-germano-japonesa.



O HEROÍSMO (QUE FOI AUTÉNTICO) DE JOHN KENNEDY

Um rapazinho perguntou, um dia, ao malogrado presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, que andou na última guerra na esquadra do Pacífico e ali se distinguia:

— Senhor presidente: como é que o senhor se tornou herói?

Resposta pronta, entre um simples sorriso:

— Foi sem querer... Afundaram-me o barco.

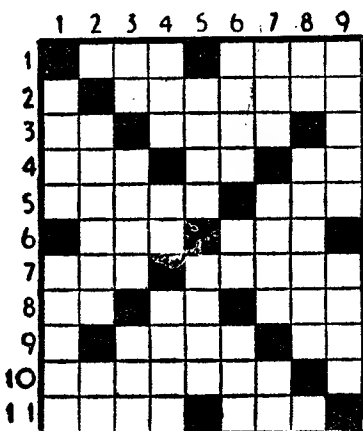


ACKEN.

«Tirando isto são rapazes normais».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3474



HORIZONTAIS: 1 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Rasoura. 2 — Nome de um marisco. 3 — Símbolo químico do rubídio. Metal precioso de cor amarela. 4 — Cólera. Letra grega. Abreviatura de item. 5 — Ópera de Bellini. Fileira. 6 — Pronome possessivo. Base aérea portuguesa. 7 — Conjunção. Em pequena quantidade. 8 — Artigo definido. Pronome pessoal. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 9 — Falha. Alternativa. 10 — Sorte. 11 — Língua vernácula indiana. Procedi.

VERTICAIS: 1 — A Irlanda. Género de insectos lepidópteros. 2 — Saís. Prefixo que designa estado. 3 — Língua que antigamente se falava ao sul do rio Loire. Clima. Prefixo que designa três. 4 — Negativa. Mulo. Tira voluntariamente a vida. 5 — Olha atentamente. República da América. 6 — Invulgar. O sono das crianças. Nome de mulher. 7 — Cincho. Trata por tu. Símbolo químico da prata. 8 — Apelido. Dedução. 9 — Artéria que parte do ventrículo esquerdo do coração. Abalei.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3473
HORIZONTAIS: 1 — QUEM, NADA. 2 — Brim. Broa. 3 — Ar. Er. 4 — Anal. Rima. 5 — C6. Asi. El. 6 — Grifo. 7 — M6. Sa. 8 — Eu. FAZ. JÁ. 9 — Lima. Adur. 10 — Atol. Cada. 11 — Sora. Anão.
VERTICAIS: 1 — Qd. Ago. Elas. 2 — Urano. MUITO. 3 — Eira. G6. Mor. 4 — MM. Lar. Fala. 5 — Siva. 6 — Nb. Rif. Zaca. 7 — Arei. Os. Dan. 8 — DORME. Ajuda. 9 — Aa. Aló. Arão.
(Provérbio: QUEM NADA FAZ JÁ MUITO DORME).

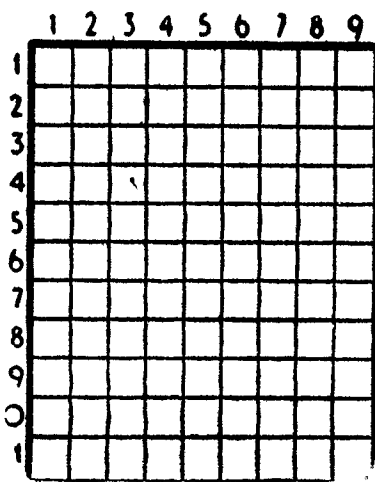
(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 7319

HORIZONTAIS: 1 — Cidade santa da Arábia. Vazias. 2 — Guarnecer de asas. Poeta. 3 — Rapariga de Coimbra. 4 — Cidade de França. Irmã da mãe. 5 — Empunhar. Assunto. 6 — Nesse lugar. Viração. 7 — Aprovas. 8 — Prefixo de privação. Rema para trás. Caminhar. 9 — Grande cantora de ópera. Raera. 10 — Artigo indefinido. Caminha. Abreviatura de item. 11 — Amofina. Homem de baixa estatura.

VERTICAIS: 1 — Ruim. Fluido aeriforme. Rio de França. 2 — Pronome demonstrativo. Entusiasma. 3 — Choras. 4 — Apelido. Traçava. 5 — Símbolo químico do cobalto. Segundo. 6 — Ovario dos peixes. Nome dum pássaro (fem.) 7 — Louvara. 8 — Prendeis. O Arão da Bíblia. 9 — Pronome reflexo. Preposição e artigo definido (pl.). Mamífero roedor.

Solução do problema n.º 7318

HORIZONTAIS: 1 — Loba. Apar. 2 — Samarra. 3 — Ru. Pé. 4 — Sebadelhe. 5 — Alas. Suar. 6 — Mar. Dia. 7 — Sôr. Pia. 8 — Sótão. 9 — Pó. Rei.



AL. 10 — Ora. Imã. 11 — Rescaldos.
VERTICAIS: 1 — Asam. Apror. 2 — Os. Elas. Ore. 3 — Bárbaros. As. 4 — Amuas. Ror. 5 — Tema. 6 — Arpes. Pai. 7 — Preludio. Id. 8 — Aa. Haia. Amo. 9 — Vera. Clãs.

VÊM AO TEJO mais dois navios da Armada italiana

Chega a Lisboa no próximo sábado um agrupamento naval italiano, que se desloca ao nosso porto em visita não oficial.

O agrupamento é composto pelos navios «Andrômeda» e «Aldebaran», e as suas guarnições totalizam 20 oficiais, 88 aspirantes, 64 sargentos e 294 praças.

Os navios ficarão no Tejo até ao dia 20.

SECRETARIA DE ESTADO DA AERONÁUTICA

OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

Está aberto concurso público para o fornecimento de Material para a rede eléctrica.

As propostas deverão ser apresentadas até às 12 horas do dia 1 de Setembro de 1964, nos Serviços Comerciais deste Estabelecimento.

As condições deste concurso obedecem ao respectivo Caderno de Encargos, que poderá ser consultado na sede deste Estabelecimento em Alverca do Ribatejo, todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 16 horas.

Alverca do Ribatejo, 11 de Agosto de 1964.

O CHEFE DOS SERVIÇOS COMERCIAIS
António Rodrigues Correia

Bilhetes de banhos LITORAL DO ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que a partir do próximo dia 14 estão à venda nas estações de caminho de ferro bilhetes de banhos para todas as estações do litoral do Algarve.

Devo aquilo que sou à confiança adquirida e ao carinho do público espanhol — disse-nos Amadeu dos Anjos que amanhã se apresenta no Campo Pequeno

Depois de quatro anos de triunfos consecutivos por arenas de Espanha, desde o mais escondido «pueblo» a Madrid, apresenta-se amanhã, quarta-feira, no Campo Pequeno, o matador de toiros portugueses Amadeu dos Anjos.

E pode dizer-se que tem sido, neste lapso de tempo, o «diestro» lusitano que melhor tem representado o seu País além fronteiras, quer pelo número de corridas toureadas, quer pela categoria dos alternantes, quer ainda pela avalanche de orelhas e rabos cortados. Basta citar, «record» que detém, as dez orelhas concedidas em Madrid!

Amadeu dos Anjos, o toureiro serrano das proximidades da Guarda, firmou-se na pátria do toureiro apeado como «muletero» de grande classe.

Franzino, miúdo, com um sorriso aberto e confiante, Amadeu dos Anjos responde-nos à nossa primeira pergunta:

— Devo aquilo que sou à confiança adquirida e ao carinho do público espanhol. Em quatro anos, é a segunda vez que toureiro em Portugal, e precisamente na mesma praça do Campo Pequeno, onde vim primeiro para a Corrida da Imprensa.

E explica: — Quando fui para Salamanca, há quatro anos, senti que nada mais tinha a fazer em Portugal... As possibilidades de singrar eram nulas. Abandonaria o toureiro ou emigraria. Fui passar, então, uma temporada para Nave de Haver. E com o meu confrã, sr. Francisco Jorge, que tem sido para mim como um pai, fomos a Salamanca. Arranjámos apoderado, Simón Carreño, e por lá fiquei, graças a Deus...

A propósito dos troféus conquistados, Amadeu confessa-nos:

— Não sei, para lhe ser franco, quantas orelhas cortei nestas quatro temporadas. No entanto, por

um livrito que o Carreño possui, e que há tempos folhee, devo ter cortado umas duzentas orelhas, além de rabos e patas e de umas 30 saídas em ombros pelas portas grandes das praças.

Falámos da tarde da sua alternativa, em 13 de Setembro do ano passado, em Salamanca:

— Jamais a esquecerei. Paco Camino foi o padrinho e como testemunha da cerimónia tive o meu amigo Manuel Benítez «El Cordobés». Cortei duas orelhas aos toiros do sr. Alberto Patrício (um curro de prestígio) e saí em ombros.

A entrevista estava terminada. Com Amadeu dos Anjos alterna o saragoçano Fermin Murillo, uma das maiores figuras contemporâneas do toureiro, e ainda os cavaleiros João Nuncio e José Mestre Baptista e os Forcados Amadores de Évora, de João Patinhas. Os toiros João Nuncio e José Mestre daria de João Branco Nuncio.

VIDA MUSICAL

Concerto sinfónico no Trindade

A série de concertos sinfónicos promovidos pela F. A. N. T. com a colaboração da E. N. e apresentados no Teatro da Trindade prossegue amanhã, às 21 e 30.

A Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional será dirigida pelo distinto maestro Frederico de Freitas, que além de obras de Mozart, Vient d'Indy e Gimenez, apresentará uma peça de sua autoria — «A Suite Medieval». Actuará, como solista o notável pianista José Carlos Picoto, estando os comentários, como habitualmente, a cargo do dr. João de Freitas Branco. Ainda há alguns bilhetes à venda, na bilheteira do Trindade, a preços populares.



Amadeu dos Anjos, depois de uma grande actuação, numa praça espanhola, sai aos ombros dos aficionados

TELEVISORES
PEQUENO ANUNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A, Rua Passos Manuel, 4-A

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAR-SE
EST. VALENTIM
DE CARVALHO, LDA.
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

INIMITÁVEL
2 cv. CITROËN
COM FACILIDADES

A MORTE MARCA O COMPASSO

por William Irish



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR: — Max Jones, maestro de uma orquestra americana, a trabalhar em Barcelona, é preso no hotel por um detective expressamente enviado aos Estados Unidos, para responder por duplo homicídio. Max recebe ser linchado se se apresentar a juízo na terra onde se cometeu o crime. Está prestes a acompanhar o lúgubre representante da lei.

CAPÍTULO II

— Muito bem, estou pronto — disse Jones. — Julgo que pressenti sempre que o numero viria a terminar desta maneira. Já dominei o meu pânico do palco. Sómente... — relanceou ainda um olhar pela paisagem iluminada lá em baixo. — Sómente o quê? — A todo o homem prestes a ser executado, facultar-se-lhe uma ultima refeição. Dê-me ainda uma noite de Barcelona. — Esteja descansado. O barco só parte amanhã á noite. Não havia lugar nos aviões. Terei que o levar pelo meio de transporte mais lento. — Não era isso que eu queria dizer — disse Jones — Deixe-me tocar pela ultima vez no clube. Deixe-me despedir de todos com os dedos no

saxofone. Quero exhibir-me perante a assistência, ver luzes. Julgo que onde me vai guardar, será pavorosamente escuro e silencioso. Uma simples caixa de pinho onde nem sequer terei espaço para me mexer. Deixe-me despedir da vida.

— Julga-me doido? — Iria á sua guarda, claro. Não me referia á possibilidade de ir só.

— Não.

— Pois seja; é o fim...

— Mas que receia você, afinal de contas? Vai ter um julgamento leal.

— Olhe de frente para mim e diga isso.

O homem encarou-o e irritou-se.

— Não me olhe dessa maneira! Sempre o mesmo olhar! Lembra-me um...

— Um quê? — quis Jones saber.

— Um cão que eu apanhei um dia, e que acabava de ser atropelado. Tive que me servir da pistola. Lançou-me o mesmo género de olhar.

— Até mesmo os animais gostam de viver — concordou Jones. — Só que normalmente os cães morrem de morte natural! Não têm outros cães a lançar-lhe fogo ás roupas.

— Porque diabo insiste você na mesma tecla?

— Porque ambos morreram carbonizados naquela cabina, Claybourne e Amy Dwyer. E porque o xerife Carney jurou que se alguma vez pusesse a mão no autor do fogo posto, fá-lo-ia arder a fogo lento.

— Então, você sempre se encontrava na cidade — observou o detective — Mas descanse que Carney não pensava cumprir a promessa.

— E não houve homem na cidade que não jurasse ajudá-lo quando chegasse esse dia.

O outro ficou calado. Depois, Jones acrescentou:

— Sim, encontrava-me lá. E estou pronto a responder em juízo. Tomei essa resolução há coisa de minutos. Estou pronto a morrer. Só pedia uma ultima noite... E o senhor está a recusar-ma...

10

Porque é que está tão pálido? — perguntou Jones.

— Importa-se que eu fique com estes dados?

— perguntou o detective.

— Qual foi a pontuação?

— Dois ases!

— Estava escrito que eu teria a minha ultima noite — disse Jones — Então?

O detective ficou uns momentos calado. Depois, tirou as algemas, atirou-as ao ar, e apanhou-as. Depois, examinou o carregador da sua automática 38. Jones viu que o carregador estava cheio.

— Não tente segunda chance, há? De forma que muito cuidado de agora em diante! O menor gesto suspeito, e garanto-lhe que nunca mais tocará saxofone.

Voltou a guardar a pistola. Um ou dois segundos depois, Jones ergueu-se da cadeira e perguntou:

— Como se chama?

— Freshman. Kendall Freshman.

Jones apontou com o queixo para a porta fechada.

— Os outros têm de ficar a saber?

— Não. Eu não sou agente de publicidade. Apenas de policia.

Jones virou-se para a porta.

— Estou pronto. Vamos. Gozarei a minha ultima noite de reinado.

Freshman levou a mão ao bolso.

— Não se esqueça. Um passo em falso e o ref... morreu.

(Continua)

Devia ter visto qualquer coisa na expressão do outro.

— Pois então — continuou — se não ma quer dar da sua livre vontade, que me diz deixar-me vencê-lo pela sorte? Se você ganhar sairei daqui sem dizer mais uma só palavra. Se for eu, conceder-me-á uma despedida em publico?

Jones mostrou-lhe um par de dados. O detective não se mexeu, mas o maestro pôs os dados na palma da mão.

— Não estão viciados? — perguntou o detective

— Não. Ganho três mil dólares por semana, americano. E quando se está na maré de cima, joga-se pelo prazer de jogar, não de ganhar dinheiro.

— Percebo...

— Vamos — disse Jones. Uma jogada. Uma a cada um. E eu terei que fazer a sua pontuação.

— Isso é absurdo — declarou o detective. — Porque insiste em ser duro consigo próprio?

— Porque sou um fatalista e quero descobrir se tenho direito a uma ultima noite ou não. Jogue!

— implorou Jones.

— Eu ainda não dei o meu acordo — preveniu o detective. — Quero dizer, não há nenhum acordo entre você e eu. Apenas, entre você e o destino.

De repente, lançou os dados. Dois ases!

O detective apanhou-os.

— Ráio de azar o seu! E a pontuação mais difícil de repetir.

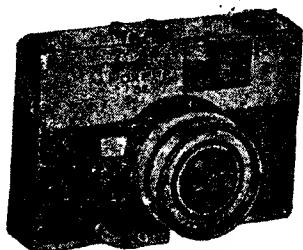
— Talvez seja preferível ser assim — respondeu Jones. Poderei ter a certeza se o meu destino me quer reservar uma ultima noite ou não.

O detective entregou os dados. O maestro sacudiu várias vezes na mão fechada e de subito lançou os cubos de marfim. O detective viu-o fechar os olhos no momento de jogar. Sem abrir os olhos, Jones pediu:

— Que tal?

O detective baixou-se para o chão.

CARL BRAUN



OS APARELHOS
FOTOGRAFICOS
MAIS MODERNOS
DA ACTUALIDADE,
COM A NOVA LINHA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

PEÇAM FOLHETOS ILUSTRADOS AOS

REPRESENTANTES: **GARCEZ LDA.** CHIADO, 88
LISBOA

12°

BOACEPA

VINHOS DE ORIGEM

BRASÕES

Unico especializado ANIBAL — grã
R Nova do Almada 64 Tel 326165

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V. 7-1.
LISBOA - TELEF. 68 41 41/2/3

USE ÓCULOS

PATENTE ITALIANA

Persol

SÃO OS MELHORES

A VENDA SÓ NOS OCULISTAS

FRIGORÍFICOS

AGORA DESDE

2.490\$00

CASA M. L. FERREIRA

5 ANOS DE GARANTIA
- R. D Estefânia. 48. 1. andar

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21: «Os 7 gladiadores» e «Terror no Texas» (12 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — As 21 e 15: «Os novos aristocratas» e «A paixão de Afrodite» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-cine — As 21: «O pecado de Teresa» (17 anos).

CARCAVELOS — Vitória-cine — As 21 e 30: «A rainha do Chantelers» (17 anos).

ESTORIL — Casino — As 21 e 30: «Barreiras sangrentas» (17 anos). **Cine-Esplanada** — As 21 e 15: «Mães perigosas» (12 anos).

CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «Barreira do medo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — Rua Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048).

CASCAIS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

INCÊNDIO

CASTRO DAIRE, 11 — Declarou-se esta madrugada, cerca das 2 e 30 um pavoroso incêndio numa oficina de reparação em S. Joaninho, deste concelho, pertencente ao sr. João Ramos. Ardearam totalmente o edifício, os apetrechos da oficina e uma camioneta.

Os prejuízos, incluindo a viatura elevaram-se a mais de 200 contos e não estavam cobertos pelo seguro. Desconhecem-se as causas do incêndio.

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Avenida Patrão Lopes 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — Central — R. Cândido dos Reis, 95 (Tel. 2430090).

PAÇO DE ARCOS — Avenida do Brasil 77-C (Tel. 2471054).

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).

AS ALGÉS — Misericórdia — Rua Regimento 19 41 (Tel. 240141).

CASCAIS — Rua 'Onde Monte Real' — Bairro das 'Aras' (Tel. 242407).

ENSILAGEM

de milho híbrido

por meios mecânicos recentes

Efectua-se, pelas 10 horas do próximo dia 12, no Baldio da Videira do Norte — Praia de Mira, a ensilagem de milho híbrido, por meios mecânicos recentes.

A área sobre que incide o corte do milho é de 30 hectares de sementeira em linhas.

As máquinas a utilizar são os tractores de diversas potências de tracção simples e as quatro rodas achoppers com adaptador para colheita de milho e reboques de descarga automática. A ensilagem é feita em silos horizontais de capacidades diferentes com calçamento feito por tractor.

Estas demonstrações serão feitas com a presença de técnicos, presidentes de Federações dos Grémios, Grémios da Lavoura, Cooperativas e lavradores regionais.

Efectuou-se hoje, sob a presidência do prof. Dias Marques, no Hotel Tivoli, a reunião do Rotary Clube de Lisboa. Secretariou o dr. Paulo Barbosa Cruz e dirigiu o protocolo o dr. Ramos Taborda.

O interesse que, na última reunião, haviam levantado algumas considerações do dr. Ramos Pereira, feitas na sua palestra «Ciência e Técnica na Economia» levou desde logo a generalizar o debate sobre o tema versado.

A troca de pontos de vista sobre o assunto, prosseguiu na reunião de hoje, iniciando-se com algumas palavras do prof. António Maria Godinho. Falou em seguida o prof. Hernâni Cidade, que proferiu interessantes considerações sobre os pontos de vista expendidos pelo palestrante. Depois de terem falado o dr. Mário Gomes e o sr. Guilherme Nádai, o presidente agradeceu ao palestrante e a todos os intervenientes no debate a colaboração que deram ao esclarecimento de um assunto de grande interesse público.

CURSO DE FÉRIAS

da Faculdade de Letras

Os estudantes estrangeiros que estão a frequentar o XXIX Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa fizeram esta manhã a sua última visita de estudo, dedicada à igreja de S. Roque e ao Museu de Arte Sacra, nela instalado.

O curso termina amanhã, começando os exames na quinta-feira.

(Continuação da 1.ª página)

vinte anos, se lançou corajosamente no combate de que dependia o resgate da Pátria. Unanimemente aprovado para professor da 4.ª Cadreira da Academia Politécnica do Porto, escreveu na «Voz Pública» os primeiros artigos de doutrinação e polémica. Os seus companheiros e interlocutores, num diálogo que durante anos encheu de clarões o ambiente em que o idealismo democrático se radicou naquela cidade, foram como ele arautos dos princípios resgatadores que a propaganda republicana espalhou pelo País: Basílio Teles, Sampaio Bruno, Julio de Matos, Guerra Junqueiro. Cientista de nomeada, comentador da actualidade política que, depois de ensaiar as suas armas polémicas na «Voz Pública», dirigiu a «Pátria», a que imprimiu o brilho da sua cultura e do seu vigor dialectico, Duarte Leite foi, acima de tudo, um português que serviu a causa da Pátria em todos os campos a que o chamaram o seu ardor cívico e a sua combatividade veemente.

Os acontecimentos sucederam-se após o centenário de Camões e muito cedo o seu comentador procurou novos postos de combate para defender as suas opiniões, com lucidez e calor, como agitador de ideias que não conheceu obstáculos nem limitações à sua acção. Ao ul-

timato seguiram-se o 31 de Janeiro e as tentativas de redenção organizadas à volta do nome glorioso de José Falcão. Veio a ditadura de 1893-97, que teve por protagonistas o rei e João Franco, como aquela que, passados dez anos, em 1907, apressou a liquidação da Monarquia. Duarte Leite foi um dos fundadores do Grupo de Estudos Sociais, iniciativa que muito contribuiu para criar no País uma autêntica consciência republicana. Em todos esses episódios activamente colaborou, emprestando-lhes o ardor da sua sinceridade e da sua fé.

Vereador na edilidade portuense, candidato a deputado, membro do directório do partido de que se tornou um dos mais categorizados dirigentes, a sua voz fez-se ouvir em comícios e a sua pena articulou o libelo que, tendo clamoroso eco na consciência da Nação, levou à proclamação da República. No combate à ditadura franquista teve ele papel relevante, e a perseguição a que foi sujeito por parte dos esbirros do franquismo deu lugar a cenas edificantes, registadas no anedotário desse período sombrio da vida nacional. Proclamada a República, Duarte Leite estava indicado, pela sua competência e capacidade realizadora, para desempenhar os mais altos cargos da administração pública.

Ministro das Finanças em 1911, no Governo da presidência de João Chagas, deslocou-se então ao Porto, onde a sua presença contribuiu para impedir que a primeira incursão couceirista tivesse mais deploráveis repercussões. Chefe do Governo e ministro do Interior, no ano seguinte, a sua energia e coragem fizeram-se sentir na maneira firme e conciliadora, como resolveu na capital alguns movimentos grevistas, especialmente o do pessoal dos eléctricos. Embaixador no Rio de Janeiro desde 1914 até 1931, a sua acção é recordada como padrão na defesa da amizade luso-brasileira.

Astrónomo, matemático, geógrafo, investigador eminente, parte da sua existência consagrou-a ao estudo dos descobrimentos dos portugueses, conquistando, com os seus trabalhos proficientes, prestígio e realce excepcionais. Duarte Leite, pelo rigor científico das suas teses e pela originalidade dos seus escritos, parte dos quais está reunida na colectânea «História dos Descobrimientos», conquistou um lugar de honra na pleiade dos nossos historiadores da expansão ultramarina ao lado dos mais notáveis especialistas contemporâneos. Ao passar o centenário do seu nascimento, a notícia singela dessa efeméride da história da ciência e da cultura portuguesas e da história da República deveria ser o ponto de partida para prestar à sua memória a homenagem nacional a que tem direito pelo exemplo da sua vida e pelo mérito da sua obra.

Se os portugueses do nosso tempo, que tanto lhe devem, o não fizerem, com fundamento se lhes poderá chamar ingratos que, no seu caso, repetirão as faltas por ele denunciadas ao traçar o luminoso prefácio das «Páginas Avulsas», de Rodrigues de Freitas: «A plácida rigidez de princípios, a modéstia e a senção que caracterizaram a sua conduta conquistaram-lhe a estima e respeito de amigos e adversários, mas não avolumaram a minúscula falange dos seus admiradores. A semente por ele lançada, com desvelo e tenacidade, e o seu trabalho de trinta anos, deixaram a sociedade portuguesa, como dantes, inerte e deslaçada, fácil presa de charlatães e aventureiros».

Carne de Moçambique

para a Metrópole

LOURENÇO MARQUES, 11. — (A. N. I.) — A bordo do «Príncipe Perfeito», seguem a caminho da Metrópole 29 900 quilos de carne, destinada ao consumo público.

Esta carne esteve durante algum tempo armazenada nos frigoríficos do Matadouro Municipal, devido a uma divergência de preço entre a Cooperativa dos Criadores de Gado e a Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Nos mesmos frigoríficos, ficaram a aguardar transporte para Lisboa mais 11 000 quilos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1917

CAPITAL REALIZADO 45 MIL CONTOS

Sede em Lisboa, Largo de S. Carlos n.º 4

INSTALAÇÕES FABRIS EM CANAS DE SENHORIM

Área ocupada 400 000 m2 ★ Área coberta 30 000 m2

PEDREIRAS DE CALCÁREO EM SOURE E DE QUARTZO EM ST.ª LUZIA

CIANAMIDA CÁLCICA ★ CAL E DERIVADOS ★ CARBONETO DE CÁLCIO ★ FERRO-GUSA
FERRO-LIGAS ★ FERRO-MANGANÉS ★ FERRO-SILÍCIO ★ PASTA ELECTRÓNICA

ELEVAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL PARA 60 MIL CONTOS, MEDIANTE A EMISSÃO, COM DIREITO DE PREFERÊNCIA PARA OS SNRS. ACCIONISTAS, DE 150 MIL ACÇÕES DO VALOR NOMINAL DE ESC. 100\$00 CADA UMA,

autorizada pela Portaria de 27 de Maio de 1964, publicada no «Diário do Governo» n.º 126, III série

ESTAS ACÇÕES, REPRESENTADAS POR TÍTULOS NOMINATIVOS OU AO PORTADOR, DE 1, DE 5, DE 10, DE 20, DE 50 E DE 100, VENCEM 50% DO DIVIDENDO CORRESPONDENTE AO EXERCÍCIO DE 1964 E SÃO PAGAS, INTEGRALMENTE, PELO VALOR NOMINAL, NO ACTO DA SUBSCRIÇÃO, ABERTA DE 1 A 10 DE OUTUBRO PRÓXIMO, NAS SEGUINTE INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS E RESPECTIVAS DEPENDÊNCIAS:

BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TÔTTA-ALIANÇA
ALMEIDA, BASTO & PIOMBIÑO & C.ª
AUGUSTINE, REIS & C.ª
PANCADA, MORAES & C.ª

NO ACTO DA SUBSCRIÇÃO, OS SNRS. ACCIONISTAS DEVEM APRESENTAR OS TÍTULOS DAS ACÇÕES QUE POSSUIREM — POR CADA TRÊS ACÇÕES TÊM DIREITO A UMA NOVA ACÇÃO, NÃO SE PREVENDO ATRIBUIÇÃO DE FRACÇÕES — E PREENCHER O COMPETENTE BOLETIM, NO QUAL DECLARAM SE DESEJAM OU NÃO PARTICIPAR EM EVENTUAL RATEIO

Lisboa, 10 de Agosto de 1964.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

Boletim de Lisboa

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Agosto de 1934 publicava o seguinte:

«Honório Maura, deputado monárquico espanhol, que há dias visitou o nosso País, publica no «A B C», de Madrid, um artigo — «Mi general» — acerca do general Sanjurjo que — diz — está ao serviço da Espanha para tudo aquilo que a Espanha, no seu dia, necessitar».

Quando se refere á nossa Costa do Sol, o batalhador parlamentar, Honório Maura, tem sempre palavras que bem demonstram o seu entusiasmo: «as incomparáveis e hospitaleiras costas portuguesas», «aquele paraíso do Estoril», «um lugar tranquilo e afastado do murmúrio e da intriga da política», etc.».

RADIO

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — As 16 e 30: Noticiário — Programa da tarde; 17 e 30: Música ligeira variada; 18: Noticiário; 18 e 10: Danças; 18 e 40: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda! — A orquestra vienense, de Robert Stolz; 19 e 30: Alegria no trabalho; 20: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Vamos ouvir... Guilherme Kjölnér; 21 e 20: 6.º episódio do folhetim «Um Duelo de Amores»; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 35: Teatro das comédias: «O Cidadão X», de Balzac; 23 e 20: Programa da noite; 0 e 45: Noticiário e encerramento.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — As 18: Música do século XX: «Quarteto de cordas n.º 2, op. 20» (Peter Racine Fricker), pelo Quarteto Amadeus; «O «Magnum Mysterium» (Peter Maxwell Davies), pelo coro e Orquestra de Cirencester Grammar School, dirigida pelo autor; órgão, Simon Preston; 19: Semanário musical; 20 e 30: Diário sonoro — Concerto pela Academia de instrumentistas de Camara: abertura «Suite» (João Sebastião Bach); «Ode Nupcial» (Henri Sauguet; 21 e 30: O gosto pela música; 22: Música sinfónica: «Sinfonia n.º 10, em fá sustenido menor» (Mahler), pela Orquestra de Cleveland, dirigida por George Szell; 22 e 30: Folclore do Mundo: duas danças da Croácia; flamenco gitano, e a música da Geórgia; 23: «A Voz do Ocidente»; 1: Fecho.

3.º programa — Modulação de frequência, 2 — As 23: Ciclo do Barroco Italiano: «Concerto grosso, op. 8, n.º 4, em si bemol» (Torelli); «Concerto n.º 9, em si bemol maior» (Vivaldi); 23 e 30: Música coral sinfónica: oratória «II Piano de Dammati» (Carissimi); «Ode a Santa Cecilia» (Haendel); 0 e 45: Noticiário; 1: Fecho.

RADIO CLUBE — As 16 e 30: Portugal a cantar; 17: Melodias de Espanha; 17 e 15: Boa tarde; 17 e 30: Acordeões; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Orquestra; 18: Música para dançar; 19: Momento sul-americano; 19 e 15: Composições de...; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Cinema, Teatro e C.; 20 e 30: As mais belas histórias de amor; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Vedetas americanas; 21 e 30: Melodias de ritmos; 21 e 45: Artista; 22: Conjuntos de ritmos; 22 e 15: Variedades; 22 e 45: Momento brasileiro; 23: Diário do ar; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia-Noite»; 6: Boletim meteorológico.

Modulação de frequência — As 16 e 30: Noticiário; 17 e 34: Estrelas em FM; 17 e 45: Noticiário; 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário; 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Ritmo 64; 22 e 15: Vozes e orquestras; 22 e 45: Ritmos modernos; 23: Sucessos do cinema; 23 e 15: Selecções para todos; 23 e 45: Noticiário; 0: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30: Noticiário; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19: Interlúdio

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. Francisco Esteves Gaspar de Carvalho, presidente da Camara Municipal de Manteigas, recebemos um officio, em que agradece ao «Diário de Lisboa» a publicação do artigo intitulado: «A secular vila de Manteigas (Coração da Serra da Estrela) aspira com inteira justiça uma melhor promoção turística».

feminino; 19 e 15: Orquestras e vocalistas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 30: Solistas; 20 e 40: Música regional portuguesa; 21: Noticiário; 21 e 10: Canções; 21 e 30: Interimédio musical; 21 e 45: Selecções; 23: Artistas portugueses; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia-Noite»; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Programa Sete e Meia; 19 e 45: O seu programa; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Coisas e coisas; 21 e 15: Melodias; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Para ti, jovem estudante; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Orquestras e canções; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Por-

tugal e Brasil, nações irmãs; 18 e 20: Noticiário regional, boletim de filmes e boletim religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa Sete e Meia; 19 e 45: O seu programa; 20: Rebola a bola; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Para ti, jovem estudante; 22: Peça, faz favor; 22 e 30: Concerto sinfónico; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — As 17: Abertura; 17 e 5: Estudo internacional; 17 e 25: Biografia musical; 17 e 40: Feira do livro; 17 e 50: Noticiário; 17 e 55: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — As 17: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30: Rádio Peninsular; 22: Rádio Graça; 1: Clube Radiofónico de Portugal.

Telejornal (ultimas noticias); 23 e 50: Meditação; e 23 e 55: Fecho.

Amanhã — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: Episódio da série «Forest Ranger»; 20 e 10: Ronda Poética — um programa de Maria Germana Tãnger; 20 e 25: Enciclopédia; 21 e 15: Telejornal — edição da noite; 21 e 45: Boletim meteorológico; 22: Reportagem do exterior; 23 e 45: Telejornal — últimas notícias; 23 e 55: Meditação; 24: Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

TIVOLI — «Um ingénua em Roma».

EDEN — «A ultima pega».

POLITEAMA — «Tarzan no Oriente».

CONDES — «Triunfo amargo».

AVIS — «O segredo das malas pretas».

ODEON — «Uma hora de amor».

COLISEU — «A caminho da forca».

LYS — «O milagre de Ana Sullivan».

PROMOTORA — «Noites de Casablanca».

CHIADO TERRASSE — «Mocidade em férias».

RESTELO — «Conselho de guerra».

ROYAL — Variedades.

ESPL. PORTUGALIA — «Tombola».

MONUMENTAL — «Gaiotas em terra».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e às 23 horas: «Férias em Lisboa».

ABC — As 21 e às 23 horas: «E regar e pôr ao luar».

Para os vossos transistores...

DIALUX

a pitcha de confiança!

TELEVISÃO

Hoje — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal (edição da tarde); 19 e 45: Programa Feminino; 20 e 30: O Castelo de Montalvão;

20 e 40: Angulo Recto; 21 e 15: Telejornal (edição da noite); 21 e 45: Boletim meteorológico; 21 e 55: Episódio da série «Dr. Kildare»; 22 e 50: Museu do Cinema; 23 e 20: Parada Musical; 23 e 45:

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 23/4% T. 10 ...	680\$00	678\$00	682\$00
Cons. 3% T. 10 ...	717\$00	716\$00	718\$00
Cons. 3 1/2% T. 10 ...	—	—	—
Centenários 4% 1940	—	1.940\$00	1.955\$00
Obg. Tes. 21/2% 1942	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 21/2% 1943	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 21/2% 1944	—	1.000\$00	—
Externo 1.ª série ...	—	—	—
Externo 1.ª série car.	—	—	1.240\$00
Externo 2.ª série ...	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série ...	—	—	—
Externo 3.ª série car.	—	—	—
Caut. 3.ª série s/j.	—	250\$00	—

Obrigações

Aguas Lisboa 5%	—	490\$00	—
Norte de Portugal 5%	—	105\$00	108\$00
Gás Elect. 33/4%	—	880\$00	—
Gás Elect. 4%	810\$00	810\$00	—
Gás Elect. 4 1/2%	—	920\$00	—
Gás Elect. 5%	—	—	960\$00
U. E. P. 33/4%	—	—	—
U. E. P. 4% 1945	—	80\$00	—
U. E. P. 4% 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5% 1951	—	88\$50	89\$00
U. E. P. 5% 1952	—	—	—
H. do Douro	917\$00	917\$00	918\$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2%	1.005\$00	—	—
Metropolitano	990\$00	989\$50	990\$00

Acções

Bancos

Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	2.560\$00	2.600\$00
Portugal	1.500\$00	1.480\$00	1.500\$00
Ultramarino	—	895\$00	900\$00
Agricultura	49\$00	48\$00	48\$50

Seguros

Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	345\$00	350\$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.100\$00	—

C. Ultramarinas

Ag. Casseque	—	640\$00	670\$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agricultura Colonial	—	—	120\$00
Açúcar de Angola	740\$00	735\$00	—
Boror	—	135\$00	140\$00
Cabinda	—	15\$00	17\$00
Cadá	—	1.350\$00	1.500\$00
Col. do Buzi	—	86\$00	90\$00
Ilha do Príncipe	—	—	450\$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	30\$50	31\$50
Zambézia	46\$00	45\$00	46\$00
Diamantes	585\$00	580\$00	590\$00
Lobito	—	535\$00	550\$00

C. Diversas

Cimentos Tejo	—	—	950\$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	730\$00	730\$00	740\$00
Nac. de Navegação	900\$00	—	910\$00
Col. Navegação	—	470\$00	490\$00
Port. de Celulose	—	5.200\$00	5.300\$00
Port. de Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	—	243\$00	248\$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
F. Invest. Atlantico	—	126\$00	—
Termoelectrica	—	—	—

Aguas, Electricidade e Gás

Aguas Lisboa 1934	420\$00	415\$00	425\$00
Aguas Lisboa 1936	—	370\$00	—
Eléct. das Beiras	—	1.680\$00	1.690\$00
Gás e Electricidade	367\$50	367\$00	367\$50
H. Alto Alentejo	178\$00	177\$00	178\$00
H. E. Cáv.	1.250\$00	1.250\$00	1.255\$00
H. E. do Zêzere	—	1.400\$00	1.420\$00
Nac. de Electricidade	1.400\$00	1.395\$00	1.405\$00
União Eléctrica Port.	181\$00	180\$00	182\$00
H. Douro	—	1.245\$00	1.250\$00
Turismo Penina	—	1.100\$00	1.150\$00
Sacor	—	4.480\$00	4.500\$00

BANCO BORGES & IRMÃO



PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	33\$00	36\$00
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$35	28\$65
Dólares de 5 a 1000	28\$55	28\$85
Argentina	\$13	\$18
Austria	\$10	\$15
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$18	\$23
Canadá	26\$20	26\$70
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47,7	\$48,7
Congo	\$06,5	\$07,5
França (N. Francos)	5\$75	5\$90
Holanda	7\$80	8\$05
Inglat. (Libra Isabel)	79\$50	81\$00
Itália	\$04,5	\$04,7
Marrocos	4\$50	5\$00
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	5\$40	5\$70
Sulça	6\$58	6\$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	280\$00	290\$00
Inglaterra	280\$00	290\$00
Portugal — barra fino	32\$50	33\$00

J. BURNAY, L. DA Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Tel. 321273

CINEMAS

IMPÉRIO — «Suplicio».

ALVALADE — «O espelho da vida».

JARDIM — «Paixões violentas».

ARCO-IRIS — «O estranho caso da velha curiosa».

IDEAL — «A roda da sorte».

SALÃO LISBOA — «O mestre impostor».

OLIMPIA — «O sangue e a rosa».

CAMPOLIDE — «O mundo no meu bolso».

CAPITÓLIO — «Como ser feliz no amor».

FARMÁCIAS

TURNO E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).

ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).

ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (ao Pote de Água) (710131).

* Cartaxo, Av. da Igreja, 21 (776358).

* S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140).

AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).

ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).

AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070).

* João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462).

AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 2 (458558).

AVENIDAS NOVAS — Estima, Av. de Berne, 24 (763107).

* Avenida, Av. da República, 27 (733688).

* Império, Lda. — R. Filipe Folque, 40 (48002).

* Ducal, Av. Duque de Loulé, 21 (48946).

BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Angela Pinto, 32 (49756).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Costa, Pr. da Figueira, 6-B-C (28381).

* Barral, R. Aurea, 126 (31535).

BELEM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393).

* Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).

CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (27896).

* Veritas, Rua da Misericórdia, 135, (324554).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857).

* Ourique, R. Freitas Gal, 32-B (671667).

CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333).

* Pátria, Calç. dos Mestres, 30-A (680627).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.

CONDE DE REDONDO — Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2 (52076).

ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920).

* São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469).

ESTEFANIA — Mundial, Largo D. Estefânia, 9 (45578).

ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453).

GRACA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (367842).

* Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351).

* St. António, R. Leite de Vasconcelos, 72 (862333).

JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).

* S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-A.

MADRAGAÇA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (661275).

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).

PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).

PICHELEIRA

A interpretação de Paulo VI da missão da Igreja Católica é mais conservadora do que a do seu antecessor —segundo o «New York Times»

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — O «New York Times» comenta da seguinte forma a nova encíclica: «A largueza de ideias que era uma das características tão extraordinárias da personalidade de João XXIII, não é instintiva em Paulo VI. Parece aplicar limites mais acanhados de que o Papa João XXIII, aos ajustes possíveis do que qualifica, com ar de censura, «o fenómeno do modernismo». A encíclica «Ecclesiam Suam» contém muitos passos que ecoam as ideias de João XXIII. No entanto, se considerarmos o documento na generalidade veremos, uma interpretação da missão contemporânea da Igreja Católica Romana e do Papado mais conservadora, no sentido secular, de que a do seu antecessor».

Para o «Herald Tribune». «O Papa não insiste na separação, mas na unidade, não na polémica, mas no diálogo. Esta atitude encontrará certamente eco favorável em muitos corações e espíritos».

REPERCUSSÃO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 11 — (F. P.) — Os primeiros resumos da encíclica «Ecclesiam Suam» foram recebidos com emoção nos meios eclesásticos do Rio de Janeiro, onde eram impacientemente esperados. Ainda não houve qualquer comentário oficial, pois os prelados brasileiros não tiveram tempo para proceder a um estudo aprofundado da encíclica.

Em certos meios «cristãos» pro-

gressivos» considera-se que a encíclica confirma e completa a «Pacem in Terris» do Papa João XXIII, nomeadamente no que se refere à expressão do desejo profundo de «renovar» a Igreja para a manter cada vez mais actual.

Nos círculos não católicos e laicos, a encíclica também foi recebida com um interesse muito particular.

OPINIÃO DO JORNAL FRANCÊS «LIBÉRATION»

PARIS, 11 — (F. P.) — Comentando a encíclica de Paulo VI, o jornal «Libération» diz:

«Sem dúvida, as portas abertas ao tempo, não são fechadas brutalmente, e o Papa Paulo VI tem em atenção o carácter irreversível de uma evolução, mas quantas reservas prudentes, precauções de linguagem! Notar-se-á, porém, a completa ausência de espírito de cruzada ofensiva, e se persiste a ideia de um reagrupamento das forças espirituais, seria na óptica de uma defesa comum. Enfim, a exortação à paz que inclui a encíclica, pela sinceridade visível dos termos, não deixa de ter bastante força de persuasão. Mas seria de desejar que se acompanhasse, nestes dias de sobressalto, de gestos concretos, iniciativas arrojadas, para afirmação de que a Igreja não deixou passar por inteiro a oportunidade que lhe deu o «abondoso» Papa João».



O MINISTRO CAIU DO CAVALO — O ministro da Agricultura britânico, Christopher Soames, ficou seriamente magoado por ter caído de um cavalo. O acidente deu-se no condado de Kent, junto à sua quinta de Eridge Green, quando dava um passeio. O ministro, que foi encontrado inconsciente, no local do acidente, foi transportado para o hospital, tendo sido acompanhado de sua esposa, Mary, que é a filha mais nova de Winston Churchill.

O TURISMO PORTUGUÊS continua a ser engrandecido com novas actividades criadas pelo restaurante Chicote

A gerência do restaurante turístico regional «Chicote», cujo estabelecimento entrou em novo ciclo de actividade em prol do nosso desenvolvimento turístico, inaugurou ontem com um jantar típico, a primeira semana de *Cozinha Internacional*, que dedicou aos cidadãos argentinos — corpo diplomático em especial — e, de modo geral, a todos os cidadãos daquele país que se encontrem radicados em Portugal, ou que eventualmente aqui se encontrem em visitas de negócios ou turismo.

Ao respectivo jantar presidiu o embaixador daquele país e sr. de Reynaldo Pastor, assistindo o ministro conselheiro da Embaixada sr. Jorge Lavallo Lobo, o cônsul-geral e sr. de Alberto Saraiva, o secretário da Embaixada e sr. de Francisco Capurro, o cônsul do mesmo país e sr. de Alberto Sacavia, o secretário-geral (adido à Embaixada e sua mãe, sr. de Ferreyra), M.^{lles} Lillian Marie José Pastor, filhas do ilustre diplomata, os administradores-gerentes do «Chicote», srs. Matias Celorico Palma e coronel Eduardo de

Almeida e esposas e, ainda, muitos outros convidados, vendo-se no grande salão do restaurante «Chicote», lado a lado, as bandeiras nacionais portuguesa e argentina e uma assistência numerosa e selecta que, no decorrer do repasto, louvou unanimemente a gerência do «Chicote» pelas suas patrióticas iniciativas.

Depois de saudado pelo sr. Matias Celorico Palma, que evocou a presença do ilustre diplomata no «Chicote» e os laços de amizade que unem Portugal à Argentina, este, que proferiu um curto brinde, referiu-se com elogio à obra histórica e à bondade dos portugueses, declarando a concluir:

— Não quero prolongar as minhas palavras, mas quero brindar pela vossa bela Lisboa, pelo formoso Portugal, pelas vossas belas mulheres e quero brindar ainda pela fraternidade da minha amada Argentina e do vosso glorioso País.

Quanto ao «Chicote» o ilustre diplomata mostrou-se «encantado com o ambiente que muito honra o turismo».

ESCRITÓRIOS

(400 m2)

Alugam-se 2 amplos andares. Tem elevador. Rua dos Fanqueiros, 156. Mostra a porteira.

Telefone 324350

ESCOLA HOTELEIRA DE LISBOA

Av. António Augusto de Aguiar, 21-1.
Telef.: 4 68 06 — Lisboa-1

INSCRIÇÕES

Comunica-se aos interessados de que estão abertas, até 10 de Setembro, as inscrições para a frequência dos CURSOS ELEMENTARES e de APERFEIÇOAMENTO (Secções: Escritório Recepção, Portaria, Cozinha e Pastelaria, Mesa e Bar, Económico, Gov. Andares). CURSO DE ADMINISTRAÇÃO (Direcção-Gerência).

A Secretaria da Escola prestará, todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 h. e aos sábados das 9 às 12, as informações necessárias e fornecerá os boletins de inscrição.

m/6 anos



AS 22 HORAS

AMANHÃ



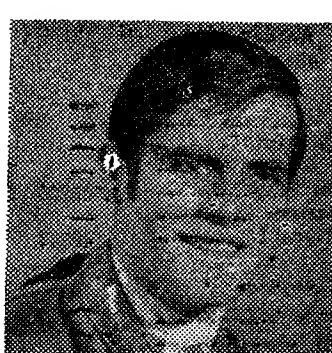
Matadores

AMADEU DOS ANJOS
FERMIN MURILLO



Cavaleiros

JOAO NUNCIO
MESTRE BAPTISTA



FORCADO AMADORES DE ÉVORA
DE JOÃO NUNES PATINHAS

8 TOIROS DE
JOÃO BRANCO NUNCIO

PREÇOS ESPECIAIS PARA A JUVENTUDE

Os jovens até aos 17 anos, estudantes e militares sem graduação têm o desconto de 50% nos lugares ou camarotes de 2.ª ordem.

BILHETES À VENDA

Na Praça de Toiros e nos Restauradores, 7 (telefones 77 18 19, 32 17 12 e 3 07 69), das 10 às 20 horas e, no dia da corrida, até à hora do espectáculo.

Atrasos na linha de Sintra devido a avaria nos isoladores da catenária

Esta madrugada, na linha de Sintra, cerca das 6 e 30, cederam, com estrondo, os isoladores da catenária, o que, como é de prever, originou longos atrasos.

Os comboios, a partir dessa hora, passaram a circular em via única, não só entre Queluz e Cacém, como também entre aquela primeira estação e a do Rossio. Na estação de Queluz, pouco depois do acidente, avariou-se também uma agulha, o que igualmente provocou dificuldades na utilização da via.

Os utentes da linha aglomeraram-se em grande numero nas estações mencionadas, aguardando os comboios que os levassem aos seus afazeres. Os veraneantes também viram os seus programas prejudicados...

A's 10 horas, saía já do Rossio, utilizando uma outra via, o comboio n.º 4861: o transito ferroviário descendente, em via dupla, estava restabelecido. O ascendente restabeleceu-se hora e meia depois.

O rompimento dos isoladores foi provocado pelas excessivas temperaturas que se têm registado.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do litoral a sul do cabo Carvoeiro e pouco nublado nas restantes regiões, o vento era fraco ou havia calma.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 39,5 (Fonte Boa); mínima, 15° (Montalegre).

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 26°; Faro, 21°; Funchal, 21°; Lisboa, 20°; Penhas Douradas, 21°; Portalegre, 23°; Porto, 23°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19,4°; na água do mar, 17°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 22,4°; mínima, 18°. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 21°; mínima, 17,5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



Nas regiões do litoral a sul do cabo Carvoeiro céu muito nublado, vento geralmente fraco, possibilidade de trovoadas no Algarve; nas restantes regiões céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

SOL **AMANHÃ:**
Nascer às 6 e 47
Ocaso às 20 e 36

FASES DA LUA

Dia 15 Dia 23 Dia 30 Dia 1

MARES



PREIA-MAR — Dia 11 — As 6 e 29 (3,96 m); 18 e 46 (4,17 m). Dia 12 — As 7 e 10 (3,81 m); 19 e 30 (3,96 m). Dia 13 — As 7 e 56 (3,62 m); 20 e 17 (3,69 m).

BAIXA-MAR — Dia 11 — As 12 (0,95 m). Dia 12 — As 0 e 32 (0,99 m); 12 e 41 (1,12 m). Dia 13 — A 1 e 13 (1,21 m); 13 e 25 (1,34 m).

LOTARIAS E NITOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PREMIOS GRANDES

Mendonça Santos
RETOMOU A CLÍNICA

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

Dedos cor-de-rosa

Escorre-me dos dedos
um perfume suave
das pétalas-rosas
que abandonei
às minhas mãos vazias.

Maria de Fátima Boavida

PARA UM DIÁLOGO ESTRUTURADO

por ALBERTO COSTA

A carta aberta de Nuno Rebocho, que o ultimo numero do «Juvenil» publicou, pareceu-me notavelmente oportuna, pelo menos na medida em que veio denunciar o clima de impertinência e de desordem em que se tem vindo a desenvolver o diálogo sobre Poesia Moderna que Torquato da Luz propôs.

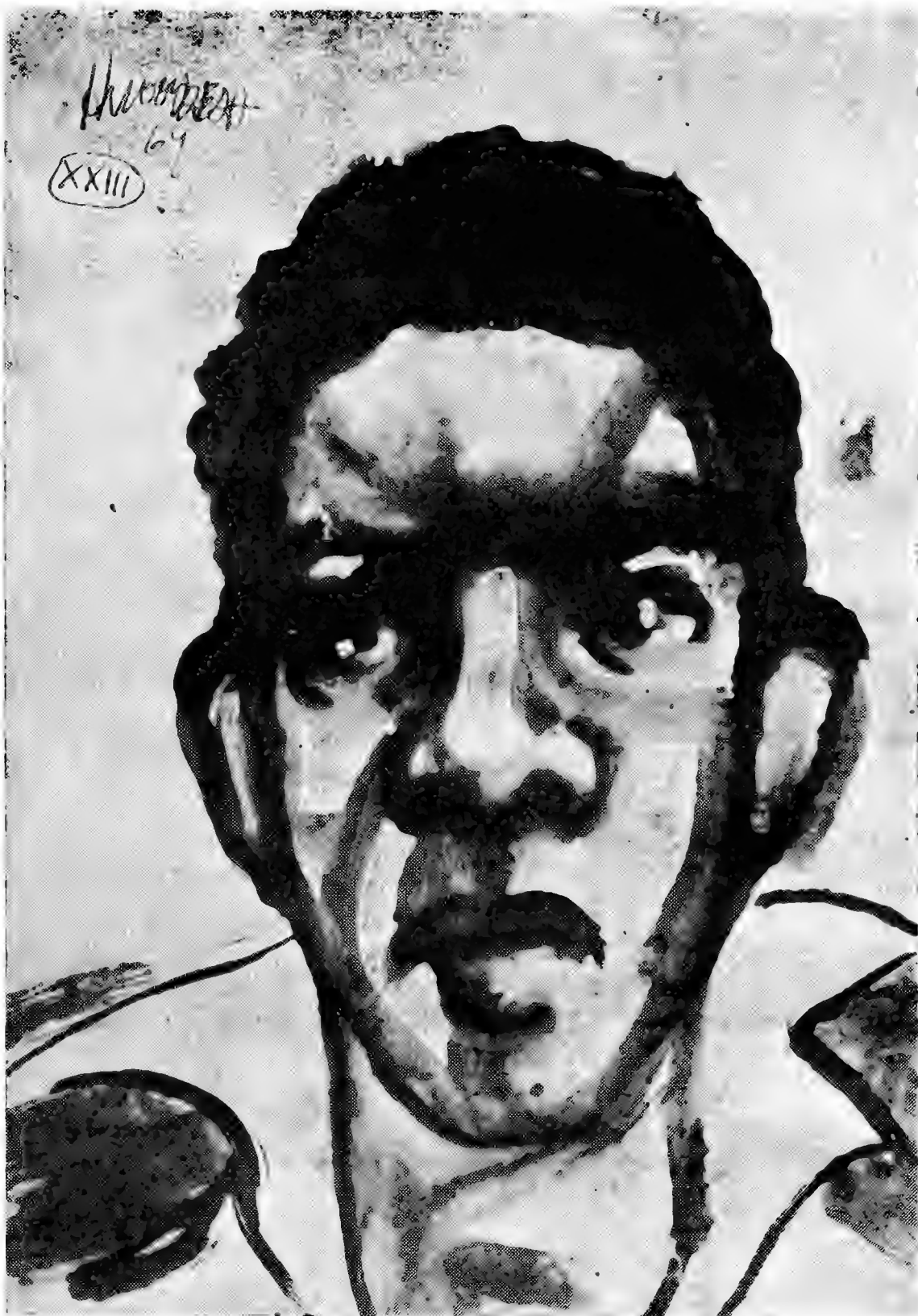
Nuno foi pois o primeiro a atirar a sua pedra; mas porque não basta denunciar situações deficientes — como se sentencia também no mesmo numero do jornal — e é urgente encontrar para elas o remédio adequado, pensou o

autor destas linhas que seria da maior utilidade, da maior necessidade dar a este diálogo uma orientação. Não me refiro, é claro, a uma orientação-peia-algema-freio que possa de qualquer modo significar dirigismo (e a palavra orientação soa sempre um tanto áspera e agressiva aos nossos ouvidos de jovens). Nem penso em coisa alguma que possa cercear liberdades, impor caminhos, exigir a adopção de soluções pré-determinadas. Peço apenas que se ordene, a principio pelo menos tematicamente, a discussão, segundo uma prévia planificação de que se poderia encarregar um comité de jovens para tal fim organizado. Estou plenamente convencido de que o colóquio desordenado, aos repelões, entregue a um improviso lastimável — e assim tem sido o diálogo em questão — só poderá dar frutos de qualidade muito duvidosa. Peço consequentemente para ele uma estruturação, um esqueleto que, se é certo ter de se revestir de uma certa elasticidade — nenhum jovem pode admitir a rigidez, o fixismo — terá de ser, ao mesmo tempo, suficientemente forte para sustentar os músculos de insuspeito pensamento com que os amigos do «juvenil» o irão certamente cobrir.

O problema parece-me tão interessante, tão apaixonante, tão absorvente — e os jovens tem-no mostrado, dando generosamente o seu contributo a um diálogo sem ossifica-

(Continua na ultima página)

CABEÇA — aguarela de HUGO BEJA



«UM SIMPLES FATO AZUL»

CONTO DE D. SAMPAIO

O momento mais difícil é aquele em que oiço a minha mãe abrir a porta de mansinho e aproximar-se da cama para me acordar. Não sei porquê, mas quando estou naquela fronteira entre o sono pesado e o despertar doloroso, penso sempre que não tenho que me levantar às 7, que não preciso percorrer ruas e ruas a pé, para penetrar naquela bocarra ruidosa que é a entrada do liceu. Nos dias em que é feriado ou domingo, durmo melhor. Não acordo de madrugada porque o meu pai não se levanta para ir cozer o pão, nem sinto a garganta seca nem o coração a bater muito, como nos outros dias. Abomino o 1.º ano, abomino o liceu. Bem sei que tenho que aprender, a minha mãe bate-me, berra-me que eu «tenho que ser alguém na vida», mas não poderei sê-lo sem ter que passar por estes tormentos?

— João! São 7 e 5! Levantate, rapaz! — grita a minha mãe.

Ergo-me devagar, para não acordar o meu irmão, que dorme na minha cama, corro para a bacia e lavo a cara com a água muito fria. Depois engulo um naco de pão, bebo meia chávena de café e ponho-me a caminho.

Apesar de ser uma grande caminhadora, gosto de atravessar a cidade àquela hora. Vejo varrerem as ruas, noto os primeiros carros, reparo na luz estranha que tem Lisboa ao despertar.

Chego ao liceu. Alguém, como de costume, dá o alarme: — É malta! É malta! Chegou o padeirinho!

Um grande grupo rodeia-me.

(Continua na ultima página)

REGULAMENTO

por RODOLFO MACÁRIO VIEGAS

A porta da cabina estava escancarada. Os autocarros paravam mais adiante. Fiquei no meio do espaço delimitado por aquelas fronteiras — à espera.

Era aquela hora em que se confirmam ou desfazem os encontros, então a afluência ao posto telefónico era notável. Duas pessoas entraram, discaram um numero, esperaram e saíram irritadas com o ludíbrio da máquina. Seguiram-se outros presumíveis utentes do aparelho, abandonando-o mal se apercebiam da avaria. Por

fim, a porta fechou-se definitivamente.

É preferível esperar sem relógio, no entanto, a atenção exige um trabalho que iluda a ansiedade, at, somos facilmente tentados a ouvir a conversa dos circunstantes — «passamos a vida a escolher e a ser lido-dos. De qualquer forma, há que chegar a uma conclusão. To-

(Continua na 3.ª página)

«Hamlet será menos Hamlet se o vestirmos à séc. XX e o interpretarmos em Português?» — Bento Vintém. «...il suffit de changer l'ordonnance des

mots dans «Madame Bovary» pour qu'il ne reste plus rien de Flaubert». — Alain Robbe-Grillet: POUR UN NOUVEAU ROMAN

REPISAR

por JORGE SILVA MELO

Creio que há ainda uma grande parte de jovens (e de jovens que escrevem, que publicam), que acreditam piamente na forma como um mal necessário da Arte.

Assim o pensa, creio, quem no «Juvenil», quis que se representasse Gil Vicente em português moderno, e trajos

do séc. XX, acreditando, portanto na sobrevivência de uma coisa vulgarmente chamada conteúdo, e no efémero de outra chamada forma.

Apenas, representar Gil Vicente à séc. XX traria duas coisas muito graves: o assun-

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

to é tipicamente medieval, a trama das suas peças. Por um escudeiro de blue-jeans, um judeu de chapéu de palha, seria, primeiro, ridículo, depois apresentaria uma visão falsa de G. V. que nos apareceria um autor do séc. XX a tentar criticar o século em que vive com argumentos medievais... Ora G. V. é um quinhentista, criticou o seu século com argumentos seus, foi vivo na altura, e só por comparação, por compreendermos as semelhanças (mas não as igualdades) é que G. V., como Molière, são dessa actualidade extraordinária, dessa vida invulgar. G. V. a falar à séc. XX pareceria um palhaço, um bobo...

Porque, meus caros amigos, a «forma», não é «o modus», o guarda-roupa que se fabrica para revestir uma obra que existe do mesmo modo para além do aspecto que achemos por bem conferir-lhen, como disse Bento Vintém.

Responde-lhe Robbe-Grillet, no seu magnífico ensaio «Pour un Nouveau Roman»: «L'oeuvre d'art ne contient rien, au sens strict du terme (c'est à dire comme une boîte peut renfermer, ou non, à l'intérieur quelque objet de matière étrangère. L'art n'est pas une enveloppe aux couleurs plus ou moins brillantes, chargée d'ornementer le «message» de l'auteur, un papier doré autour d'un paquet de biscuits...)»

Pede R. G. para pegarmos em «L'Etranger» e passarmos a primeira pessoa do «passé composé», para a terceira do «passé simple». Experimentemos:

«La mer a charrié un souffle épais et ardent. Il m'a semblé que le ciel s'ouvrait sur toute son étendue pour laisser pleuvoir du feu. Tout mon être s'est tendu, et j'ai crispé la main sur le revolver. La gachette a cédé, j'ai...»

«La mer charria un souffle épais... Il lui sembla que le ciel... Tout son être se tendait et il crispait sa main sur le revolver».

Experimentem isto noutras passagens do romance, e digam-se, depois, se Meursault não é menos Meursault?

E se Aljubarrota não é menos Aljubarrota se a trombeta soasse:

«fero, ingente, horrendo e tenebroso», ou se «Em sossego posta estavas tu, Inês linda...»

E digam-me se «Sonho que sou a poesia eleita, Aquela que diz tudo e tudo sabe», é a mesma que:

«I dream that I am the elected poetess That that says everything, that knows everything?»

E se a dona de tempo antigo de Menina e Moça, não é menos dona, se fosse, a «mulher de tempo antigo» ou, como aparece em algumas edições, «a senhora de tempo antigo»?

Porque essa história da «forma» como guarda-roupa é absurda, desculpem. Você pode ver um nu (que nessa triste e comum simbologia significa o conteúdo), o que jamais viu, garanto-lho eu, foi o conteúdo do Eusébio Macário», ou da «Cidade e as serras». Não é verdade?

Melhor, se bem que ainda inexacta, comparação, é a do nu comparado com a arte, o corpo forma, a alma=conteúdo. Sendo ambos inseparáveis, há aqui mais semelhanças do que na triste imagem do corpo e do vestido. Mas aqui são inseparáveis. Assim, Hamlet será menos Hamlet representado em português.

Porque se nota melhor, vejamos: Você gostaria de mudar a forma ao Gil Vicente. Muito bem. Ora isso é tão absurdo, creio, como mudar as cores de, por exemplo, Van Gogh. Em vez dos amarelos, meta cor-de-rosa pálido, e dos pretos, branco, e terá uma Provence, terá uma cadeira verdadeiramente original. Tão absurdo como tocar na linguagem arcaizante de Gil Vicente, não acha?

Já viram que não concordo, nem com um nem com outro. E agora vou apresentar a minha opinião, porque me parece

ce que a obra de arte, tal como a vida, não tem UM conteúdo. A obra de arte é só forma, parece-me. Agora, o espectador é que se projecta nessa forma que interpreta. Porque, se não fosse assim, se houvesse um conteúdo, como se explicariam as múltiplas visões das obras de arte? Apenas por questão de inteligência. E quando pessoas de igual inteligência não compreendem igualmente a mesma obra? Por influências sociais, por questões psicológicas, vêm nessas formas aquilo que lhes interessa. Por isso viu Moravia na família de salimbancos de «O Sétimo Selo» o símbolo da Arte, e Sinclair o símbolo da família realista.

Um exemplo recente: «A Noite», de Antonioni, na «versão regional dum grande filme», como diz Vaz Pereira; Que significa, qual, amigos, o conteúdo da panorâmica final? Perante essa forma eu reagi assim: como a camara volta ao sitio onde recomeçou o amor, aquele final é apenas uma hipótese, a menos viável,

segundo Antonioni, que, com «O Eclipse» nos deu a outra, a do rompimento após a noite de discussão.

Para um amigo meu, essa panorâmica disse apenas como aquela cena de amor era efêmera, julga que aquilo de voltar atrás significa apenas que eles voltariam a ser como antes. Antonioni é capaz de não concordar, o Bento Vintém talvez também não, idem para o Carlos Dionísio.

Mas o que aconteceu? Apenas que, perante a forma, perante a tal panorâmica, reagimos diferentemente, como perante a vida.

Mas se fosse UM conteúdo, o conteúdo vestido na panorâmica, era só rasgá-la (e ora, que diabo viria ela atrapalhar-nos?), e pronto.

Mas não, não é. É como um corpo a quem emprestamos uma alma feita por nós pelo que o corpo nos mostrou.

Concordam o Carlos Dionísio e o Bento Vintém?

JORGE SILVA MELO

FIGURA — aguarela de Hugo Beja



PROBLEMA

Tenho dezassete anos e namoro uma rapariga ligeiramente mais nova do que eu. Acho que o amor tem uma base predominantemente física, mas é necessário uma identidade de pontos de vista uma frente comum em relação ao Mundo, à sociedade à época em que vivemos.

Ora eu namoro uma moça ligeiramente mais nova do que eu. Gostamos bastante um do outro, mas tenho verificado que nos é impossível manter aquele contacto intelectual de que falo acima.

As discussões intermináveis sobre os problemas mais vulgares e infantis tornavam as relações quase um inferno, e acabamos o namoro; dias depois recomeçamos, talvez sentíssemos a falta de base física não sei. Ela queixa-se que eu sou triste e os meus amigos dizem precisamente o contrário. E continuamos a manter umas relações que não têm o mínimo interesse. Presentemente, julgo que até às vezes a presença dela me é penosa mas não tenho coragem para terminar. Se se passam alguns dias em que não a vejo sinto-lhe muito a falta; chegado o dia do encontro é raro quando não saímos maçados. Sei que ela tem agora problemas pessoais graves, mas é inútil eu tentar ajudá-la, já o tentei e deu o pior resultado possível. Ela gosta bastante de mim e se eu a deixar num momento destes pode ser grave para a sua vida futura.

RESPOSTA

Gostaria de publicar toda a tua carta, mas como disponho de pouco espaço não poderia responder-te na íntegra e responder-te no mesmo numero. Por outro lado, não quero deixar de te dirigir algumas palavras imediatamente, pois receio que a tua carta me tenha chegado às mãos com grande atraso, visto que te referes à próxima época de exames que já terminou. Puseste apenas «Lisboa, 14» — mas de que mês? Desculpa se o que vou dizer-te já não pode ajudar-te, mas na verdade a demora no atraso desta resposta, se o há, não é da minha responsabilidade.

És um rapaz inteligente que vês e compreendes com rara penetração os problemas da adolescência — mas vistos sómente do ângulo em que te situas. Isto, que já é admirável, não te permite, contudo, abarcar o problema em toda a sua complexidade. Essas hesitações, dúvidas e contradições de que te queixas são próprias da idade difícil e delicada que atravessas.

Não sei até que ponto posso ajudar-te, mas vou tentar:

1.º — Tens que destrinçar quais são as razões importantes e as insignificantes que interferem no vosso desentendimento. Tu dizes: — Não conseguimos discutir os «grandes problemas» que nos preocupam, e cada um vem a saber por portas e travessas os «probleminhos quotidianos» do outro. — Então? Trata-se de «grandes problemas» ou de «probleminhos quotidianos»?

2.º — Vocês têm, separadamente, conversas notáveis com terceiras pessoas. É preciso ter muito cuidado na escolha dessas pessoas, porque nem todas são capazes de compreender e

(Continua na página seguinte)

LINGERIE
EM OPAL NACIONAL
E ESTRANGEIRO

R. D. Estefânia, 191 - C
Av. Elias Garcia, 180 - A

VESTIDOS
PRATICOS E
ECONÓMICOS

R. D. Estefânia, 191 - C
Av. Elias Garcia, 180 - A

EXCLUSIVO

teatro+cinema+rádio+televisão

2

XII FESTIVAL INTERNACIONAL DEL CINE
SAN SEBASTIAN-64

«The night of the Iguana» e o talento de Bolognini

por OLIVEIRA PINTO

Com sessões de manhã (por vezes, às 10 horas e, também, pouco depois do meio dia); de tarde (às 16 e às 18 e 15, no Palácio do Festival; a outras horas nas outras salas ligadas e ao serviço

mica tanto quanto possível ajustada e completa do cinema mundial. Com as suas três secções

saudosas e merecidas; o certame ofereceu, sem dúvida, largo campo de análise e de estudo a quan-

(Continua na página central)

ALAIN DELON

e a sua ascensão vertiginosa

por PIERRE BILLARD

I Alain Delon é actualmente o primeiro actor do cinema francês (sempre sem levármos em conta o fenómeno B. B.). Há alguns anos, Delon saiu do pelotão dos Belmondo, dos Brial, das Jeanne Moreau — os melhores actores e os mais comerciais. Esta verdade demonstra-se com números. Delon cobra, actualmente, de 80 a 100 milhões de francos velhos por cada filme que interpreta. Em contrapartida, Gabin ganha 75, Jeanne Moreau 45, e Belmondo, 40. No entanto, a bolsa das vedetas tem, por vezes, os seus mistérios e nem sempre é medida exacta de

uma escala de valores, mas constitui, mesmo assim, um importante elemento de apreciação. De há cinco anos para cá, Alain Delon é o actor mundial mais popular no Japão (salvo em 1962, em que foi ultrapassado por Charlton Heston) e na maior parte dos países da América Latina. A sua popularidade é, igualmente, muito grande em Espanha e em Itália, estendendo-se até aos Estados Unidos. Delon é, sem dúvida, o único actor francês que pode montar um filme sem problemas, apoiado apenas na promessa de o interpretar. Quando Jeanne Moreau quis fazer um filme com Marcel Ophüls, não pôde cinematizar «Peau de banane» sem a ajuda de Belmondo, que acaba de conseguir que um produtor confie um filme a Jean Becker («Echappement libre»), mas com muitas dificuldades e algumas concessões no que diz respeito ao tema e ao orçamento. Por outro lado, no dia seguinte ao que Delon anunciou a intenção de rodar «Lettre à sa mère» de Alain Cavalier, a Metro decidiu financiar a película.

II Esta afirmação impressionante do valor de Delon não se pode explicar por uma aberração colectiva de produtores e de espectadores. Tem de se fundamentar em alguma espécie de talento, e o que Delon possui é uma realidade. Baseia-se, antes do mais, na sua indiscutível fotogenia. Em 1958, Delon rodou uma película de ensaio para «Christine». Quando a prova terminou, ele estava muito abatido, consciente de ter andado mal, de ter falhado na dicção, de não ter envergado o uniforme com o garbo necessário. Segundo as suas próprias palavras, «de ter andado mal como um porco». No entanto, no dia seguinte estava contratado. Andara tão mal como dizia, mas a sua presença no «écran» esmagava a dos outros concorrentes. A este dom, acrescenta o actor um encanto físico, uma graça corporal, a leveza e a descontração de um jovem fauno atlético. O seu talento de comediante amadureceu lentamente. Já está longe o jovem de «Sois belle et tais-toi» ou de «Faibles Femmes», chegou ao virtuosismo de «O Eclipse», á petulância terna de «O Leopardo». A sua voz transformou-se e, sobretudo, o seu gesto adquiriu uma precisão e uma autoridade soberanas: maneja os objectos com destreza («Melodie en sous-sol»), dá ordens na Bolsa («O Eclipse»), treina-se para um

combate de «boxe» (Rocco). Delon utiliza o corpo com um verdadeiro talento de profissional, triunfando, particularmente, nos papéis ambíguos, que comportam um desdobramento ou uma substituição de personalidade: «Plein Soleil», «Quelle joie de vivre», «Melodie en sous-sol». Isto também se verifica na composição de personagens que se situam na fronteira de dois mundos, ou de duas paixões («O Eclipse», «O Leopardo»).

III Um outro elemento permite compreender o enorme sucesso de Delon: a paixão que tem pelo seu trabalho. Delon não é um comediante por vocação, tornou-se actor quase por acaso. No entanto, existem poucos actores que considerem o seu trabalho com tanta seriedade, com uma raiva tão grande de aprender e de atingir uma perfeição, com uma ambição tão lucida. Não somente Delon tem uma extrema consciência profissional no palco (a ponto de espantar o «pai» Gabin, que é



Em «Rocco e os seus irmãos», de Visconti

um colosso nesta matéria), não somente ele nunca consentiu que fossem dobrados os planos mais perigosos e mais acrobáticos — (mas isso Gérard Philippe, que não era propriamente um atleta, também não consentia, e Jean Marais, aos 50 anos, ilustra o mesmo exemplo) — mas Delon, o que é mais raro, interessa-se por todos os aspectos do cinema, por todas as suas técnicas. Vai muitas vezes ver filmes, comenta-os, discute-os e instrui-se, continuamente, nesta preciosa escola. Quando Delon foi contratado pelos irmãos Hakim para rodar «Plein Soleil», devia interpretar o papel de Philippe e Jacques Charrier o de Ripley. Recebendo a «découpage» dois dias antes do início das filmagens, re-

(Continua na página central)



Sue Lyon e Richard Burton em «The night of the Iguana» — Película produzida pela M.G.M.-Seven Arts Productions e dirigida por mestre John Huston, segundo a obra homónima de Tennessee Williams, ela reflecte fielmente o mundo atormentado do famoso autor. Um elenco de celebridades brilha a grande altura neste filme.

do certame); e à noite (de gala, sempre); o festival cumpria e cumpriu da melhor forma a sua missão: ser e dar uma panoram

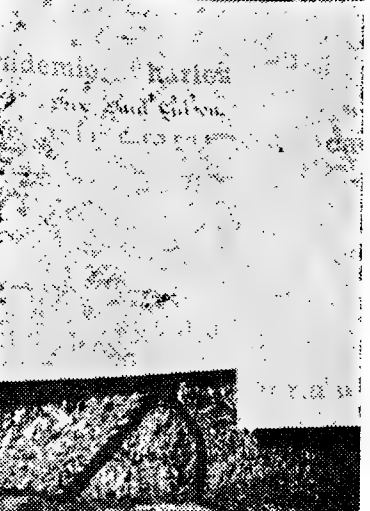
fundamentais — de concurso, informativa e comercial — e, ainda, com a retrospectiva, sempre plena de interesse e com evocações

Aplaudida no México Juliette Gréco tenciona regressar em breve à Europa e possivelmente cantará entre nós

Longe no tempo, está ainda bem presente na memória de todos a forma pouco vulgar como Juliette Gréco se impôs no mundo do espectáculo: — jovem, de longa e escurrida cabeleira negra a emoldurar um rosto expressivo, toda vestida de preto, cantava canções «d'avant-garde» nas caves de Saint-Germain-des-Prés. A princípio poucos acreditaram nela, mas entre esses poucos estava Sartre, que lhe ofereceu uma das suas primeiras canções: «La Rue des Blancs-Manteaux». Poucos anos depois, Gréco era já uma vedeta. De musa de Saint-Germain pas-

sou para a primeira linha do «musichall» francês e, anos volvidos, rodou o seu primeiro filme. Foi a consagração e, hoje em dia, o seu nome é popular nos cinco continentes, quer como cançonetista, quer como comediante.

Sem se deixar adormecer à sombra dos êxitos conquistados, nem permitir que a sua agitada vida privada prejudique a sua carreira artística, todos os anos Juliette Gréco prepara cuidadosamente o seu «tour de chant», ampliando o seu repertório com novas canções, sem todavia pôr de parte as antigas que o público, por algum motivo, distinguiu. Desta forma, a extraordinária artista francesa vai aumentando a sua lista de triunfos junto das plateias mais exigentes. Presentemente, Juliette está a obter um êxito sem precedentes nas principais cidades do México, de onde regressará ao Velho Continente para oferecer de novo a sua arte aos espectadores europeus. Segundo informações que chegaram até nós, as duas cidades europeias onde primeiro se apresentará, após o seu regresso, são Barcelona e Lisboa. A ser verdade, teremos em breve oportunidade de a aplaudir de novo, anos volvidos sobre a sua última actuação no Casino Estoril, onde então obteve um êxito sem precedentes.



Juliette Gréco exhibe o diploma do Grande Prémio Internacional do Disco com que, este ano, foi galardoada.

LIZ TAYLOR NO BRASIL

«Liz» Taylor e Richard Burton visitarão Lima, no dia 24, de passagem para o Rio de Janeiro, onde a actriz interpretará um filme sobre a vida de Maria Teresa de Jesus, uma mulher humilde cuja vida de miséria foi por ela própria contada no livro «O quarto do espelho», que em 1963 obteve o prémio de literatura brasileira.

ALAIN DELON

(Continuação da 1.ª página)

cusou o texto e devolveu o seu papel. Convocado por Clément para explicar os seus caprichos, Delon fez uma crítica da «decupagem» plano por plano, durante toda uma noite. De manhã, Clément decidia atrasar as filmagens uma semana, rever o argumento e confiar a Delon o papel de Ripley.



Num dos primeiros filmes em que desempenhou um papel principal: «A luz do Sol», de Clément.



Em «O Eclipse», de Antonioni



«Domage qu'elle soit une putain», peça representada em Paris

Não quer isto dizer que se julgue Delon num mestre de cinema, nem no verdadeiro autor dos filmes que interpreta. Mas, um facto desta natureza, pelo que revela de lucidez e de persistência em fazer triunfar o seu ponto de vista, explica, sem dúvida melhor que uma longa exposição, as causas do triunfo de Alain Delon.

IV O talento, o amor e o conhecimento da profissão, todas estas características, outros as partilham com Delon. Por exemplo, Belmondo. Portanto, como se explica que Delon tenha conseguido um longo avanço sobre os mais directos rivais? A resposta é clara: com um sentido muito seguro e exigente da sua carreira, Delon não desperdiça o seu talento: roda um filme por cada cinquenta propostas. Mas cada proposta é analisada, cada decisão longamente reflectida: o tema, o realizador e a qua-

JOAN CRAWFORD

precisa de repousar

A actriz Joan Crawford, que se encontra internada no Hospital Cedros do Líbano, para tratamento de uma doença das vias respiratórias, declarou aos jornalistas que os médicos lhe ordenaram um mês de repouso após ter alta. Acrescentou que espera poder regressar a casa na próxima semana mas que, até agora, nada está decidido.

TEXTO

TERÇA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1964

lidade da personagem são tomados em linha de conta, bem como a relação entre o novo projecto e o filme precedente, a qualidade dos outros intérpretes da película, etc. Se Delon tem no seu «palmarés» dois Visconti, três Clément, um Antonioni, seis filmes de grande classe, é em virtude de uma escolha consciente. Escolha de realizadores de nomeada, na companhia dos quais poderá aperfeiçoar-se, escolha de filmes de prestígio, que lhe permitem criações notadas, mesmo quando o sucesso comercial não se encontra assegurado.

Se, há cerca de dois anos, anuiu em interpretar «Marco Polo» foi porque teve consciência de que lhe faltava um grande filme de capa e espada, que seria na sua carreira o que foi «Fanfan-la-Tulipe» na de Gérard Philippe. Abandonando «Marco Polo», Delon continuou fiel à sua ideia e rodou, no mesmo género, «La Toliipe Noire» — (realizado por Christian Jacque, como «Fanfan-la-Tulipe» e «Marco Polo»). Há três anos que o actor mantém um contrato com uma importante firma americana, a Seven Arts. Porém, neste espaço de tempo, recusou os quarenta temas que lhe foram propostos e, finalmente, quebrou o contrato para ficar livre dos temas e dos realizadores destes filmes. Foi ele que permitiu a Alain Cavalier realizar «Lettre a ma mère», baseado num assunto delicado, pois versava os últimos acontecimentos da guerra da Argélia, e que todos os produtores franceses se recusaram a financiar. Para o seu primeiro filme americano, o actor comprou os direitos de «L'homme à cheval», de Drieu-la-Rochelle (que é a história de um revolucionário que alcança o poder na Bolívia e combate para refazer a unidade indiana). Para adaptar este romance, impôs, a M. G. M., o realizador Sam Peckinpah, com o qual decidira rodar um filme, desde que vira «Tiro na serra».

Pelo que escolhe e pelo que elimina, Delon consolida uma brilhante carreira, minuciosamente calculada e arduamente conseguida, tal como uma campanha de Bonaparte.

O desconcertante e desenvolvimento Delon é, também, sério, apaixonado, trabalhador e calculista. Uma vedeta, uma verdadeira vedeta (o que é muito raro). Uma vida consagrada a merecer o sucesso, e, depois, a ultrapassá-lo. O cinema é, por vezes, isto. Na fachada, escândalos, noivados, «Jaguars», rupturas, os dons prestigiosos, espantosos, miratram para melhor fazer valer culosos. No íntimo, trabalho, homens que reflectem, que se exercitam e disciplinam e se consorçam minutos de luz passados em cena.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Morreu num hospital, aparentemente devido a asfixia, a actriz chinesa Lin Dai, de 33 anos, que o marido encontrara, inconsciente, num compartimento da residência, onde se notava forte cheiro a gás.

Conhecida na intimidade por Linda Ching, Lin Dai obteve, em dois anos consecutivos, no Festival do Filme Asiático, o prémio destinado à melhor actriz.

■ Uma multidão rompeu as barreiras formadas pela polícia e aclamou a actriz Sophia Loren, à sua chegada a Tel-Aviv, para tomar parte na película «Judith», de que é protagonista.

Acompanha-a seu marido, o produtor Carlo Ponti. A permanência de Sophia deverá ser, pelo menos, de dez semanas. Esta produção está orçamentada em 120 000 contos.

■ Com Charles Vanel e Jean Servais vai Alida Valli interpretar, na Guiana francesa ou no Brasil, «O Oiro no Inferno», produção de Jean-Gabriel Albicocco. Trata-se de uma aventura passada no «inferno verde» em busca de oiro, cuja rodagem será iniciada em Setembro.

■ O filme «Lilith» foi admitido, em representação do cinema norte-americano, no Festival de Veneza.

Produzido e dirigido por Robert Rossen, «Lilith» tem como protagonistas Jegg Seberg e Warren Beatty. A história, extraída do romance homónimo de J. R. Salzman, narra as vicissitudes da paixão que nasce entre um enfermeiro de um manicóquio e uma jovem doente.



Marcello Mastroianni busca, como «realizador», a coordenada espacial

MODERNIDADE DE FEDERICO FELLINI

INTERPRETAÇÃO DE «8 1/2» COMO CHAVE-PO

Para mim, fazer um filme é mais do que um simples gesto profissional — é uma maneira de me realizar e de dar um certo sentido à minha própria vida.

FEDERICO FELLINI

A publicação «Études Cinématographiques-Federico Fellini, 8.1/2», dada à estampa no fim do ano passado, é mais uma contribuição no sentido de fixar uma obra e um realizador discutidíssimos no panorama da cinematografia contemporânea. Vários críticos e ensaístas oferecem subsídios de diversa ordem para um esclarecimento intelectual da «situação-8.1/2», com toda a sorte de especulações acerca dos efectivos (ou não) valores do filme.

Sob a catadupa de prémios e os reflectores da crítica, «8.1/2» é o exemplo sintomático do filme que não se ignora. Antes e depois dos «Études», o clima foi de controvérsia — e cremos que continuará a ser. A propósito desta película, já se falou de tudo um pouco: Kirkegaard, Freud, surrealismo, Proust, Joyce, Casanova, Glé, análise de um sociedade, correlação cinema-literatura, noção do espectacular, Cagliostro, Diógenes, Chaplin, Welles e sentido de modernidade.

Fellini-Guido Anselmo (Mastroianni), com os seus olhos-esponjas que passam a realidade pelo crivo do subconsciente, abrindo-se a um universo simultaneamente objectivo, onírico e remissivo — eis a questão, e a volta da qual os conceitos se entrecrocaram. Sadoul chama-lhe «uma revisão infernal», situando a importância de «8.1/2» no itinerário felliniano. O filme pretende, efectivamente, ser o ponto de interrogação que um homem coloca a si próprio em determinad altura da sua existência. O arrojo de Fellini é evidente: trata-se do «esplendor de si próprio», como acentua Raymond Bellour, que acrescenta ser um filme que «oferece uma rara liberdade de imagem». E ainda Bellour que diz tratar-se de «uma das provas mais vivas de um cinema crítico ou de ensaio, que persegue o sonho difícil e sempre um pouco estranho de acordar o homem para a sua modernidade».

De resto, a questão-modernidade gira à volta de «8.1/2» com verdadeira obcecção. Do maior ou menor fundamento válido da posição felliniana (e fellinianismo já é um termo que ajuda a exprimir o poético dificilmente exprimível); de acordo com as perspectivas de cada um, é possível estabelecer determinadas e indiscutíveis prerrogativas. Alain Virmaux assinala que «8.1/2» traz uma nova dimensão ao problema de sempre: o do artista se inter-

rogar. E observa que «nada, em matéria de cinema, é comparável à tentativa felliniana». Faz, contudo, a seguinte objecção (e aqui avulta a tal questão-modernidade): «a inevitável comparação com «Marienbad» opera-se em detrimento de Fellini, porque a audácia de Resnais anula a indecisão da fronteira entre o sonho e a vida».

Mas observa cuidadosamente, levando em consideração o potencial poético de «8.1/2»: «Entenda-se que há o direito de preferir a sinceridade de acento, a exuberância lírica de Fellini».

«8.1/2» oferece várias formas de equívoco — ou de superior compreensão, processada através do que parece equívoco. O crítico soviético, Gregori Alexandrov acha que «Fellini, pela força do seu talento, criou um quadro que deixa uma impressão trágica», ao que Jean Collet opõe: «é o mais longo caminho: só o fogo é capaz de reconciliar «animus» e «anima», fogo do espectáculo e fogo do amor». E chama (em sentido figurado, naturalmente): «É precisa muita coragem — ou inconsciência — para falar de «8.1/2» em termos de crítica clássica. Quanto a Aristarco, afirma: «Podemos concluir que a biografia — e a de Fellini, para começar — não serve a cultura, a história, o conhecimento do homem ou de si mesmo».

A palavra «mistificação» também aparece. E Christian Jacotey que observa: «8.1/2» é uma mistificação útil. O caos do filme é o caos da vida de Guido: a criação nunca é fácil, é tormentosa». Renzo Renzi infiltra no grupo dos que foram tocados pelo filme: «Identifiquei-me com o protagonista, perdi todo o espírito crítico». Mas levanta uma curiosa objecção: «A minha adesão, contudo, não é total: quero dizer que a libertação final do protagonista não me libertou nas mesmas proporções». Muito maior rigor é o de Nicole Zand, que chama a «8.1/2», a «má consciência de uma consciência cristã». Naturalmente, encontramos um tom oposto nesta passagem de Collet. «É a marca precisa da mais irredutível construção do espírito: a conquista do espaço».

Com Pierre Billard (e Pierre Kast), somos avisados oportunamente: «tudo quanto se possa dizer em desfavor do filme, já lá está». Isto refere-se ao argumento Daumier, figura-chave da película, também um pouco da «consciência personalizada de Fellini», intelectual devastador — e fosse. Frisemos que Kast, a propósito de «8.1/2», invoca Rousseau, Stendhal, Amiel e Léautaud, enquanto Bellour fala do mais alto

irracional (Buñuel, Sternberg, Welles, Resnais), ainda acrescentado por Fellini com «um esplendor que entonteca».

E a altura de referirmos a importância que Barthélemy Amen-gual dá à metamorfose felliniana, do «espectáculo ao espectacular». Situando laboriosamente toda a obra de Fellini, analisa «8.1/2» da seguinte maneira:

«Depois de ter abolido toda e qualquer rampa que faria do mundo, que é de todos, um espectáculo para alguns, e do espectáculo um mundo imaginário, iria Fellini, como Narciso do espelho, encontrar-se de novo prisioneiro do espectáculo-microcosmo, reflexo irrisoriamente abstracto da Realidade enorme?»

Tudo o que se sabia de «8.1/2» o fazia temer. Um cineasta que escolhe para um herói um cineasta e para argumento de um filme a procura do argumento de um filme; que, no seu desenvolvimento, reencontra o seu próprio mundo e, coreógrafo, o transforma num espectáculo de que ele continua a ser o centro. O drama da importância criadora eleito como tema por um criador arrojado.

Felizmente, os nossos receios eram vãos. Apesar de todos os perigos e seducções da empresa, Fellini não renunciou ao seu realismo nem à sua moral. Mais: com «8.1/2», aprofundou as suas directrizes essenciais: melhor do que nunca, o quotidiano identifica-se com o espectacular e nega a distinção espectador-actor.

A noção de espectáculo — senão sempre a sua realidade — está presente, a todos os níveis, em «8.1/2». E, por isso, particularmente difícil limitar com precisão o filme no âmbito do próprio filme. Dos episódios oníricos, geralmente introduzidos através de uma modificação de ritmo — muitas vezes abrandando — ou da fotografia, que é sobreposta muitas vezes momentaneamente, não era lícito fazer outras tantas sequências do filme que Guido pretende realizar. Quando muito, tratar-se-á da previsão ou antecipação imaginária dessas sequências. No meio dos seus actores, o cineasta encontra-os ainda nos seus sonhos, nas suas alucinações e nas suas fantasias de olhos abertos. E não é possível isolar os projectos do seu filme do fluxo geral da sua actividade psíquica, do seu modo, como Fellini fez questão de nologar interior «em imagem». Estas notas revestem-se de toda a sua importância, se observarmos que os episódios digamos «pensados» — quer se trate de criação, reminiscência ou onirismo — começam, na maior parte, em forma de espectáculos. São

Fe

(Continuação)

tos acorreram levados pelo ma e que a afã e com caravilhosa dade do homem a vontade.

Ao longo da tame cumprime grama vasto fícios, obrigava a a a artes combinações, das preferências os horários vi que escolher todos os verda tre o cinema Contudo, mu continuarão a rem «la dolce»

Dividindo o salaremos ho viada é evid vimos — apr so — nos prin prova. No pr remos, port segunda meta que se lhe se sentes nas qu mente, no qu

www.ww

tem, no amp

«representa

Este text mente, um que parece s interpretando vo, «que é apenas com E não deixa tuar que — de equívoco preensão — ve que «8.1, magistralmen ram os que

Nada mais t isto significa criadora ser para obra de mo outro qu trovérsia á monstra, pr portancia da tida, ultrapapa juízos que filme definit ra cumprir tura de moc nematográfico

www.ww

Se é pre o me R

fogõ e qu a pre vante

www.ww

Festival de San Sebastian

(Continuação da 1.ª página)

tos acorrem a San Sebastian, levados pelo seu amor ao cinema e que a ele se dedicam com afeto e com carinho, como arte maravilhosa dada pela inteligência do homem aos homens de boa vontade.

Ao longo dos dez dias do certame cumpriu-se, pois, um programa vasto que impunha sacrifícios, obrigava a correrias e dava azo a artes e malabarismos de combinações, na harmonização das preferências de cada um com os horários vigentes. Houve, pois, que escolher (e sucede, assim, em todos os verdadeiros festivais) entre o cinema e o mundanismo. Contudo, muitos há (e sempre continuarão a existir que preferem «la dolce vita»...).

Dividindo o certame ao meio, falaremos hoje (de forma abreviada e evidente) das obras que vimos — apresentadas a concurso — nos primeiros cinco dias da prova. No próximo artigo trataremos, portanto, dos filmes da segunda metade do festival e no que se lhe seguirá das obras presentes nas demais secções. Finalmente, no quinto artigo, versare-

mos os prémios do certame e a sua atribuição.

● Mau cinema argentino e um excelente filme mexicano

«El octavo infierno» («O oitavo inferno»), película argentina de René Mugica, foi o primeiro filme que surgiu a contar para o concurso. O título começa logo por ser uma denominação dan-tesca e o filme é uma melodramática história de delinquência a que não falta, também, uma forte dose sentimental. É, em suma, uma película (de tema muito ao gosto dos habituais folhetins radiofónicos) do género policiaco-judicial dirigida com acerto e com um bom naipe de intérpretes, onde avulta Rosita Quintana. Destacam-se, ainda, Leonardo Favio, Bárbaro Mujica e Lautaro Murcia.

Revelando um erro judiciário, a película tem ainda, é justo vincá-lo, a virtude de pôr a nu falhas e lacunas de sistemas (penal e processual) ultrapassados. Está, contudo, bem longe de se aproximar de um cinema argentino de méritos reconhecidos e aplaudidos internacionalmente, e onde se expande e agita, já, agradável surto renovador.

«La boda» — a segunda película argentina apresentada no festival — viria, porém, colocar a cinematografia de Buenos Aires numa melhor e mais justa posição, ainda que de forma parcial.

Antecedendo a exibição de «El octavo infierno» foi apresentada a curta-metragem «Tinya», também argentina, de Guillermo Fernández Jurado.

Continuando na América hispânica, falaremos agora de «Los tiburones», um bom filme mexicano que, com um arranque optimo descamba, porém, aqui e além, para o melodrama, pecha que igualmente nos afflige como se vai vendo por aí (mas por forma incommensuravelmente pior) com fado, da Bica ou não, horas de amor, pegas e touros...

Se Luis Alcoriza — o seu realizador — tivesse mantido «Los tiburones» na linha inicial — uma linha que recordava gratamente os primores de «A ilha Nua» — teria acertado em cheio. O que não quer dizer que a película se tenha perdido. Não, absolutamente. A derivação verificada levando-a mais para um sentido de «valores humanos», com o problema de Aurélio, cuja vida não era apenas, a aventura do melhor «tiburono» de Tabasco, que regressado ao México, donde o chamavam mulher e filhos, não se adapta à sua nova «encadernação» de cidadão, endinheirado e importante, e logo decide voltar a ser «tiburono», uma actividade onde, realmente, sabia que era

util e importante, e se coadunava melhor com a pujança, vigor e masculinidade que não queria perder, apodrecendo num gabinete e numa casa que não o prendia. Neste filme de Luis Alcoriza (a primeira obra sua que vimos) há muitas coisas boas. Antes de mais, a intenção, e, depois, a realização. Muito bons e bem observados são, igualmente, os tipos costeiros e está também magnificamente captado o meio ambiente geográfico e social, onde se passa quase toda a acção. São intérpretes excelentes da película Tito Junco, Amanda del Llano, Alfredo Varela e o pequeno David del Campo.

Autentica surpresa e revelação (para nós e para mais uns quantos que, indiferentes à descrença geral, fomos ver o filme), «Los tiburones» apresentou-nos um notável realizador e um estilo de cinema mexicano tão afastado, infelizmente, das nossas galas (onde a cinematografia do seu país é uma coisa só mediocre e sempre a mesma) que, em certos aspectos, tem assinalável parentesco com o melhor do Emilio Fernandez dos tempos aureos. Mais moderno, actual e depurado, Alcoriza foi autentica revelação, com o seu «Los tiburones», película excelente e quase um autentico filme de festival.

● Destacada presença francesa e uma comédia ao gosto alemão

O cinema gaulês, apesar da tão falada crise, dos ataques quase constantes à gente da nova vaga (e, a verdade se diga, poucos dos primeiros se mantiveram à altura da expectativa criada) continua a marcar uma posição destacada por todo o lado, seguro e brilhante. Este festival de San Sebastian comprovou que assim é, na verdade. Passado o primeiro e grande impacto, houve, sem duvida, um momento de crise que, hoje, nos parece já debelado. A qualidade superou a quantidade e vão surgindo novos, seguros, confiantes e sabedores, que iniciam outros e brilhantes períodos. No ano passado, San Sebastian assinalou e premiou um nome — Robert Enrico, realizador de «Au coeur de la vie» (formado pela célebre curta-metragem «A ribeira do mocho» e duas outras novas, sobre o mesmo tema geral e admirável qualquer delas). Desta vez, embora sem tantos galardões oficiais, mas com aplauso prolongado e unânime, o certame destacou outro nome jovem: Pierre Granier-Deferre, realizador de «Les aventures de Salavin», onde o protagonista, Maurice Biraud (actor do teatro e do cinema, homem da rádio e da TV), luz predicados notáveis como comediante da mais fina água.

Se não existisse já Tati, este Salavin merecia as honras devidas à originalidade. Mesmo assim, há que saudar o engenho do jovem realizador (que nos confessou a grande amizade e admiração que o ligam a François Truffaut, de quem não enjeita certa influência) apoiando a fábula original em determinadas sequências de humor e em situações levemente «picantes». «Les aventures de Salavin» e os seus realizador e intérprete merecer-nos-ão, em breve, referência mais circunstanciada, pelo que nos referiremos a seguir, aos demais filmes franceses.

Georges Franju foi o outro director da cinematografia gaulesa escolhido para a representar em San Sebastian. E fê-lo com «Judex», obra já exibida entre nós e, portanto, suficientemente conhecida de todos quantos se interessam verdadeiramente pelo cinema. Lamentavelmente, porém, grande parte da assistência do festival não soube compreender esta ressurreição do «homem da capa negra, vingador e justiceiro», bem como os motivos de tal retorno.

A obra de Franju (onde há sempre uma boa percentagem de arte e outra não menor de ofício) mereceu, contudo e felizmente, a compreensão e a admiração de muitos, impondo-se, despertando curiosidade e mantendo todo o interesse ao longo de quase duas horas de projecção.

A ressurreição de «Judex» vingou efectivamente, não obstante, o desapego ruidoso (e pouco inteligente) de alguns.

A França apresentou, ainda, uma série desenvolvida de cur-

tas-metragens, grande parte delas da autoria de jovens e desconhecidos realizadores, que tiveram a melhor aceitação e comprovam, uma vez ainda, que o surto renovador não cessa e continua a dar bons frutos. Dentre esses filmes destacamos: «Jean de la Fontaine», colorido e dirigido por Jacques de Casembroot que reconstitui com gravuras a vida daquele que recriou as fábulas e com elas alcançou o galarim da fama; «Eve sans treve», a branco e preto, com realização talentosa de Philippe Auzan. É a história deliciosa, contada em 11 minu-

brida, Sean Connery, famoso pela sua criação de James Bond, «sir» Ralph Richardson (que em Maio interpretou Shakespeare, entre nós) e Alexander Knox.

Filme nitidamente comercial, na sua trama joga-se principalmente com a codicia como móbil acção. Esta desenrola-se em interiores luxuosos, a bordo de um iate e — contraste muito «spanish typical» que os nossos vizinhos não apreciaram grandemente... — em alguns exteriores de Maiorca, pobres e feios. Obra discreta mas efectivamente comercial, o publico segue com inte-



Maurice Biraud, actor aplaudido do teatro e também do cinema, homem da rádio e da TV, e Salavin, cujas aventuras Pierre Granier-Deferre dirigiu com acerto e brilhantismo, embora repetindo-se para o final. O excelente trabalho de Biraud conferiu-lhe, aliás, direito justificado ao prémio para a melhor interpretação masculina.

tos, de um jovem estudante tímido que não ousa dirigir-se à sua amada, mas que sonha e fantasia, desembaraço «donjuanesco», triunfos e valentia, até que, por fim, ela, a «Eva», tem de tomar a iniciativa...; e «Un honnête homme» dirigida pelo conhecido autor Ado Kyrour.

A Alemanha fez-se representar no festival por intermédio de uma comédia «Das haus in Montevideo», («A casa de Montevideo»), de Helmut Kautner. Baseado numa ideia engenhosa, sem duvida, o filme não é mais do que uma divertida comédia ao gosto alemão, isto é, uma comédia em que as situações equívocas se tingem levemente de verde... sem se ultrapassar, porventura, os limites convenientes.

Para um publico discreto, o filme de Kautner é uma sucessão de agradáveis aventuras, cheias de simpatia e, também, não falhas de graça. Mas a ingenuidade não basta como passaporte para um festival.

Heinz Rühman repete em «Das haus in Montevideo» pela centésima vez um papel arquissabido, o que, desde logo, faz destacar os méritos dos restantes intérpretes principais: Ruth Leuwrick, Paul Dahalke e Ilse Page. A Alemanha apresentou, a anteceder este filme de fundo documental interessante «Dopelkonzert» («Concerto para dois continentes»), de excelente colorido e realizado por Josef Spieker.

● Aparição discreta da Grã-Bretanha e recuperação argentina

Como vem sendo tradição a primeira presença britânica foi discreta, apagada mesmo. Dirigido por Basil Dearden, foi exibido o filme «Woman of Straw» («Mulher de palha»), com Gina Lollo-

resse crescente o desenrolar da acção que termina «bem», com final justiceiro e reparador.

Antecedendo esta película, foi exibida a curta-metragem holandesa «Operation Mud», de Ronny Erendts. Colorida, é mais uma película sobre um canal, versando o esforço gigantesco do homem procurando uma vida melhor.

A recuperação argentina verificou-se com o filme «A boda», dirigido por Lucas Demare, realizador de méritos e créditos firmados e agora também director do Festival de Cinema que anualmente se celebra no seu país.

A recuperação deu-se, efectivamente, mas não por valor do argumento escolhido. Com efeito, a mediocre novela «La boda», de Angel Maria de Lera, tema de centenas de peças, em prosa e em verso ou com musica zarzuelera, que tem corrido, repetidas vezes, pelos palcos espanhóis para padecimento do seu publico, foi, inexplicavelmente, escolhida para ser transposta para o cinema. O resultado, obtido cifra-se nisto: uma boa realização, uma excelente fotografia e uma interpretação discreta (salvo a da parêntese protagonista) trouxeram, ainda, mais a tona de água, a fragilidade e os defeitos do texto novelesco. Lucas Demare foi o responsável principal por esta recuperação parcial da Argentina, graças ao brilho da sua direcção. Contudo, os seus méritos justificavam bem outro tema mais à altura do valor que, incontestavelmente, possui.

A interpretação dos protagonistas Graciela Borges e José Suárez, lutando contra o artificialismo dos tipos criados pelo novelista, tiveram também, a sua quota parte nesta recuperação argentina que teria sido melhor, total, se o tema do filme valesse algo

(Continua na página seguinte)

RICO FELLINI CHAVE-POÉTICA

Sternberg, a acressa um esplendor

irmos a im-emy Amen-e felliniana, pectacular, mte toda a a «8 1/2» da

lido toda e faria do, um especdo espectá-ndário, tria-ao espelho, prisioneiro, osmo, refle-stracto da

de «8 1/2» ineasta que um cineas-te um filme de um desenvolveu-seu próprio o transfor-de que ele o. O drama a eleito cor-arrojado.

os receios e todos os a empresa, ao seu reatoral. Mais: lou as suas melhor do no identi-ular e nega-actor.

culo — se-ualidade — s os níveis, isso, parti-mitar com ambito do isódios on-troduzidos de es abrand-a, que é so-s momenta-to fazer ou-s do filme e realizar.

se-d da pre-imaginária, meio dos sta encon-sonhos, nas suas fan-s. E não é projectos do geral da sua lo seu mo-questão que imagem», se de toda e observar-os digamos se trate de ou ontr-maior parte, ículos. São

bem, no amplo sentido do termo, «representações».

Este texto oferece, efectivamente, um pouco de ordem ao que parece ser o caos de «8 1/2», interpretando o processo narrativo, «que é o de fazer um filme apenas com a ideia de o fazer». E não deixa de ser curioso acentuar que — numa ultima forma de equívoco ou de superior compreensão — Michel Estève observa que «8 1/2» veio demonstrar magistralmente que se enganaram os que julgavam que Fellini nada mais tinha a dizer. Ora, isto significa que a impotência criadora será apenas um tema para obra de arte — um tema como outro qualquer. E que a controversia à volta de «8 1/2», demonstra, principalmente, a importância da proposta nele contida, ultrapassando já os próprios juízos que desencadeia. E um filme definitivamente liberto para cumprir a sua grande aventura de moderno testemunho cinematográfico.

Belenenses Benfica e Porto defrontam o Sporting nas três primeiras jornadas do «Nacional» de futebol

É o seguinte o calendário dos jogos do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão:

1.ª JORNADA — C. U. F.-Académica; Leixões-Sp. Braga; Sporting-Belenenses; Benfica-Lusitano; V. Guimarães-Porto; Seixal-Varzim e Torriense-V. Setúbal.

2.ª JORNADA — Académica-Torriense; Sp. Braga-C. U. F.; Belenenses-Leixões; Benfica-Sporting; Porto-Lusitano; Varzim-V. Guimarães e V. Setúbal-Seixal.

3.ª JORNADA — Académica-Sp. Braga; C. U. F.-Belenenses; Leixões-Benfica; Sporting-Porto; Lusitano-Varzim; V. Guimarães-V. Setúbal e Torriense-Seixal.

4.ª JORNADA — Sp. Braga-Torriense; Belenenses-Académica; Benfica-C. U. F.; Porto-Leixões; Varzim-Sporting; V. Setúbal-Lusitano e Seixal-V. Guimarães.

5.ª JORNADA — Sp. Braga-Belenenses; Académica-Benfica; C. U. F.-Porto; Leixões-Varzim; Sporting-V. Setúbal; Lusitano-Seixal e Torriense-V. Guimarães.

6.ª JORNADA — Belenenses-Torriense; Benfica-Sp. Braga; Porto-Académica;

Varzim-C. U. F.; V. Setúbal-Leixões; Seixal-Sporting e V. Guimarães-Lusitano.

7.ª JORNADA — Belenenses-Benfica; C. U. F.-V. Setúbal; Leixões-Seixal; Sporting-V. Guimarães e Torriense-Lusitano.

8.ª JORNADA — Benfica-Torriense; Porto-Belenenses; Varzim-Sp. Braga; V. Setúbal-Académica; Seixal-C. U. F.; V. Guimarães-Leixões e Lusitano-Sporting.

9.ª JORNADA — Benfica-Porto; Belenenses-Varzim; Sp. Braga-V. Setúbal; Académica-Seixal; C. U. F.-V. Guimarães; Leixões-Lusitano e Torriense-Sporting.

10.ª JORNADA — Porto-Torriense;

Varzim-Benfica; V. Setúbal-Belenenses; Seixal-Sp. Braga; V. Guimarães-Académica; Lusitano-C. U. F. e Sporting-Leixões.

11.ª JORNADA — Porto-Varzim; Benfica-V. Setúbal; Belenenses-Seixal; xal; Sp. Braga-V. Guimarães; Académica-Lusitano; C. U. F.-Sporting e Torriense-Leixões.

12.ª JORNADA — Torriense-Varzim; V. Setúbal-Porto; Seixal-Benfica; V. Guimarães-Belenenses; Lusitano-Sp. Braga; Sporting-Académica e Leixões-C. U. F.

13.ª JORNADA — Varzim-V. Setúbal; Porto-Seixal; Benfica-V. Guimarães; Belenenses-Lusitano; Sp. Braga-Sporting; Académica-Leixões e C. U. F.-Torriense.

O início do campeonato está marcado para o dia 11 de Outubro, mas na noite anterior efectua-se, na Luz, o jogo Benfica-Lusitano.

Sp. Braga-V. Guimarães; Académica-caso disso, será marcado para o dia 18 de Outubro.

Lista dos concorrentes à Volta a Portugal, em bicicleta

Na Federação Portuguesa de Ciclismo deram entrada os seguintes pedidos de inscrição para a Volta a Portugal, em bicicleta:

ACADÉMICO — Alberto Carvalho, Manuel Castro, Francisco Marinho, Augusto Cardoso, José Vieira, Albino Mendes e Agostinho de Sousa.

CEDEMI — Julio Abreu, Artur Moreira, José Azevedo, José Precioso, José Lopes e Adélio Neves.

OVARENSE — João Gomes, João Borges, Laurentino Mendes, Joaquim Amorim, José Vieira, Manuel Ferreira, Manuel da Costa e Manuel Fontela.

AGUEDA — Américo Castanheira, António Candido, Carlos Simão, Helder Manique, José Pedro Carvalho, Mário Almeida Figueiredo, Mina dos Santos, Mael Barreiro e Ramiro Martins.

ALPIARCA — Agostinho Correia, Amílcar Mateus, Lima Fernandes, João de Brito, João Centeio e Manuel da Costa.

FLANDRIA — Walter Bouquet, Guido Reybrouck, Marcel Ongeat, Van den Berge, Van Tongerlo, Alverman, Boonen e Vanden Lionel.

A Taça de Portugal

A primeira eliminatória da Taça de Portugal obedecerá à seguinte ordem de jogos:

Salgueiros-Luso do Barreiro, Torriense-Portimonense, A. Académica-Beira Mar, Braga-Sintrense, Pampilhão-Beja, Alhandra-Vitória de Setúbal, Lusitano de Évora-Vila Real, Varzim-Montijo, Espinho-União de Lamas, Peniche-F. C. Porto, Sporting-Marinhense, Benfica-Atlético, «Leões» de Santarém-Sanjoanense, Oliveirense-C. U. F., Boavista-Leça, Cova da Piedade-Farense, Seixal-Olhansense, Feirense-Belenenses, Covilhã-Barreirense, Oriental-Almada e Guimarães-Leixões.

Os encontros efectuar-se-ão nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.



A equipa do F. C. Porto, que conquistou o campeonato nacional de handebol de sete da I Divisão

Indeferido o pedido de inquérito

O assunto da selecção do Brasil, no Brasil, ficou ontem definitivamente resolvido com a decisão do sr. director-geral dos Desportos o qual decidiu não mandar proceder ao inquérito que fora solicitado pelo treinador demissionário, F. Vaz. Deste modo, a tentativa do sindicato dos treinadores de futebol não teve êxito, prevalecendo, assim, a autoridade da F. P. F.



Com as bolinhas, Germano Campos e João Campas, directores do Benfica

O F. C. Porto no Brasil talvez dispute três jogos

RIO DE JANEIRO, 11. — (A. N. I.). — A equipa do F. C. Porto, que chegou aqui de avião, no domingo, teve ontem uma sessão de ginástica e treino de bola, no campo do Vasco da Gama, e hoje volta a exercitar-se no Estádio do Maracanã, onde, na quinta-feira, às 21 horas locais (24 T. M. G.), defronta o Vasco da Gama, num encontro comemorativo do 66.º aniversário do clube carioca.

Conversando com os jornalistas, o presidente do F. C. Porto, sr. Nascimento Cordeiro, disse: «O meu clube tem possibilidade de realizar uma boa exibição. A minha equipa espera agradar a toda a colónia lusa e é para nós um prazer participar nas comemorações de data tão festiva».

Prosseguindo, afirmou: «O meu clube muito deve ao treinador Otto Glória, responsável, aliás, em grande parte, pelo bom nível de futebol alcançado em Portugal e o F. C. Porto não tem a intenção de rescindir o seu contrato». Esta última afirmação foi feita como resposta a uma pergunta feita pelos jornalistas, em consequência de circularem rumores no Rio de Janeiro, segundo os quais o Vasco da Gama, actualmente sem treinador, pensava obter o concurso de Otto Glória.

Por sua vez, Otto Glória declarou: «O Porto chegou ao Rio de Janeiro em plena força visto que a sua equipa é constituída por elementos jovens com uma idade média de vinte anos. É natural que a minha equipa possa realizar mais dois encontros no Brasil, possivelmente na cidade de São Salvador da Baía e no Recife, no Estado de Pernambuco».

Festival de San Sebastian

(Continuação da página anterior)

mais, efectivamente, (omeletas sem ovos, ninguém consegue...). A Argentina apresentou, também, uma notável curta-metragem colorida sobre a figura e personalidade multifacetada de Ramon Gomez de la Serna, dirigida por Osiás Wilenski.

● Cinema de intérpretes e os méritos de Bolognini

A terminar referir-nos-emos aos filmes «The night of the Iguana», de John Huston e «La corruzione», de Mauro Bolognini. Oriundas de dois países com largo renome e prestígio cinematográfico — Estados Unidos e Itália — e, além disso, obras de méritos inconfundíveis e bastante significativas, delas trataremos com maior desenvolvimento oportunamente.

«The night of the Iguana» é a última comédia de Tennessee Williams, cujas obras trazidas para o cinema nos submergem num universo tenso e atormentado, onde tudo gira à volta do eixo da sexualidade e onde as personagens carregam às costas o seu complexo como a tartaruga a sua carapaça. É um teatro atormentado que enfrenta o espectador com problemas que, embora não o interessando em princípio, prendem a sua atenção e produzem-lhe uma irritabilidade que quase chega a manifestar-se fisiologicamente. Assim, ainda que fosse só por esta força de fascínio, a obra de Tennessee Williams merecia ser estimada e respeitada.

John Huston respeitou inteira-

mente o clima da obra, acentuando com a lenta movimentação da camara tal impressão sobre o espectador. E respeitou, igualmente, o texto.

Mas «The night of the Iguana» é, ainda, filme de intérpretes, o que só merece elogios, pois Richard Burton, Ava Gardner, Deborah Kerr e Sue Lyon são comediantes de eleição, brilhando bem alto na constelação dos grandes nomes.

Mauro Bolognini renova em «La corruzione», a impressão que sempre nos deixa: é um realizador notável, com uma linguagem certa, exacta, brilhante e depurada, onde os caracteres são plenamente caracterizados e analisados em pormenor. Além disso, é sempre digna da melhor atenção a ambientação perfeita que cria em todas as suas obras.

O seu sentido amargo da vida é carregado de adversidades e de denso nu temático; mas humano sempre, como que arrancado da terra e com a ideia permanente de extrair sentimentos interiores. Há sempre, nas suas obras, uma patética sensação de cruza e de contrastes entre o espírito que corresponde ao clima burguês e aquele que pretende desligar-se do convencionalismo e preconceitos para alcançar o fim sonhado, dentro de uma linha de realismo que comove e sugestiona. Cruel e amargo, o mundo levará a «corruzione», o jovem puro que queria santificar a sua vida. Repetindo o que sempre acontece nos filmes de Bolognini será a mulher perversa umas vezes, frágil, terna e suave, outras, quem o arrastará para a queda. O jovem em causa é Jacques Perrin, pleno de expressividade, extremamente sensível. Secundam-no bem Rossana Schiaffino, bela escultura viva nascida do Mediterrâneo quente e generoso, e Alain Cuny, um francês de renome há anos, agora trazido de novo à actividade pelo cinema transalpino.

Antecedendo estes filmes foram apresentados os documentários «Nestinari», de Nikola Mincheu (Bulgária); «Peixes Exóticos», de Dona Barta (Roménia), e «Il ballo delle vedove», de Giuseppe Ferrara (Itália). Qualquer deles colorido, mas sem interesse de maior.

Campo e contra-campo



● A propósito do tema das obras de Tennessee Williams, corria em San Sebastian esta anedota deveras saborosa:

Um rapaz apaixonou-se por uma rapariga, é correspondido, casam-se e são felizes. Ao ter conhecimento do facto T. Williams comentou admirado:

— Que história mais original! Confesso que nunca me ocorreu tal coisa... Quem diria!

● Logo no segundo dia do festival, a delegação russa deu a sua conferência de Imprensa formal. A sala encheu-se a transbordar. Foi a reunião mais concorrida, pois a novidade era grande. O ambiente condizia inteiramente com o acontecimento de expectativa tremendo. Absolutamente à altura da sua missão e das circunstâncias, Carlos Fernandez Cuenca, director do festival, esteve presente à reunião e, a abrir, apresentou e saudou a delegação da U. R. S. S. Depois de tal atitude, tudo se normalizou. Choveram, então, perguntas e respostas num ambiente animado e deveras amigável. Chama-se a isto saber do seu ofício, ser oportuno, inteligente e diplomata. Em suma, Fernandez Cuenca estava atento ao quite.

● O filme «Woman of straw» tem exteriores rodados em Maiorca, exteriores pobres e feios que aborreceram os nossos vizinhos, como já referimos. Comentário a propósito e gracioso do jornalista Afonso Sanchez:

«Viram o local onde Gina Lollobrigida desembarca? Bem, sabemos logo a seguir porque ela diz que se trata de Maiorca... Primeiro foi Gibraltar, depois diziam que havia tifo em Gerona, e agora isto. Pérfida Albion!».

O. P.

mando um caminho, é preciso embarcar bem apetrechados, porque, de contrário, o naufrágio, descarrilamento ou colisão, far-se-ão sentir. Quantas vezes essa conclusão, visível a olho nu, vem aureolada, de um território de interrogação — campo de concentração de ideias rebeldes e inconformistas esfomeadas da «UNICA VERDADE» ou pelo menos, bandeirantes da melhor solução. O tempo impõe-se, rapaz! Esse decorador das rugas que nos cava, cicatrizes aqui e acolá, uma subtil demonstração de força, sempre renovada sempre presente, participa inexoravelmente no jogo. Os outros, os que lá se enterraram ou sobrelevaram querem um sim ou não — vedras concretas, definitivas, para a composição do seu xadrez. E depois de nos recusarem a venda de uma ida-e-volta desejam-nos boa viagem, porque isso das «apostas multilíngas» não é para todos. Agora, diz-me lá, após o desastre, arrimados a uma bengala-chicote, vamos lá saber quem nos sabotou o reicúlo.

*

Já se resmungava que o público é desprezado, os horários não são cumpridos, etc., quando surgiu um indivíduo com um cartão da assistência psiquiátrica, a pedir auxílio em moedas. Do primeiro do penúltimo da formatura, ninguém se mexeu, apenas uma senhora lhe perguntou se tinha troco de cinco escudos. Fizera a transacção, e a colheita prosseguiu com dádivas em segunda mão.

Fenómenos sociais, é claro.

*

No estribo do autocarro, o condutor agarrava um rapazito.

— Mas o meu companheiro «pirou-se» sem pagar.

— Se é teu companheiro podes pagar por ele.

— Bem, bem pareceu-me.

Os lugares foram preenchidos, e eu continuei à espera, mas sem relógio as horas passam mais depressa.

RODOLFO MACÁRIO VIEGAS

OS MEUS PROBLEMAS

(Continuação da anterior)

aconselhar os jovens. Mas, se cada um de vocês tem, só que seja uma pessoa capaz de vos ouvir e aconselhar — porquê, essas conversas separadas? Porque não conversam a três ou a quatro? Não seria um ponto de partida para as vossas conversas «graves» a dois?

3.º — Não sentes por outras raparigas a mesma atracção física que sentes por ela?

4.º — Essa ansiedade quando a não vês, seguida do desencanto quando a encontras — não é paradoxal, não! Talvez a ansiedade seja a consequência desses «momentos importantes» para ti, a que te referes. E o desencanto? Haverá um real desencanto? Porque te considera ela triste e os teus amigos alegres? Serás de facto «diferente» na sua presença?

5.º — Porque não colabora ela na resolução dos teus problemas? Falta de cultura, interesses diferentes, nível mental ou sensibilidade inferiores a os teus? Ou nunca lhos revelaste?

6.º — Porque não podes ajudá-la nos problemas graves que presentemente se lhe opõem? Agiste com a necessária discreção?

Respondendo-te com uma série de perguntas — porque não me expões factos concretos e porque na verdade penso que só tu podes encontrar-te a ti mesmo. Se quiseres ser mais explícito, fico ao teu dispor, com toda a simpatia.

TIAO

A actual geração encontra-se, na verdade, ante uma complexa e difícil tarefa. Quais foram, no entanto, as gerações que não enfrentaram missões complexas e difíceis? O reino da Utopia não existe...

Oxalá esta geração, tão prodiga de certezas, tão solícita em apresentar soluções e respostas para tudo (cito Guerra de Barros: «Se perguntar a qualquer um destes jovens qual é o seu mundo, ele define-o imediatamente»), assim saiba, queira e possa agir!

Por singular coincidência, nesse mesmo exemplar do «Juvenil», (jornal dos jovens para jovens), n.º 374, eu leio, sob a rubrica «Os meus problemas», o seguinte: «Nunca namorei por ser bastante nova. Meus pais não mo permitiram e eu não seria capaz de namorar.» E a resposta: «Se é a primeira a reconhecer que é bastante nova, como hão-de seus pais

permitir... etc.» Quem quiser dar-se ao incómodo de ler o resto, consulte a primeira coluna da pág. IV.

Agora pergunto eu: poderá uma geração obviamente tão inábil em resolver tão íntimos e ínfimos problemas oferecer quaisquer garantias quanto às soluções que diz possuir?

O sr. Carlos Lima vai mais longe: «A nossa (geração) deu um passo em frente: não só respeita religiosamente o mistério da vida — propõe-se possuí-lo. Para possuir o mistério da vida, acho eu, carece a actual geração de mais espiritualidade e menos soberba.

Talvez seja austero da minha parte eu colocar, sob a mesma bitola, tudo e todos, ou seja, quem tais consultas apresenta, por um lado, e quem, pelo outro, declara possuir a chave de todos os segredos e soluções. Mas não será injusto, tal-qualmente, acusar a ante-

rior geração, em bloco, de ter «provocado guerras avassaladoras que destruíram civilizações» (Barros)?

Saibam os amigos que nunca uma geração poderá ser incriminada por se ver a braços com uma guerra. Criados pelo espírito das gerações antecedentes e presentes, os problemas fundamentais persistem... Todavia, serei eu o último a atribuir-lhes carácter inevitável, perene, dado que, para além do habitual conceito dialéctico, outros pontos de vista, sem dúvida, me parecem concebíveis e absolutamente admissíveis.

Quer queiramos quer não, porém, um belo dia, a guerra torna-se presente, instala-se numa geração, apodera-se de milhões de vidas, destruindo, de facto, civilizações... De quem a culpa? — pergunto. Pode haver, simbolicamente, uns tantos que a originaram...

E quem garante ao sr. Barros que, amanhã, hoje, a sua geração não venha a ser imolada numa guerra? E, nesse caso, a quem lançar as culpas? E se, um dia, os seus filhos o incriminarem: «A sua geração, que não soube evitar isto e mais aquilo...», etc.

Convençam-se os amigos do seguinte (e triste é eu ter ainda de dizê-lo): toda a geração tem de suportar a herança, seja ela boa ou má, da geração anterior — é o preço pelo qual se paga a vida. E quem pretender nascer no reino da Utopia é preferível que nunca veja a luz do sol, pois não tem espírito metafísico — e sem este, estou certo, nada se consegue, nada se resolve. Contudo, talvez a metafísica não importe às gerações actuais...

Ora, a grande tarefa, a única obrigação, da actual juventude consiste, a meu ver, precisamente, em evitar que se torne cruel realidade a inquietante antevisão orwelliana 1984: um mundo mecanizado, sem metafísica, sem amor, sem esperança, sem HUMOR...

Mas, se até o sr. Gimenez Queirós se queixa do riso da juventude da minha geração ante as próprias levandades, vendo uma contradição no facto de conseguirmos rir de nós próprios, de uma parte, e não desrespeitarmos, de outra parte, o mistério da Vida — contradição essa existente, é claro, apenas na cabeça do sr. G. Queirós...

E, afinal, sem metafísica, sem humor, para onde caminhamos?

A minha geração também é aquela que assistiu às «premiéres» de Chaplin, esse «louco genial» (ai tão um!), que se permitiu zombar e criticar e rir de si próprio e de toda uma geração. Mas, pelos vistos, o riso foi abolido da actual geração, substituindo-se pelo humor negro, que este, sim, é lícito, é apanágio e produto da época...

Permito-me, contudo, manifestar a minha desarmónia: ergo a taça e proclamo: — Viva o bom humor chapliniano! Abaixo o humor negro e quem o criou!

Quem diz humor negro diz: Beatles, o inconcebível Halliday, B. B. e sua coorte, a divina Juliette Greco... enfim, Sartre, etc. Perdão! Ofendi um deus. Ouso, porém, afirmar que, só através da superação, em nós, de certos ideais preconcebidos e da mudança radical de certas opiniões outrora tidas por infalíveis, deificadas, conseguiremos aproximar-nos, um pouco, da luz. Repito: da LUZ.

«Incapacitada de mudar de pele, toda a serpente sucumbe». (Nietzsche).

Gostaria que meditassem, um pouco, no sentido desta frase...

ERNESTO ALFREDO KRUEGER

(Continua na página seguinte)

LEITURA PARA ADULTOS

E

LEITURA PARA JOVENS

Tibério vivia em Anacápi

O artigo do sr. Krueger levantou uma tremenda onda de protestos entre a gente moça. As considerações que ele teve efectivamente traduzem uma completa incompreensão da mocidade e dos problemas a ela implícitos.

Este facto não tem grande importância. A mocidade foi sempre mais ou menos incompreendida. Há provas sobejantes disso antigas e recentes. O que na verdade interessaria seria o modo sobranceiro, insultuoso, injusto com o que o sr. Krueger se debruçou sobre o assunto.

Ele está no pleno direito de citar Fernando Pessoa, tanto como eu o tenho de sem lhe contestar os méritos de artista, reconhecer que uma análise da sua obra ainda não foi autorizada de Fernando Pessoa, muito de aprovável e muito de reprovável. Mas deixemos isso e o sr. Krueger também.

O que me sugere esta carta são algumas considerações apresentadas por jovens, em artigos saídos no último número do «Juvenil». Não concordo que se critique o sr. Krueger dizendo-se que a geração dele originou duas guerras. Diga-se que assistiu a duas guerras — e as sofreu. Que culpa teve ela? Quais as causas próximas e remotas dessas guerras?

Tibério vivia em Anacápi, alcandorado em sua fortaleza, tendo, ao longe, o casario de Pompéia, as costas de Amalfi, a silhueta temerosa do Vesúvio. Ele vivia lá isolado, distante, mas o seu braço feria longe, cobrindo todo o Império Romano. Pelas cidades e pelos campos havia gente moça em cujas artérias corria o mesmo sangue quente, rutilante em cuja inteligência palpitava o mesmo fecho do porvir e em cujo instinto referiam as mesmas potencialidades características. Acaso essa geração era culpada dos crimes de Tibério?

Modernamente, um outro monstro ensanguentou a terra. Foi Hitler. Não morreram jovens sem conta nas masmorras, nos campos, de concentração, e não serão esses jovens de então os representantes legítimos da mocidade dos anos de 40?

Há que saber que os déspotas se apossam do poder por certas linhas e o manejam de determinado modo. Acaso, na

guerra do imperador Guilherme, ou na de Hitler a mocidade inteira se ergueu, acompanhando-os?

Não se confunda arregimentamento com a dádiva plena, com a comunhão efectiva e integral.

Diga-se que a mocidade a que pertenceu o sr. Krueger merece respeito, pelo que sofreu, pelo que a fizeram sofrer. — Esta é a verdade!

Sejamos justos, reconheçamos a essa mocidade a coroa de martírio que a cobriu e reconheçamos também a carência desse senhor em nos vir marcar o bom caminho.

SANTANA DE VASCONCELOS

Onde está o erro

«O erro está em que não se trata de um conflito entre gerações. Até porque o conceito de «geração» é muito vago, muito fluido. Trata-se, no fim de contas, de um problema de orgânica social. Deve reconhecer-se ao jovem o direito de se preparar para a vida; deve reconhecer-se ao adulto o direito de dar à vida o melhor da sua maturidade. Será que acontece isto, a uns e a outros? Se sim, porque se queixam? Se não, porque atiram as culpas para cima uns dos outros? Quando é que uns e outros reconhecerão que são irmãos ou igualmente feridos, ou igualmente esperancados ou igualmente desesperados?».

A. MOTA

Uma pergunta

«Nas suas absurdas e tão acerbas suposições, o sr. Krueger decerto não teve em mente o mais elementar discernimento de uma psicologia juvenil. Não sabia o que era, o que é a Juventude. Apetecia-me perguntar-lhe, sem sentimentalismos:

— O senhor é pai, sr. Krueger?».

«MÁRIO CELTA

O mal da Juventude...

Ex.ªs. Senhores. Os meus cumprimentos. Sou um leitor assíduo do «Diário de Lisboa» e como tal, todas as terças-feiras depara-se-me o «Juvenil». Já não sou um jovem na idade das rebeliões e dos sonhos, tal como acontece com aqueles que pulam nas vossas páginas To-

mas, pelo amor de Deus, não afirmem tão gratuita e categoricamente que esta ou aquela geração provocou deliberadamente, ou «preferiu provocar» guerra!! Aliás, pretender incutir, hoje, a responsabilidade das últimas guerras a A, B ou C, afigura-se-me tão obsoleto como definir os responsáveis pelas guerras púnicas...

Queria ainda lembrar aos amigos que, a despeito destas guerras, a minha geração deu à luz — para citar apenas alguns, ao acaso, — Einstein, Chaplin, Proust, Gide, Egas Moniz, Weininger, Picasso, Huxley. E é desta geração — repito — que o sr. Barros declara: «...a sua geração preferiu aniquilar civilizações em guerras avassaladoras». Não será isto pueril e será, realmente, necessário eu rectificar: — a minha geração viu-se envolvida em tais guerras?

E quem garante ao sr. Barros que, amanhã, hoje, a sua geração não venha a ser imolada numa guerra? E, nesse caso, a quem lançar as culpas? E se, um dia, os seus filhos o incriminarem: «A sua geração, que não soube evitar isto e mais aquilo...», etc.

Convençam-se os amigos do seguinte (e triste é eu ter ainda de dizê-lo): toda a geração tem de suportar a herança, seja ela boa ou má, da geração anterior — é o preço pelo qual se paga a vida. E quem pretender nascer no reino da Utopia é preferível que nunca veja a luz do sol, pois não tem espírito metafísico — e sem este, estou certo, nada se consegue, nada se resolve. Contudo, talvez a metafísica não importe às gerações actuais...

Ora, a grande tarefa, a única obrigação, da actual juventude consiste, a meu ver, precisamente, em evitar que se torne cruel realidade a inquietante antevisão orwelliana 1984: um mundo mecanizado, sem metafísica, sem amor, sem esperança, sem HUMOR...

Mas, se até o sr. Gimenez Queirós se queixa do riso da juventude da minha geração ante as próprias levandades, vendo uma contradição no facto de conseguirmos rir de nós próprios, de uma parte, e não desrespeitarmos, de outra parte, o mistério da Vida — contradição essa existente, é claro, apenas na cabeça do sr. G. Queirós...

E, afinal, sem metafísica, sem humor, para onde caminhamos?

A minha geração também é aquela que assistiu às «premiéres» de Chaplin, esse «louco genial» (ai tão um!), que se permitiu zombar e criticar e rir de si próprio e de toda uma geração. Mas, pelos vistos, o riso foi abolido da actual geração, substituindo-se pelo humor negro, que este, sim, é lícito, é apanágio e produto da época...

Permito-me, contudo, manifestar a minha desarmónia: ergo a taça e proclamo: — Viva o bom humor chapliniano! Abaixo o humor negro e quem o criou!

Quem diz humor negro diz: Beatles, o inconcebível Halliday, B. B. e sua coorte, a divina Juliette Greco... enfim, Sartre, etc. Perdão! Ofendi um deus. Ouso, porém, afirmar que, só através da superação, em nós, de certos ideais preconcebidos e da mudança radical de certas opiniões outrora tidas por infalíveis, deificadas, conseguiremos aproximar-nos, um pouco, da luz. Repito: da LUZ.

«Incapacitada de mudar de pele, toda a serpente sucumbe». (Nietzsche).

Gostaria que meditassem, um pouco, no sentido desta frase...

ERNESTO ALFREDO KRUEGER

(Continua na página seguinte)

Para um diálogo estruturado

(Continuação da 1.ª página)

ção e sem nervura, sustenta-
do apenas por um empurrão
inicial e depois por várias
achegas de diferentes lados
— que julgo não ser utópico
sugerir também a formação
dum secretariado rudimentar
adjunto ao «Juvenil», forma-
do por jovens que se encarre-
gariam de velar pelo desen-
volvimento consequente e dis-
ciplinado do colóquio. Em úl-
tima análise, cabe aos amigos
do nosso jornal decidir se uma
tal sugestão terá utopia ou
facto palpável.

No resto, a comunicação de
Nuno Rebocho pouco acres-
centa a esta inegável virtude
de ter ousado meter o dedo
numa ferida em que muito
boa gente — na qual imodes-
tamente me incluo — já ti-
nha reparado. Ele foi também
(como eu mesmo e provável-
mente todos os que tentarem
colocar antes de organiza-
do o colóquio) um participan-
te vítima da «conversa» des-
conexa a que vimos assistin-
do.

E gostaria também de pe-
dir aos que me lêem um mo-
mento de reflexão. Somos jo-
vens — de uma juventude
que defendemos até à última
— e jovens num tempo ex-
traordinariamente exigente.
Um tempo que, acima de tu-
do, nos exige que sejamos
também adultos, que nos exi-
ge que deixemos os devaneios
e as recreações românticas e
que revistamos o nosso entu-
siasmo, o nosso calor com a
razão, com a coerência, com
o método, com a disciplina.

E — agora só no que diz
respeito ao problema em ques-
tão — deixemos os velhos
métodos (métodos?) de críti-
ca, românticos (gosto-não-
gosto, choro-não-choro), im-

pressionistas, mistificadores e
mitificadores e (sem relutân-
cia!) fetichistas. Porque há
muitas maneiras de instaurar
tabus. Num tempo que co-
nhece a crítica estruturalista,
o facto dum crítico — pelo
menos assim lhe costumam
chamar — escrever «atemo-
riza-nos um pouco o experi-
mentalismo» e muitas outras
lamúrias sem um sentido crí-
tico mininamente verificável,
é uma prática, muito discreta
embora, fetichista. A pros-

pecção científica (sistemáti-
ca, entenda-se), a sondagem
estrutural, totalizante que as
modernas teorias críticas pre-
conizam, torna tudo isso es-
pantosamente ridículo e to-
talmente ineficaz. E nós, jo-
vens, defendemos sempre
uma eficácia aberta perante
as coisas...

Antes de mais, para o diá-
logo orientado que sugeri, eu
ousaria propor uma clarifica-
ção — tanto quanto possível
esgotante — de certos con-

ceitos essenciais que têm sido
muito usados mas que — des-
culpem-me a suspeita — du-
vido serem completamente
abarcados por muitos e até,
vamos lá, por alguns que os
utilizam. Sentir-me-ei orgu-
lhoso se me tiver enganado.
Mas penso que um certo véu
obscurantista, muito corrente
na nossa cultura, cobre ainda,
para muitas inteligências,
conceitos tão importantes co-
mo neo-realismo, surrealismo,
estruturalismo, concretismo,
experimentalismo, cuja deli-
mitação eu própria, em pri-
meiro lugar.

E até não desprezaria uma
revisão, segundo uma pers-
pectiva actual e dinâmica, de
outros fenómenos poéticos
(por ordem inversa) — pre-
sencismo, orfismo saudosis-
mo, simbolismo, pernasianis-
mo, romantismo (não se tem
falado num neo-romantis-
mo?), classicismos, gongonis-
mo, e por aí atrás, passando
pelas canções medievais e en-
troncando nos latinos e nos
áticos (tão importantes pela
descarnação essencialista da
sua linguagem poética), em
Salomão, nos orientais — e a
lista não acabaria.

Só depois, aclarados esses
centros nervosos, autênticos
nós polares, autênticas pedras
angulares para um diálogo
útil — eu sugeriria a sua ultra-
passagem, a planificação de li-
nhas de força em que fosse
possível dimensionar o facto
poético e a partir das quais
se pudesse estudá-lo e sobre
ele dialogar.

Ansiosamente — uma ânsia
que pressupõe uma confiança
intraível — espero a vossa
resposta, jovens da minha ida-
de. E sentir-me-ei feliz se eu
próprio puder trazer, depois,
também, alguma contribuição
útil ao NOSSO diálogo.

ALBERTO COSTA

«LINDA» — aguarela de Hugo Beja



DOIS POEMAS DE AMA BÁRBARA FANTASIA

Madeixa
macia
melânia
magia
e
s
g
u
i
a
murmúrio
sonâmbulo
de alga
meandro
adágio
flexível
ondino
meneio
volteio

volteio

EPÍLOGO

Sonhemos longamente
o caos agora e hora

a hora perfilada

Grito
antigo, o primitivo, o nosso
rasgado e fica
sangue no silêncio mutilado
o rosto igual
ó dor soada
nós somos os expostos
patentes ao sol

O sol é grande
longamente às armas
longamente nós
marcha imóvel desventrada
olhos perdidos
pulsos abertos a verter no
mar

LEITURA PARA ADULTOS

(Continuação da página anterior)

sultantes dos erros dos outros.
Ora vão à fava! Essa de alijar
culpas para os antecedentes é
já uma desculpa muito velha.
Que trabalhem. Produzam.
Criem responsabilidades e
cumpram-nas! Façam algo de
útil!

E depois então que se per-
mitam largar alguma opinião,
LUÍS BELO RIBEIRO
TAVARES

Sem razão — com razão

«Não tenho já uma idade
que se possa chamar muito
«Juvenil». Com os meus para
cima de 70 anos, gosto no en-
tanto de conviver com os mo-
ços que são, na verdade, «a
chama da vida». Com os meus
netos descobri o que verdadei-
ramente, é ser jovem.

...Aproveito para dizer que,
embora achando que os inter-
venientes juvenis nesta polémica
não têm completa razão, é
do lado deles que eu estou. Se
não têm razão — ainda nisso
têm razão. De quem é a culpa,
se não nossa?

...O sr. Krueger deu um mau
exemplo de educador, bara-
lhando o assunto em lugar de
o esclarecer. Como adulto, pres-
tou mau serviço à «classe»...
Contribuiu no entanto, para
que alguns espíritos juvenis
possam assentar ideias em tão
melindrosa matéria.

C. J. B.

«UM SIMPLES FATO AZUL»

(Continuação da 1.ª página)

Batem-me, beliscam-me, gri-
tam-me:

— É padeiro! É padeirinho!
Então esqueceste-te do barrete
de padeiro! Baixa a tola, caloi-
ro!

E um ou outro (aqueles que
eu odeio mais) rosnam-me aos
ouvidos, rindo:

— Maricas! És um covarde!
Defende-te!

Cravo as unhas nas mãos até
sentir o sangue. Aceito tudo,
sem um gesto, sem chorar. O
toque da sineta para as aulas
salva-me.

*

Nas aulas sofro de outra ma-
neira. Sou o único da turma a
quem os professores tratam
por tu. Um «tu» irónico, duro,
superior. Sou o padeirinho, e
pronto.

Quando um ou outro profes-
sor se interroga sobre quem
há-de chamar, a turma grita
em coro:

— Chame o padeirinho, sr. dr.
Os professores repreendem,
fingem-se zangados, mas aca-
bam por rir e chamar-me:

— Então vem cá tu, padeiri-
nho!

Levanto-me vermelho, com
ódio. Não choro. Nunca choro.
A chamada começa, vejo tudo
a andar à roda, lembro-me da
isenção de propinas, lá vou res-
pondendo. De repente, a uma
pergunta mais difícil, hesito. A
turma inteira aguarda, pres-
sentindo o triunfo. E se por
acaso respondo mal, o profes-
sor diz, sorrindo:

— Isto vai mal, isto vai mal!
Não sei como vai ser...

E a turma, com a alegria da
vitória, num barulho que quase
me endoidece, grita:

— Ele vai para padeiro, sr.
dr., não precisa das Ciências
para nada...

Regresso à carteira, sinto
vontade de partir tudo, de lhes
bater a todos. Mas quando o
intervalo chega e a troca reco-
meça, torno a aceitar tudo. Não
tenho medo, sei que sou mais
forte. Uma infância dura tor-
na as pessoas fortes.

Simplemente, não sou capaz
de fazer chorar ninguém: pre-
firo que se rião de mim.

*

Em casa batem-me sempre

quando chego. «Vens com cara
de quem apanhou», dizem-me.
E como não explico nada, as
bofetadas estalam.

Um dia, em que o meu pai
me batera com mais fúria que
nunca, gritei-lhe:

— Pai, pai! Chega... eu ex-
plico! Eles chamam-me padei-
ro, pai!

Senti-o vacilar, pela primei-
ra vez. Recompôs-se e berrou-
me:

— Eu sou padeiro e não te-
nho vergonha! Defende-te!
Contudo, não conseguiu con-
vencer-me e eu, pelo olhar cal-
mo que ele me lançou depois,
senti-me compreendido pela
primeira vez.

*

Ontem aquilo ultrapassou as
marcas. Há muito que sentia
não poder aguentar por muito
mais tempo, mas ontem foi de
facto de mais.

O meu pai tinha-me ofere-
cido um fatinho azul, consegui-
do á custa de muitas economias.
Sentia-me feliz e vesti-o com
alegria.

Quando cheguei ao liceu, ia
bem disposto. Todos me rodea-
ram, bateram, gritaram, como

habitualmente. Não lhes liguei.

A certa altura o Ramos, no
seu passinho irritante e nervo-
so, aproximou-se:

— Olá, padeiro! Então de fa-
to novo, hein? Quanto é que o
teu pai lá roubou na padaria
para te dar esse fato?

Dei um passo e fitei-o. Devia
haver qualquer coisa de dife-
rente em mim porque ele esta-
cou, surpreso. Quando re-
começou a rir, atirei-lhe um
tremendo soco ao estômago.
Vi-o vergar-se, com um uivo
de dor. Concentrei toda a mi-
nha força, todo o meu ódio de
meses e atirei-o contra a pare-
de. Quando caiu chorava. Cho-
rava e tinha a cara em san-
gue.

Tocou para a aula.

*

No intervalo seguinte, aguar-
dei o ataque. Estava disposto a
tudo. Fora um simples fato
azul que me fizera transbordar.
Vi-os chegar. Falaram-me, não
me bateram.

Quando tocou novamente,
senti os olhos molhados. Ti-
nham-me chamado João.

DANIEL SAMPAIO